J. Oswald Sanders

PAULO, O LÍDER

Uma visão para a liderança cristã hodierna

Editora Vida

ISBN 85-7367-208-0

Categoria: Liderança

Este livro foi publicado em inglês com o título
Paul the Leader

© 1983 por J. Oswald Sanders
© 1986 por Editora Vida

1ª impressão, 1986
2ª impressão, 1988
3ª impressão, 1991
4ª impressão, 1992
5ª impressão, 1994
6ª impressão, 1996
7ª impressão, 1997
8ª impressão, 1999
9ª impressão, 2000
10ª impressão, 2001
11ª impressão, 2002
12ª impressão, 2004
13ª impressão, 2005

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Vida, rua Júlio de Castilhos, 280
03059-000 São Paulo, SP — Telefax: (11) 6618-7000

As citações bíblicas foram extraídas da Edição Revista e Atualizada, da Tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, exceto onde outra fonte for indicada.

Capa: Ana Maria Bowen

Impresso no Brasil, na Editora Betânia

Digitalização e edição: Semeador Jr.

Índice

Prefácio.....4
1. Um Homem Igual a Nós.....5
2. A Preparação de um Líder.....8
3. Qualidades de Liderança de Paulo.....26
4. A Visão Que Paulo Tinha de Deus.....46
5. Paulo e a Doutrina da Cruz.....54
6. Exemplar Vida de Oração de Paulo.....58
7. Paulo como Comunicador.....64
8. Paulo, o Dirigente Missionário.....70
9. Opiniões e Convicções de Paulo.....76
10. Paulo e o Papel das Mulheres.....109
11. Paulo e sua Filosofia da Fraqueza.....118
12. Paulo Treina um Líder.....123
13. Esforçando-se para Alcançar o Alvo.....130
Notas.....132

Prefácio

Este volume resulta de um pedido que me fizeram para que, em continuação ao meu livro anterior, *Liderança Espiritual*, escrevesse um outro, esclarecendo com exemplos da vida e do ministério do apóstolo Paulo, os princípios de liderança ali enunciados.

Reconheço que autores mais capazes já escreveram muitas obras mais importantes sobre Paulo, mas até agora não encontrei nenhuma que tratasse especificamente da vida do apóstolo vista por este ângulo. O fato de muitos haverem expressado a opinião de que um livro dessa natureza viria preencher uma lacuna, estimulou-me a fazer a tentativa.

Na preparação deste trabalho reconheço uma dívida especial a um pequeno volume publicado no começo do século — *Paulo, o Homem*, da autoria de Robert E. Speer, Secretário da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. É um estudo extremamente perceptivo e valioso a respeito do apóstolo.

Espero que este livro seja útil no estudo da Bíblia e nos grupos domésticos.

J. Oswald Sanders

1

Um Homem Igual a Nós

Parece haver uma evidente falta de liderança forte, segura, carismática de que nossa época confusa necessita com tanta urgência. Um cidadão preocupado, perturbado pelas condições predominantes e pela incapacidade dos dirigentes de sua nação encontrarem uma panaceia para seus males, comentou:

> A conjuntura crítica não encontrou senão atores de segunda categoria no palco político, e o momento decisivo foi negligenciado porque os corajosos eram deficientes em poder, e os poderosos deficientes em sagacidade, coragem e resolução.[1]

Essas palavras soam como se proferidas em nossos dias, mas foram escritas há um século, por Friedrich Stiller. Será que as coisas mudaram de maneira essencial nos anos intervenientes? As palavras vividas de nosso Senhor estão-se comprovando verdadeiras, e diagnosticam com precisão as condições atuais: "Sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas" (Lucas 21:25).

As condições mundiais terão piorado consideravelmente desde aquele tempo, mas seria muito apropriada a mesma avaliação da época atual. Cada geração tem de enfrentar e resolver seus próprios problemas de liderança, e hoje nos defrontamos com uma crise aguda de liderança em muitas esferas. É uma crise após outra; nossos líderes nos oferecem poucas soluções, e o prognóstico não é de maneira nenhuma tranquilizador.

A Igreja não tem escapado a esta escassez de liderança competente. A voz que outrora soou uma clarinada de esperança à humanidade sitiada está agora estranhamente silente, e a influência da Igreja na comunidade mundial tornou-se mínima. O sal perdeu muito do seu sabor, e a luz o seu brilho.

O mero lamentar deste estado de coisas é contraproducente. Um tratamento mais construtivo seria descobrir de novo os princípios e fatores que inspiraram a di-

nâmica liderança espiritual de Paulo e de outros apóstolos nos dias serenos da Igreja, e esforçar-nos por aplicá-los à nossa própria situação. Os princípios espirituais são permanentes — não mudam de geração para geração.

Um amigo observou: "Não é humilhante vermos nossas próprias faltas correndo de um lado para outro sobre duas perninhas?" Quando vemos as faltas corporificadas em alguém, as nossas próprias se nos tornam dolorosamente óbvias. De igual maneira, podemos captar os princípios espirituais mais prontamente quando os vemos corporificados em alguém do que quando formulados como meras proposições acadêmicas.

É por isso que um dos mais recompensadores estudos da Bíblia é investigar a interação da divina providência e da personalidade humana nas vidas de homens e mulheres iguais a nós; e descobrir como as condições e experiência da vida anterior foram controladas e moldadas por mão habilidosa e beneficente.

Devemos ser gratos que a inspiração divina tem assegurado a preservação e seleção dos fatores providenciais envolvidos. Os fatos simples, sem retoques, foram registrados de uma maneira direta, sem nenhuma tentativa de retocar o quadro. A Bíblia é cuidadosa no retratar seus personagens como realmente foram, sem ocultar nenhum defeito.

É em nosso Senhor, e não em Paulo, que vemos o ideal de liderança, pois á ele o líder por excelência. Alguns há, porém, que acham a perfeição de Cristo amedrontadora e um tanto desencorajadora. Pelo fato de ele não haver herdado natureza pecaminosa como nós, acham que isto lhe confere uma ampla vantagem, e o afasta da arena das lutas e fracassos terrenos na qual a maioria se encontra. Parece que ele está tão acima deles que não conseguem obter muita ajuda prática de seu exemplo brilhante. Embora esta perspectiva surja de uma concepção errônea da natureza da ajuda que Cristo pode oferecer seus resultados são muito reais.

No apóstolo Paulo, Deus proporcionou o exemplo de um "*homem semelhante a nós*" (Tiago 5:17). Na verdade, ele era um homem de estatura dominante, mas era também um homem que conhecia o fracasso tão bem quanto o sucesso; um homem que clamava em desespero: "Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte?" Não obstante também exultava: "Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor" (Romanos 7:24-25).

Essas e outras expressões de seu coração trazem-no para as nossas ruas, onde mais facilmente podemos identificar-nos com suas experiências. Ele não foi um "santo inimitável", mas um homem frágil, falível como nós, que fala às nossas necessidades.

Por isso, em Cristo temos, a inspiração de um verdadeiro Homem que nunca falhou, enquanto em Paulo temos o estímulo de um homem que caiu e se levantou. "Um homem perfeito revela o ideal; um homem derrotado e finalmente vitorioso revela o que, pela graça de Deus, podemos vir a ser... Precisamos de Jesus de um lado e Paulo do outro se quisermos andar em triunfo ao longo do difícil e perigoso caminho."[2]

Para que o estudo dos princípios de liderança de Paulo tenha proveito permanente, é preciso que seja mais do que acadêmico. Cada leitor, em sua própria vida e esfera de serviço, necessitará dominá-los e traduzi-los em ação. Os fatos devem tornar-se experiência.

Devemos ser gratos a Paulo pela inconsciente autorrevelação que caracteriza suas cartas. Aprendemos muito mais a respeito dele por meio de suas referências indiretas e espontâneas do que pelo material histórico de Lucas no livro de Atos. Em sua biografia de A. W. Tozer, D. J. Fant adotou o método de interpretar o homem por via de seus próprios escritos, método este que observarei nestes estudos.

Em Paulo encontramos um protótipo inspirador do que um homem totalmente confiado às mãos de Deus pode realizar em uma geração. Teremos como propósito vê-lo especialmente em seu papel de líder da Igreja; considerar suas opiniões sobre assuntos pertinentes; examinar as qualidades que fizeram dele o homem que foi, e descobrir como esses traços contribuíram para sua extraordinária liderança.

2

A Preparação de um Líder

Desde os primeiros dias dos quais temos registro, Paulo exibiu incipientes qualidades de liderança que se desenvolveram com o correr dos anos. Embora devamos evitar o erro de atribuir-lhe qualidades quase sobre-humanas de santidade, não podemos fugir à conclusão de que ele era um homem de imensa estatura e personalidade — uma dessas colossais figuras que se impõem indelevelmente na história. Não obstante, um estudo mais chegado revela um homem "sujeito aos mesmos sentimentos", vulnerável, amável, cuja vida foi traduzida como extraordinária por uma fé mais que comum e por uma submissão sem reservas ao seu Senhor.

Ele tem sido considerado o cristão mais bem-sucedido do mundo, e sua carreira a mais assombrosa da História. Talvez nenhum outro tenha atingido as mesmas alturas em tantas esferas de ação. Sua versatilidade era tal que parece que ele possuía todos os dons. Mas a despeito deste registro que inspira espanto, em seus escritos ele tem êxito em comunicar com o crente humilde com a mesma facilidade que o faz com o filósofo erudito.

Tem-se sugerido que um paralelo dos dias atuais com o apóstolo Paulo resultaria num homem capaz de falar chinês em Pequim, citando Confúcio e Mêncio; escrever teologia intimamente arrazoada em inglês e expô-la em Oxford; defender sua causa em russo perante a Academia Soviética de Ciências.

John Pollock em um dos seus livros fala da impressão que lhe causou um estudo da vida e obra de Paulo: "O nariz de um biógrafo desenvolve uma espécie de instinto, e antes que decorresse muito tempo fui afetado pela credibilidade e autenticidade da pessoa que emergia dos Atos dos Apóstolos e das Epístolas tomados como um todo. Um personagem convincente, com uma história perfeitamente digna de crédito, embora extraordinariamente fora de comum."[1]

Nas referências autobiográficas em suas cartas, Paulo traça um quadro de si mesmo antes da conversão como um cidadão moral, bem-sucedido e legalista. Reexaminando sua vida naquele tempo, pouco motivo ele via para censurar-se, e não evi-

denciava nenhum senso de estar sob o desfavor de Deus. Na verdade, se alguma coisa sentia, deveria ser o contrário. Não foi um dissipador de sua vida. Ele podia colocá-la ao lado da lei de Deus sem nenhum senso indevido de ter deixado de cumprir com suas obrigações. Mas o seu excessivo zelo encontrou expressão indigna na implacável perseguição que movia aos seguidores de Cristo. Essas qualidades combinaram-se para fazer dele uma das mais difíceis pessoas de converter-se ao Cristianismo, por estar por demais convicto de sua própria integridade.

Sua personalidade complexa era unificada, porém, por uma notável singularidade de propósito. Suas imensas forças intelectuais tê-lo-iam feito notável mesmo que ele não se tivesse tornado cristão. De todos os apóstolos, só ele foi intelectual, fato este que devia comprovar-se de grande significado no progresso de sua nova fé. Se o Cristianismo quisesse conquistar o mundo intelectual, moral e espiritualmente, precisaria de alguém do calibre de Paulo para explicar e reforçar o significado da morte e ressurreição de Cristo e outras doutrinas afins.

Quase todos os demais apóstolos exibiram algum dom distinto ou traço de caráter; mas o caráter de Paulo apresentava tantas facetas que nele todas elas pareciam aglutinar-se. Pedro, por exemplo, era extremista, e André, conservador. Em Paulo ambas as qualidades são evidentes. Às vezes, ele era arrojado e impetuoso como Pedro, mas quando necessário, ele seria tão cauteloso quanto André. Ele era conservador no que se referia à questão de princípio, mas ao mesmo tempo estava preparado para adotar métodos radicais para atingir o seu fim.

Onde o princípio estava claramente em jogo, ele era inflexível e não cedia, mesmo que a pessoa envolvida fosse o prestigioso apóstolo Pedro. Quando estava em discussão o importantíssimo problema da liberdade cristã, Paulo disse aos gálatas: "Nem ainda por uma hora nos submetemos, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós" (Gálatas 2:5).

Herança e treinamento

A herança desempenha uma parte importante na vida. Na providência de Deus, a preparação de um líder começa antes do seu nascimento. Jeremias reconheceu esta soberana atividade divina quando registrou a palavra do Senhor a ele: "Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e antes que saísses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações" (Jeremias 1:5). Ele estava predestinado à liderança, mas devia descobrir que sua preparação haveria de requerer um longo e às vezes doloroso treinamento. Paulo também estava cônscio de ser objeto de uma vontade determinante e benéfica, embora o caminho a percorrer se desdobrasse lentamente diante dele.

Por volta do ano 33 da nossa era, Paulo cuidava das roupas dos que apedrejaram Estêvão. Ele foi descrito então como "jovem" (Atos 7:58), termo que poderia aplicar-se a uma variação de idade que ia de vinte até mais de trinta anos. Se, como parece muito provável, ele era membro do prestigioso Sinédrio, devia ter então mais de trinta anos, a idade mínima para pertencer àquele corpo. Isto quer dizer que ele deve ter nascido mais ou menos no tempo em que Jesus nasceu. Num sermão atribuído a João Crisóstomo, infere-se que Paulo nasceu no ano 2 a. C. Admitindo-se que ele tenha morrido no ano 66 d. C., estaria com sessenta e oito anos, mais ou menos, quando foi executado.

Quanto à herança, Paulo vinha de uma família moderadamente rica, pois satisfaziam à qualificação de propriedade exigida dos cidadãos de Tarso. Seus pais, que eram da tribo de Benjamim, deram ao filho o nome de seu ilustre antepassado tribal, o rei Saul. Visto que o pai era cidadão de Roma, acrescentaram-lhe o nome latino, *Paulus*. A cidadania romana colocava-o entre a aristocracia de Tarso.

Visto que o pai de Paulo era fariseu rigoroso, ele cumpriria para com o filho todas as exigências cerimoniais da Lei com meticuloso cuidado. O próprio Paulo disse haver sido educado escrupulosamente segundo as melhores tradições dos fariseus. Que tragédia, que este corpo anteriormente semelhante aos puritanos se tenha deixado infeccionar pelo legalismo e pela hipocrisia!

Ele se orgulhava de sua ascendência e realizações, das quais escreveu aos crentes filipenses:

> Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível (Filipenses 3:4-6).
>
> Fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados (Atos 22:3).

Desse modo, todos os anos formativos foram calculados para prepará-lo a fim de ser um eminente fariseu e rabino, como seu grande instrutor Gamaliel.

Sua família falava o grego, e ele conhecia também o aramaico (Atos 22:2). Desde os primeiros anos de vida tinha familiaridade com a versão grega do Antigo Testamento, a Septuaginta, e dela ele teria decorado grandes trechos.

Sua educação primária, recebeu-a ele no lar ou numa escola ligada à sinagoga, pois seus pais eram escrupulosos demais para o confiarem a professores gentios.

À semelhança dos demais meninos de boas famílias, ele aprendeu uma profissão. Gamaliel sustentava que o aprendizado que não se fizesse acompanhar de uma profissão terminaria em pecado.

A profissão de Paulo, fabricar tendas, foi-lhe um bem valioso nos anos futuros. A cidade de Tarso, onde ele nasceu, tinha abundância de cabras monteses; o pelo comprido desses animais era tecido e usado para vestimentas exteriores ou tendas; esse material era conhecido como pano da Cilícia. A vantagem desta profissão era que ela podia ser exercida em qualquer lugar sem contudo exigir equipamento caro.

Paulo orgulhava-se de sua cidade de Tarso, e a descreve como "cidade não insignificante". Era uma das três grandes cidades do Império Romano que contavam com uma universidade; as outras eram Atenas e Alexandria, e se diz que Tarso superava suas rivais em eminência intelectual. A atmosfera escolar da cidade já havia, sem dúvida, influenciado a mente ávida do jovem.

Por volta dos quinze anos, Paulo teria empreendido a viagem a Jerusalém, onde moraria com sua irmã (Atos 23:16). Parece que alguns de seus parentes haviam abraçado o Cristianismo antes dele (Romanos 16:7). Em Jerusalém ele teria assistido aos emocionantes cultos no templo e teria observado com reverência os sacerdotes oficiantes e a fumaça que subia do altar do sacrifício.

Uma das muitas e claras manifestações da divina providência na moldagem da vida de Paulo foi o fato de que, provavelmente pela influência da família, teve o privilégio de ser "instruído aos pés de Gamaliel", que era chamado "a Formosura da Lei". Este erudito e notável rabino era um dos sete doutores da lei aos quais era conferido o honroso título de "Rabôni". Ele era da escola de Hillel, que abraçava uma visão mais ampla e mais liberal do que a de Shammai. Paulo foi, assim, exposto a um espectro mais amplo de ensino do que teria acontecido noutras circunstâncias. Diferente de Shammai, Gamaliel estava interessado na literatura grega e incentivava os judeus a se relacionarem com os estrangeiros. Dele, Paulo aprenderia sinceridade e honestidade de julgamento, e disposição para estudar e usar as obras de autores gentios.

Foi este mesmo Gamaliel que aconselhou moderação quando a multidão quis matar a Pedro e aos demais apóstolos. "Um fariseu, chamado Gamaliel, mestre da lei, acatado por todo o povo... lhes disse... Dai de mão a estes homens, deixai-os; porque se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não pode-

reis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus" (Atos 5:34-39).

Depois de preparado por Gamaliel, como fariseu qualificado e reconhecido, Paulo voltou para casa e aí ficou até que tivesse idade suficiente para empreender a tarefa de sua vida.

De passagem, convém notar que uma vez que Gamaliel não sancionou a perseguição, é difícil explicar a subsequente fúria desenfreada de seu aluno, a menos que se tratasse da expressão exterior da batalha feroz que se travava dentro de seu peito. Robert Speer sugere que "ele vivia em guerra consigo mesmo tanto quanto com os cristãos".[2]

Academicamente falando, Paulo fez progresso espetacular. Ultrapassou seus colegas de escola tanto em realização acadêmica quanto em zelo. Ele era "zeloso para com Deus", e "extremamente zeloso das tradições" de seus pais. Não é difícil imaginar a fúria das autoridades judaicas em face da perda de seu líder promissor.

Segundo já mencionei, é quase certo que ele fosse membro do Sinédrio, a suprema corte legal e civil dos judeus. Para fazer jus a essa honra, ele deveria ter mais de trinta anos de idade por ocasião da morte de Estêvão. O próprio Paulo diz ser um dos juízes que votaram a favor da morte dos cristãos. "Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e, contra estes dava o meu voto, quando os matavam" (Atos 26:10).

Naqueles dias era costume casar cedo; uma das qualificações necessárias para pertencer ao Sinédrio era que o homem fosse casado. O motivo que justificava esta provisão era que os membros deviam ser dados à misericórdia, e por certo um esposo e pai teria maior probabilidade de possuir essa qualidade do que um solteiro. O peso da evidência pareceria inclinar-se em favor de Paulo como homem casado, mas a Bíblia guarda silêncio quanto a este assunto. Há uma tradição que diz que ele era viúvo. Pode ser que depois de sua conversão ao Cristianismo sua família o tenha repudiado.

Vantagens

"E o que é verdade no caso de Paulo", escreveu F. B. Meyer, "é igualmente verdade quanto a nós. Uma providência está moldando nossos fins; há um plano que se desenvolve em nossas vidas; um Ser supremamente sábio e amoroso está fazendo que todas as coisas cooperem para o nosso bem. Na sequência da história de nossa vida veremos que houve significado e necessidade em todos os incidentes anteriores, salvo os que resultam de nossa própria loucura e pecado, e mesmo esses contribuem para o resultado final."[3]

Podemos discernir com clareza a mão controladora de Deus preparando-o para a liderança nas vantagens que Paulo usufruiu como resultado da herança e do meio ambiente.

É de duvidar que qualquer outro cristão do primeiro século reunisse a maioria das qualidades e qualificações que fariam dele um cidadão do mundo — um judeu vivendo numa cidade grega, com cidadania romana. Quer por nascimento, quer pelo preparo, Paulo possuía a tenacidade do judeu, a cultura do grego e a praticidade do romano; essas qualidades o capacitaram a adaptar-se aos poliglotas entre os quais ele devia atuar.

Essas qualidades também o adaptaram de modo singular para ser um líder missionário mundial. Para um cidadão romano não havia terras estranhas, de modo que a controvertida questão de extraterritorialidade que tem infestado a obra missionária por longo tempo não constituía problema para ele. Ainda não se havia pensado em vistos e passaportes. Paulo nunca poderia viajar sem que estivesse sob a proteção de sua própria bandeira, e já que um mesmo tipo de civilização dominava todo o Império, poucas eram as barreiras culturais a transpor. Também havia poucos problemas sociais, econômicos ou cambiais a vencer. Quase todo o mundo falava o grego, de modo que os problemas de língua eram mínimos. Além disso, a cidadania romana foi para ele uma grande bênção em diversas ocasiões.

Visto que ele obtera educação teológica aos pés do mais famoso rabino da coletividade judaica, ninguém poderia impugnar com justiça sua escolaridade ou seu extenso conhecimento da Lei. Também, ele estava igualmente familiarizado com os sistemas filosóficos correntes, e podia disputar com seus oponentes no terreno destes. “Falava e discutia com os helenistas” (Atos 9:29).

Sua habilidade de fabricar tendas não permitiu que ele fosse um peso financeiro às igrejas que surgiam. E as pressões que as obrigações econômicas muitas vezes geravam eram assim removidas. Isto lhe permitia a liberdade de aconselhar ou reprovar, o que teria sido muito mais difícil caso ele dependesse financeiramente das igrejas.

Desvantagens

Muitos missionários hoje aceitariam de bom grado as vantagens que Paulo usufruía. Mas essas vantagens eram provavelmente mais do que contrabalançadas por outras desvantagens sob as quais ele e seus colegas tinham de trabalhar.

Violet Alleyn Storey escreve: “Alguém disse que todos aqueles que pensam estar em desvantagem por alguma aflição do corpo ou do espírito para realizar uma obra nobre na vida, lembrem-se de Paulo; de Milton, o cego, que contemplava o Paraíso; de

Beethoven, o surdo, que ouvia grandes harmonias; de Byron, o aleijado, que galgava os céus alpinos! Aqueles que alegam desvantagens, lembrem-se desses."

Na maioria das vezes, Paulo não tinha um lugar apropriado no qual pregar. Dentro em pouco ele foi considerado um perigoso criador de problemas, e as sinagogas fecharam-lhe as portas.

A fim de sustentar-se, e às vezes sustentar a outros também, não era raro que ele tivesse de trabalhar duro noite e dia. A maravilha é que ele ainda achava tempo para um testemunho eficaz do evangelho.

Parece que tinha a desvantagem de não impressionar fisicamente. Ele escreveu: "As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca" (2 Coríntios 10:10).

Os Atos de Paulo e Hecla, romance do segundo ou terceiro século, contém o único retrato escrito de Paulo. Nele o apóstolo é descrito como "pequeno de porte, com sobrancelhas cerradas, nariz um tanto grande, calvo, pernas arqueadas, construção forte, cheio de graça; às vezes ele parece homem e às vezes tem o rosto de um anjo".[4]

Embora não fosse fundido em um molde hercúleo, ele exibia incrível resistência física, pois em todo o seu ministério o sofrimento físico e o desconforto eram rotina.

Aparentemente, ele não era um orador impressionante como Apolo. "As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas... a palavra desprezível" (2 Coríntios 10:10).

Os falsos mestres e os legalistas seguiam-lhe os passos e se esforçavam por neutralizar e dissipar sua obra. Impugnavam seu apostolado e lhe menosprezavam a autoridade, obrigando-o relutantemente a defender-se e reafirmar sua nomeação divina.

Ele sofreu a dor aguda oriunda da desafeição entre seus amados colegas — Barnabé, Demas, Himeneu e Fileto, Figelo e Hermógenes, para citar uns poucos. Tais brechas de companheirismo eram por demais dolorosas para seu coração de pastor cálido e generoso. Para encher a taça de amargura, certa ocasião ele escreveu que "todos os da Ásia me abandonaram; dentre eles cito Figelo e Hermógenes" (2 Timóteo 1:15). Este foi um golpe demolidor para o líder sobrecarregado. Além disso, nem todos os seus convertidos eram firmes, e constituíam um peso ao seu espírito.

Pesares de coração, dificuldades e agudos sofrimentos físicos lhe eram comuns; cansaço e dor, fome e sede, frio e nudez, açoites e prisões, apedrejamento e naufrágio, perigos na terra e no mar eram parte e quinhão de sua experiência missionária (veja 2 Coríntios 11:23-28). Ele resumiu tudo em uma sentença: "Nenhum alívio tivemos; pe-

lo contrário, em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro" (2 Coríntios 7:5).

Ele trabalhava sob constante pressão, sem, contudo, deixar-se afundar. Porquanto a natureza da tribulação "foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida" (2 Coríntios 1:8). Mas a pressão foi produtiva: tudo isso aconteceu "para que não confiemos em nós, e, sim, no Deus que ressuscita os mortos". Além de todas as pressões incidentais havia o peso da responsabilidade pelo bem-estar das igrejas que ele havia ajudado a fundar. "Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas" (2 Coríntios 11:28).

Essa carga insuportável teria esmagado um homem menor, ou um homem que não houvesse dominado o segredo de lançar suas ansiedades sobre o Senhor, por um lado, e, por outro, apropriar-se da mais que suficiente graça divina.

A atitude do apóstolo para com essas desvantagens era exemplar, e tem muito que ensinar a todos os que se acham em postos de liderança. Ele não as enfrentou passiva e relutantemente — na realidade ele se gloriava nelas e na oportunidade que lhe davam de provar e exibir a suficiência de Cristo e de sua graça. Ele havia percorrido longa distância pela estrada que conduz à maturidade espiritual quando disse: "Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Por que quando sou fraco, então é que sou forte" (2 Coríntios 12:10). Ele não as considerava males não mitigados, mas valorizava-as como instrumentos destinados a conformá-lo à imagem de Cristo. E um paradoxo, mas as provações se tornaram canais da graça, e ocasiões mesmo para regozijo.

Conversão

O fato de o Espírito Santo fazer que três relatos completos e complementares da conversão de Paulo fossem preservados nas Escrituras atesta a importância decisiva que teve esse acontecimento para a história da Igreja. A luz de sua subsequente e contínua influência, não é demais dizer que este foi um dos acontecimentos históricos que marcou época. Somente outro acontecimento, a crucificação do Filho de Deus, é relatado com maiores detalhes.

Foi quando Paulo percorria a estrada de Damasco numa incursão perseguidora que o Senhor subitamente deteve os passos do jovem fariseu. Ele havia tomado parte ativa no apedrejamento de Estêvão. "Quando se derramava o sangue de Estêvão, tua testemunha", confessou ele, "eu também estava presente, consentia nisso e até guardei as vestes dos que o matavam" (Atos 22:20). Talvez tenha sido esta demonstração de seu zelo perseguidor que levou o Sinédrio mais tarde, a designá-lo como inquisidor.

Segundo seu próprio relato, ele empreendeu sua terrível tarefa com intensidade fanática: "Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres, homens e mulheres, de que são testemunhas o sumo sacerdote e todos os anciãos. Destes recebi cartas para os irmãos; e ia para Damasco, no propósito de trazer manietados para Jerusalém os que também lá estivessem, para serem punidos" (Atos 22:4-6). E ele foi além: "Muitas vezes os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar" (Atos 26:11).

Em vívidas palavras, Paulo contou de novo ao rei Agripa a experiência demolidora e inesquecível que transformou o perseguidor no pregador: "Ao meio-dia, ó rei, indo eu caminho fora, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo. E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa é recalcitrares contra os aguilhões" (Atos 26:13-14).

Sem dúvida Saulo fora profundamente tocado pelo comportamento de Estêvão em seu martírio. A sugestão de Sir W. Ramsay é que ele estava tão seguro de que o impostor Jesus estava morto, que quando a visão de Estêvão se repetiu em sua própria experiência, desfez toda a base de sua hostilidade.

O que deixou Paulo atordoado foi que, quando Cristo lhe apareceu, não o fez em ira e vingança, mas em amor ilimitado, incondicional. Foi isto que esfacelou sua última oposição e derreteu a dureza de seu coração intransigente.

Lord Lyttelton, parlamentar, homem de letras e também político, cujo nome aparecia em todos os Importantes debates no parlamento britânico do século passado, e que mantinha o ofício de Ministro das Finanças, fez um dos mais exaustivos estudos deste acontecimento histórico.[5]

Na obra que escreveu sobre os resultados de sua investigação, Lyttleton relata que ele e seu amigo advogado, Gilbert West, estavam ambos convencidos de que a Bíblia era uma fraude, e resolveram desmascará-la. Lyttelton escolheu a conversão de Paulo, e West, a ressurreição de Cristo, os dois pontos decisivos do Cristianismo, como os objetos de sua pesquisa hostil.

Cada um deles realizou o estudo com sinceridade, embora cheios de preconceitos; mas o resultado da pesquisa feita separadamente, que se estendeu por um período considerável, foi que ambos se converteram à fé em Cristo por via de seus próprios esforços para desacreditar o relato bíblico. Quando, afinal, eles se reuniram, não foi para exultar-se na revelação de mais uma impostura, mas para regozijar-se na descoberta de que a Bíblia era, de fato, a Palavra de Deus.

No parágrafo inicial de seu tratado, Lyttelton escreveu: "A conversão e o apostolado de Paulo sozinhos, devidamente considerados, são de si mesmos uma demonstração suficiente que prova que o Cristianismo é uma revelação divina." Tão convincente foi a obra de Lyttelton que o famoso Samuel Johnson declarou-a um tratado "para o qual a infidelidade nunca foi capaz de engendrar uma resposta plausível". Lyttelton formulou quatro proposições que ele considerava esgotar todas as possibilidades do caso:

1. Paulo era ou um impostor que disse o que ele sabia ser falso, *ou*

2. Era um fanático que impôs a si mesmo a força de uma imaginação superaquecida, *ou*

3. Foi enganado pela fraude de outros, *ou*

4. O que ele declarava ser a causa de sua conversão realmente aconteceu e, portanto, a religião cristã é uma revelação divina.

Lyttelton demonstrou ainda, pela Bíblia, que Paulo não era impostor. Que motivo, pergunta ele, poderia ter induzido o apóstolo, enquanto viajava para Damasco com o coração cheio de ódio insensato para com a seita, a dar meia-volta e tornar-se discípulo de Cristo? Não havia motivo. Paulo não havia traído nenhum desejo de riqueza ou de reputação ao associar-se com o grupo. Nem buscava ele o poder, pois toda a sua vida estava marcada por uma completa ausência de egoísmo. Nem o motivava um desejo de gratificação de qualquer outra paixão, pois seus escritos insistem na mais estrita moralidade.

Por outro lado, tornar-se cristão era incorrer no ódio e no desprezo, bem como expor-se ao perigo. Teria ele perdido "todas as coisas", e exultado naquilo que ele sabia ser uma fraude? Essa seria uma impostura tão prejudicial quanto perigosa. Assim, a conclusão de Lyttelton era de que a teoria refutava a si mesma.

Uma interessante informação subsidiária é que Paulo apelou para o conhecimento que o rei Agripa tinha da verdade da história de sua conversão: "Não estou louco... digo palavras de verdade e de bom senso. Porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas coisas lhe é oculta; porquanto nada se passou aí, nalgum canto" (Atos 26:25-26).

Essa é uma prova extraordinária tanto de que o fato era de conhecimento público, como da integridade do homem que podia, sem medo algum, invocar o testemunho do rei a seu favor. Se a história de sua conversão tivesse sido arquitetada para o mo-

mento, como foi que o piedoso Ananias saiu a encontrar-se com tal monstro em Damasco?

Desses e de outros argumentos, Lyttelton deduziu duas conclusões finais:

1. Paulo não era um impostor a narrar uma história forjada acerca de sua conversão.

2. Se o fosse, ele não teria tido êxito.

Conquanto a tivesse precedido um longo período de "incubação" inconsciente, sem dúvida alguma a conversão de Paulo foi repentina. Ele não conseguira banir da mente o rosto do mártir moribundo — "como se fosse rosto de anjo".

Nem podia ele esquecer-se da última oração pungente de Estêvão: "Senhor, não lhes imputes este pecado" (Atos 7:6).

O Espírito Santo, sempre ativo, havia preparado o palco, no decorrer dos anos, para este grandioso confronto e capitulação. O raio luminoso cegante encontrou uma vasta quantidade de material inflamável no coração do jovem perseguidor.

O milagre aconteceu em pleno meio-dia. Paulo viu a Jesus em toda a sua glória e majestade messiânicas. Não se tratava de mera visão, pois ele classifica o fato como a última aparição do Salvador a seus discípulos, e o coloca no mesmo nível de suas aparições aos outros apóstolos. Sua declaração é clara e inequívoca:

> E apareceu a Cefas, e, depois, aos doze. Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora, porém alguns já dormem. Depois foi visto por Tiago, mais tarde por todos os apóstolos, e, afinal, depois de todos, *foi visto também por mim*, como por um nascido fora de tempo (1 Coríntios 15:5-8).

Não foi um êxtase, mas uma aparição real e objetiva do Cristo ressurreto e exaltado, vestido de sua humanidade glorificada. Paulo convenceu-se de imediato de que Cristo não era um impostor.

Todo o acontecimento foi resumido em versos brancos por Amos R. Wells:

> A luz era mais brilhante do que o sol do meio-dia, a glória flamejante do Santo. Ela mostrava o Crucificado, o Nazareno, esplêndido, majestoso, benigno, sereno, cegando com o brilho fulgurante da Divindade, a fonte de poder e o lar do louvor. Mostrava, em vergonha que procura esconder-se perante todos eles, o coração cruel, perseguidor de Saulo, sua intolerância, sua loucura e seu orgulho,

> e a glória de Estêvão enquanto morre. Tão penetrante era a luz poderosíssima, que destruiu por completo todas as demais vistas, escureceu todo o mundo exterior, e centralizou a visão sobre o Filho de Deus. Estimulada por essa luz, a consciência de Saulo despertou afinal, retraiu-se do hórrido torvelinho passado, e viu que toda a sua vida, frustrada pela paixão, havia lutado contra aguilhões e os achado difíceis. As chamas luminosas, fulgurando sobre o dever, iluminaram a esperança futura. "Que farei, Senhor?" Tremendo, ouve o chamado, nascido de um novo Saulo regenerado. E então, com a vista recuperada, a luz divina continuou a brilhar. Ela enviou o apóstolo nobremente de novo, testemunha de Cristo ao mundo de homens que andam tateando, até que todas as terras de miséria e noite brilharam na aurora da luz celestial.[6]

Quão diferente foi a entrada em Damasco daquela que o inquisidor havia imaginado! "E, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia... mas, levanta-te, e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer... Então se levantou Saulo da terra e, abrindo os olhos, nada podia ver. E, guiando-o pela mão, levaram-no para Damasco" (Atos 9:4-8). Paulo entrou cativo em Damasco, acorrentado à roda da carruagem de seu Senhor vencedor. Fora tudo estava escuro, mas dentro tudo era luz.

A rendição de Paulo ao Senhorio de Cristo foi imediata e absoluta. Desde o momento em que ele reconheceu que Jesus não era um impostor, mas o Messias dos judeus, ele ficou sabendo que só poderia haver uma resposta. Toda a história se resume nas suas duas primeiras perguntas: "Quem és tu, Senhor?"

"Que farei, Senhor?" (Atos 22:8, 10). A verdadeira conversão sempre resulta em rendição à vontade de Deus, pois a fé salvadora implica obediência (Romanos 1:5).

Quão surpreendente foi a estratégia vitoriosa de Deus! C. E. Macartney escreve: "O mais amargo inimigo tornou-se o maior amigo. A mão que escrevia a acusação dos discípulos de Cristo, levando-os à presença dos magistrados e para a prisão, agora escrevia epístolas do amor redentor de Deus. O coração que bateu de júbilo quando Estêvão caiu sobre as pedras sangrentas, agora se regozijava em açoites e apedrejamentos por amor de Cristo. Do outrora inimigo, perseguidor, blasfemador proveio a maior parte do Novo Testamento, as mais nobres declarações de teologia, os mais doces poemas de amor cristão."[7]

Chamado

O chamado de Deus veio a Paulo de forma tão clara e específica que não lhe foi possível confundi-lo, enquanto jazia deitado no chão cego pela luz celestial. Ananias também comunicou-lhe a mensagem que havia recebido de Deus: "O Deus de nossos

pais de antemão te escolheu para conheceres a sua vontade, ver o Justo e ouvir uma voz da sua própria boca, porque terás de ser sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido" (Atos 22:14-15).

Mais tarde, quando Paulo voltava para Jerusalém, sobreveio-lhe um êxtase, e viu aquele que lhe falava e que lhe disse: "Vai, porque eu te enviarei para longe aos gentios" (Atos 22:17, 18, 21). A Ananias, cujo temor bem podemos compreender, comissionado por Deus para dar as boas-vindas ao notório perseguidor da Igreja cristã, Deus também indicou a esfera de testemunho para a qual ele havia chamado Paulo: "Mas o Senhor lhe disse [a Ananias]: Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois eu lhe mostrarei quanto importa sofrer pelo meu nome" (Atos 9:15-16).

Paulo revelou outra faceta de seu chamado ao se defender perante Agripa: "Ouvi uma voz que me falava... Levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus" (Atos 26:14-18).

Assim, desde os primeiros dias de sua vida cristã, Paulo não somente sabia que era um veículo escolhido por meio de quem Deus comunicaria sua revelação, mas tinha uma ideia geral do que Deus havia planejado para seu futuro: (a) Seu ministério o levaria para longe do lar; (b) Ele teria um ministério especial entre os gentios; (c) Esse ministério lhe traria grande sofrimento. Só aos poucos ele chegou a compreender que este chamado não era tanto um novo propósito de Deus para sua vida, quanto a culminação do processo preparatório iniciado antes de seu nascimento.

Assim é hoje. O chamado do dirigente cristão não é tanto um novo propósito para sua vida quanto a descoberta do propósito para o qual Deus o trouxe ao mundo. O Senhor havia dito aos seus discípulos que os postos de liderança no seu Reino dependiam da soberana nomeação de seu Pai. "Quanto, porém, ao assentar-se à minha direita ou à minha esquerda... é para aqueles a quem está preparado" (Marcos 10:40). Paulo reconhecia esta verdade, mas só aos poucos ele chegou a um claro entendimento do trabalho que Deus tinha para ele.

Só depois que os judeus rejeitaram de forma consistente sua mensagem é que Paulo se devotou quase que exclusivamente aos gentios. Sua experiência em Corinto chegou a uma fase decisiva. "Paulo se entregou totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus. Opondo-se eles e blasfemando, sacudiu Paulo as ves-

tes e disse-lhes: Sobre a vossa cabeça o vosso sangue! eu dele estou limpo, e desde agora vou para os gentios" (Atos 18:5-6).

Alguns anos após a sua conversão, este chamado inicial foi renovado e confirmado pela igreja de Antioquia onde ele havia trabalhado por um ano. "E, servindo eles [os dirigentes] ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado" (Atos 13:2). De modo que o chamado geral se tornou específico, e eles alegremente partiram, "enviados pelo Espírito Santo".

O primeiro passo no cumprimento da grande comissão do Senhor e o começo do importante empreendimento missionário de amplitude mundial havia sido realizado com segurança.

Ambição

Em geral, um líder é uma pessoa ambiciosa. Mesmo antes da regeneração, o apóstolo possuía uma ambição feroz. E sua conversão não apagou a chama dessa ambição. Como se uma compulsão íntima o empurrasse de modo inexorável para a frente, ele não conseguia fazer as coisas pela metade. Impaciente com o *status quo*, sua atenção era sempre dirigida para maiores realizações e seu olhar estava posto em horizontes distantes.

Sua ambição não regenerada concentrara-se em apagar o nome do impostor Jesus, exterminando seus seguidores e sufocando a crescente influência de sua igreja. O zelo ardente pelo Judaísmo, que ele considerava a única religião verdadeira, levou-o a excessos selvagens. Diz o registro sagrado que Saulo respirava ameaças e morte contra os discípulos (Atos 9:1).

Em diversas ocasiões, o estado de seu coração vem à tona, como as seguintes passagens indicam: "Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres, homens e mulheres" (Atos 22:4). "Muitas vezes os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia" (Atos 26:11). "E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais" (Gálatas 1:14).

A amorosa providência de Deus se vê ainda na maneira como esta ambição natural foi redirecionada para canais espiritualmente produtivos, em oposição frontal à ambição daqueles tempos. Sua nova ambição encontrou um novo centro na glória de Cristo e no avanço do seu reino. Ele cravou na cruz a ambição do velho homem e agora ansiava por trazer bênçãos àqueles cujo extermínio outrora tramara. "Muito desejo

ver-vos", escreveu ele aos crentes de Roma, "a fim de repartir convosco algum dom espiritual" (Romanos 1:11).

Em duas oportunidades ele define seus desejos ardentes. O primeiro era conquistar a aprovação do Senhor: "E por isso que também nos esforçamos... para lhe ser agradáveis" (2 Coríntios 5:9). A aprovação de Cristo era, para ele, recompensa suficiente a qualquer serviço ou sofrimento. Este anelo estimulava-o ao longo do caminho do serviço fiel, embora sacrificial.

O segundo relaciona-se com sua carreira: "Esforçando-me deste modo por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio" (Romanos 15:20). Tem-se dito que Paulo sofria de aguda claustrofobia espiritual — o medo de ser confinado num espaço fechado. Ele não seria constrangido por cercas. Que seria dele se não fosse chamado para ir desde agora "para os gentios"? Para ele era uma questão de honra ser fiel à sua comissão.

As regiões distantes o obcecavam. Sua visão desconhecia horizontes: Corinto, Roma, Espanha.

Aqui, como em qualquer parte, ele foi um dirigente-padrão para a Igreja nas eras vindouras. Seu zelo missionário ateou fogo em Henry Martyn que disse não desejar "consumir-se por avareza, por ambições, pelo eu, mas considerar o holocausto completo de consumir-se por Deus e por sua obra". Ambição semelhante incendiou a imaginação e o coração de todos os grandes missionários. À semelhança de Paulo, nós também devíamos ter o desejo de ocupar todos os campos ou territórios não reivindicados para Cristo.

Não há necessidade de ressaltar que o anelo de Paulo era essencialmente altruísta e centralizava-se em Cristo. Ele próprio era o melhor exemplo do amor desinteressado que defendia; ansiava por ser útil a Deus a ao próximo, e por liquidar sua dívida com ambos. "Tendo esperança de que... seremos sobremaneira engrandecidos entre vós, dentro da nossa esfera de ação, a fim de anunciar o evangelho para além das vossas fronteiras, sem com isto nos gloriarmos de coisas já realizadas em campo alheio" (2 Coríntios 10:15-16).

Motivação

Só uma poderosa motivação poderia inspirar e manter tal ambição consumidora. Em algumas das declarações incidentais em suas cartas, o apóstolo revelou alguns dos motivos que inspiravam seus esforços e fizeram dele o dirigente inspirado e inspirador que veio a ser.

O primeiro, com relação ao tempo e em ordem de importância, foi sua convicção inabalável de que *Cristo era o Messias prometido*, e portanto tinha o Senhorio absoluto de sua vida. As duas perguntas que ele fez imediatamente depois da visão celestial: "Quem és tu, Senhor?" e "Que farei, Senhor?" centralizavam-se nesses dois fatos (Atos 9:5; 22:10).

Em seguida a este motivo estava o poder compulsivo *do amor de Cristo*. "Pois o amor de Cristo nos constrange" — compele-nos, controla-nos, não nos deixa nenhuma opção (2 Coríntios 5:14). O amor que havia quebrado e capturado seu coração rebelde na estrada para Damasco mantinha-o em vassalagem espontânea até ao seu encontro com o Senhor na glória. Era isto que lhe dava resistência para as incríveis provações, sofrimentos e privações que constituíam o seu quinhão. Este amor a Cristo inevitavelmente encontrou expressão em ardente amor àqueles pelos quais Cristo morreu.

Paulo labutava sob um inescapável senso de obrigação. "Mas sinto-me numa espécie de obrigação universal", escreveu ele, "como devedor de todos, desde o grego culto ao selvagem ignorante" (Romanos 1:14, Phillips, "Cartas às Igrejas Novas"). Ele tinha a paixão cristã autêntica de comunicar uma grande descoberta, e esta obrigação abrangente saltava todas as barreiras raciais, sobrepunha-se a todos os homens, visto que todos estavam incluídos no raio de ação do amor e do sacrifício de Cristo. Status social, riqueza, pobreza, analfabetismo, tudo isso não vinha ao caso. A todo o custo ele devia liquidar a dívida.

O temor do Senhor era para ele uma realidade solene e constituía um poderoso motivo para buscar os perdidos. "E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos aos homens'' (2 Coríntios 5:11). Ele acreditava que havia e que há algo chamado a ira do Deus de amor. "A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens..." (Romanos 1:18). Mas toda vez que ele se referia à ira e ao juízo de Deus, fazia-o sempre em tons da misericórdia do Salvador. Por exemplo: "O salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 6:23).

A esperança da volta de Cristo era para Paulo uma fonte de vigorosa motivação. Os poderes do mundo vindouro influenciavam-no profundamente. "Nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Filipenses 3:20). Esta gloriosa perspectiva era para ele um estímulo ao esforço de ganhar almas. "Pois, quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não sois vós? Sim, vós sois realmente a nossa glória e a nossa alegria!" (1 Tessalonicenses 2:19-20).

Cursos de pós-graduação

Escreveu F. B. Meyer: "Todos nós temos necessidade de ir à Arábia para aprender lições como essas. O próprio Senhor foi conduzido ao deserto. E de uma forma ou de outra, toda alma que realizou uma grande obra no mundo passou por períodos semelhantes de obscuridade, sofrimento, desapontamento ou solidão."

Embora o apóstolo tenha usufruído a vantagem de um excelente treinamento religioso e acadêmico, antes de atingir a máxima utilidade de realizar o propósito eterno de Deus para os gentios, ele teve de empreender um curso de pós-graduação. Seu espírito indômito tinha de ser temperado, mas sem nenhum arrefecimento do seu zelo.

Para alcançar isto, era necessário um período de recolhimento e solidão, pois a solidão é um elemento importante no processo de maturação. A liderança espiritual não alcança seu melhor desenvolvimento sob o clarão da publicidade. Além disso, uma vez que Deus tem em mira a qualidade em seus instrumentos escolhidos, o tempo não lhe importa. Nós estamos sempre apressados, mas ele não.

Diferentemente de muitos hoje, Paulo não correu de imediato para seu novo trabalho, mas com sabedoria buscou a solidão. Desejava estar a sós para meditar e relacionar o presente com o passado. "Não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim, mas parti para as regiões da Arábia, e voltei outra vez para Damasco" (Gálatas 1:16, 17). É estranho que Lucas não mencione a estada de Paulo na Arábia.

A tendência doentia de hoje é empurrar os recém-convertidos para a proeminência antes que realmente hajam firmado os pés. Paulo evitou esta armadilha. É provável que se tenham passado doze anos de tranquilo treinamento e esforço evangelístico antes que ele se lançasse à sua flamejante carreira missionária.

Não se sabe ao certo o exato local desses anos de reclusão. Alguns acham que ele foi para o Sinai; outros, e neste grupo encontra-se Sir William Ramsay, pensam que ele foi para a região adjacente ao leste de Damasco.

A revolução que ocorreu em sua vida foi tão devastadora que ele precisava de tempo para ajustar seus pensamentos. Ali, através do Espírito, com infinito vagar, Deus ensinou e preparou o mensageiro escolhido que devia abrir o mundo para o evangelho. Ele tinha de rever todo o curso de verdade do Antigo Testamento à luz da nova revelação que ele recebera.

As implicações de longo alcance, não sonhadas, dos sofrimentos e morte do Messias tinham de ser reconsideradas. Agora ele tinha de reformular sua teologia ao longo de linhas radicalmente distintas. Durante esses dias e anos formativos, sob ins-

trução do Espírito, estava ele inconscientemente armazenando fatos e argumentos que deviam mantê-lo em boa forma nos dias vindouros de controvérsia e oposição. Ali, também, ele abandonou o intolerável peso do legalismo farisaico e abraçou a doutrina da livre mas custosa graça.

Após este período de reclusão na Arábia, Paulo voltou a Damasco (Gálatas 1:17), e três anos mais tarde foi a Jerusalém. Ele desejava, em primeiro lugar, pela comunhão com Pedro, aprender mais de primeira mão acerca do Senhor; e, em segundo lugar, esforçar-se por conquistar os rabinos para o novo movimento, no que foi amargamente desapontado.

"Sobreveio-me um êxtase", disse ele às multidões em Jerusalém, "e vi aquele que falava comigo: Apressa-te, e sai logo de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho a meu respeito." A multidão ouviu Paulo até este ponto. Então, levantando as vozes, gritaram: "Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva" (Atos 22:17, 18, 22).

Depois de um período de ministério em Damasco (Atos 19:9-25), Paulo voltou para Tarso onde permaneceu quase oito anos. Não se sabe como ele gastou esse tempo, mas podemos ter certeza de que ele estava ativamente propagando a fé recém-encontrada. Essa época de evangelização preparatória culminou num ano de ricas experiências na igreja de Antioquia sob a orientação de Barnabé. Tendo esta igreja como centro, Paulo partiu para cumprir a missão de sua vida de apóstolo ao mundo gentio. Importantes anos foram esses, durante os quais houve um grande amadurecimento e aprofundamento de caráter.

Os que aspiram à liderança deveriam notar que Paulo provou a si mesmo perante sua própria igreja e cidade e foi por elas aprovado antes de lançar-se a esferas mais amplas de serviço.

O resultado desses anos de obscuridade foi que quando ele saiu para o trabalho, tinha uma mensagem original, recente, vinda de Deus.

3

Qualidades de Liderança de Paulo

"Um homem não é somente o que ele deve a seus pais, amigos e professores; ele é também o que Deus o fez, chamando-o para algum ministério particular e dotando-o de dons naturais e espirituais apropriados."[1]

Onde quer que fosse, Paulo se destacava como um homem de autoridade fora do comum e força de personalidade — um homem que era todo ele um líder. Numa reunião de dirigentes missionários realizada em Xangai, há muitos anos, D. E. Hoste, sucessor de Hudson Taylor como Diretor-Geral da Missão da China Interior, foi solicitado a dar sua opinião sobre o que constituía a marca de um bom líder. Com seu costumeiro humor excêntrico, ele respondeu: "Se eu quisesse descobrir se era ou não um líder, olharia para trás de mim a fim de ver quem me vinha seguindo!" Paulo nunca teve falta de seguidores.

Suas qualidades de caráter elevaram-no de modo irresistível acima de seus colegas e associados. Por exemplo, quando ele e Barnabé saíram para a primeira viagem missionária, a ordem era "Barnabé e Saulo". Não demorou muito, pela pura força de caráter, ele ultrapassou o colega mais velho, e lemos de "Saulo e Barnabé". Para seu crédito, parece que Barnabé, homem de coração grande, não se ressentiu com a liderança do colega mais moço.

O incidente em Listra, em que Paulo e Barnabé foram confundidos com os deuses Júpiter e Mercúrio, proporciona uma interessante informação subsidiária (Atos 14:11-20).

A lenda corrente era que esses dois deuses visitaram Baucis e Filemom naquela mesma área, e os recompensaram por sua hospitalidade, transformando sua humilde cabana em um palácio. Júpiter era retratado como uma figura alta, majestosa; Mercúrio era seu mensageiro e porta-voz. O povo concluiu que Barnabé, alto e paternal, era Júpiter, e o insignificante Paulo era Mercúrio.

A conclusão a que chegaram revela a diferença entre a perspectiva oriental e a ocidental. Nós, naturalmente, teríamos uma visão do líder como uma pessoa dinâmica

e enérgica. Mas no Oriente, com toda probabilidade, veriam o líder como aquele que ficava sentado e deixava que seus subordinados realizassem a obra. Os nomes atribuídos a cada um dos homens refletiam este conceito. Ao mesmo tempo, a avaliação do povo foi um impressionante tributo à autoridade e à capacidade persuasiva de Paulo. A despeito de "fraqueza, temor e grande tremor", suas palavras eram acompanhadas do poder divino.

Quão volúvel é a multidão! Adorado como deus num dia, e apedrejado no seguinte! "Os deuses, em forma de homens baixaram até nós" (v. 11). "Apedrejando a Paulo, arrastaram-no para fora da cidade" (v. 19).

No naufrágio a caminho de Roma, quando parecia inevitável que tudo se perdesse, foi Paulo quem se levantou como a figura heroica (Atos 27:27-44). O preso dava ordens ao capitão; tão imponente era sua personalidade e sua autoridade moral, que toda a tripulação obedeceu às suas ordens sem questionar.

No julgamento de Paulo perante o rei Agripa, foi o preso que sentenciou o juiz em vez de o juiz sentenciar o preso.

Ele não exercia autoridade de uma maneira rude ou arbitrária, e nem sempre suportava os tolos com alegria. Ele era razoável, e em nada arrogante. Expressou sua própria atitude pela autoridade ao escrever aos coríntios, dizendo: "Portanto, escrevo estas coisas, estando ausente, para que, estando presente, não venha a usar de rigor segundo a autoridade que o Senhor me conferiu para edificação, e não para destruir" (2 Coríntios 13:10).

A liderança de Paulo não era perfeita, mas nos proporciona um exemplo tremendamente estimulante e inspirador do que significa continuar avançando para a maturidade.

O conceito que ele tinha do papel do líder na obra cristã reflete-se nas palavras que emprega nessa conexão. Ele é despenseiro (1 Coríntios 4:2), o que significa mordomo ou gerente dos recursos da família. Ele é administrador, isto é, governante (1 Coríntios 12:28), palavra que descreve o timoneiro do navio e, dessa maneira, aquele que dirige a tarefa. Ele é bispo, isto é, supervisor (Atos 20:28), palavra para guardador ou protetor. Ele é presbítero (Atos 20:17), o que implica maturidade da experiência cristã. Ele é presidente (Romanos 12:8), palavra que significa alguém que se coloca diante das pessoas e as conduz. É claro, nem todos os líderes preenchem todos esses papéis, mas o uso que Paulo faz dessas palavras dá algum indício da complexidade da tarefa, e do quanto é preciso haver flexibilidade e adaptabilidade no exercê-la.

A versatilidade que caracterizava sua própria liderança acha-se demonstrada na variedade de táticas que ele empregava na lida com os problemas de diferentes pessoas e igrejas.

Às vezes ele era amável e paternal "...nos tornamos dóceis entre vós, qual ama que acaricia os próprios filhos" (1 Tessalonicenses 2:7, 8, 11), mas quando a necessidade o exigia, ele trovejava: "Já o disse anteriormente, e tomo a dizer, como fiz quando estive presente pela segunda vez; mas agora, estando ausente, o digo aos que outrora pecaram, e a todos os mais, que, se outra vez for, não os pouparei" (2 Coríntios 13:2, 3).

Agora ele era fraternal: "Ora, nós, irmãos, orfanados por breve tempo de vossa presença... com tanto mais empenho diligenciamos... ir até vós" (1 Tessalonicenses 2:17, 18). Depois ele usa sarcasmo pungente na esperança de trazê-los a um melhor estado mental: "Já estais fartos, já estais ricos: chegastes a reinar sem nós... Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós sábios em Cristo, nós fracos, e vós fortes; vós nobres, e nós desprezíveis" (1 Coríntios 4:8-10).

Em outra parte, ele é brincalhão: "Pois seja assim, eu não vos fui pesado; porém, sendo astuto, vos prendi com dolo" (2 Coríntios 12:16). Às vezes ele é generoso no louvor: "Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia; porque também padecestes, da parte dos vossos patrícios, as mesmas coisas que eles por sua vez sofreram dos judeus" (1 Tessalonicenses 2:14). Ele insiste com uma igreja a que imite a generosidade de outra: "Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso amor" (2 Coríntios 8:8).[2]

Conquanto não haja uniformidade no método de liderança de Paulo, o estilo flexível que ele adotava geralmente provava ser aceitável e bem-sucedido.

À semelhança de seu Mestre, ao treinar homens para a liderança, Paulo se concentrava nos indivíduos e também se dirigia às multidões. Ele derramou a sua vida para um pequeno número de homens com liderança potencial. Não tentou exercer um controle cultuai sobre suas mentes, nem confiou na personalidade de plataforma ou de relações públicas elaboradas. Sua confiança suprema estava na promessa de cooperação do Espírito Santo.

Sua liderança dinâmica deixou impressões em todo o mundo ocidental. Como diz R. E. O. White ao avaliar o alcance da influência de Paulo: "Muito além do que ele próprio imaginava, ou da compreensão de seus contemporâneos, Paulo gravou seu nome de modo indelével na história da humanidade como um dos fundadores da Eu-

ropa e, na realidade, de todo o mundo Ocidental; porque as coisas que ele escreveu e defendeu tornaram-se os pressupostos inquestionados de todo o estilo de vida medieval, sobre os quais se edificou a moderna civilização do Ocidente."[3]

Um aspecto admirável da liderança de Paulo é que ela não declinava com o passar dos anos, nem as barras da prisão lhes restringiam a esfera de atividade. Mesmo como "Paulo, o velho", ele ainda era o modelo e líder de um grupo de jovens dinâmicos. A afeição que ele despertou no coração dos seus seguidores refletiu-se nas lágrimas vertidas quando ele lhes disse que não mais o veriam (Atos 20:36-38).

Examinaremos, a seguir, algumas das principais qualidades que contribuíram para o seu domínio dos homens.

Consideração

Os líderes que possuem os talentos e a força de caráter como os de Paulo, amiúde tendem a dominar ou subjugar os outros menos vigorosos, e a ser insensíveis com relação aos direitos e às convicções de outros. Paulo era meticuloso em seus relacionamentos, e tratava das situações difíceis com raro tato e consideração.

O significado original da palavra "tato" é toque, e veio a significar habilidade no trato com pessoas ou situações delicadas. Define-se como "percepção rápida e fina do que é próprio, justo e direito". Inclui a ideia de capacidade para conduzir negociações delicadas e assuntos pessoais de uma forma que reconheça os direitos mútuos, e não obstante leve a uma solução harmoniosa.

Paulo era ponderado e sensível aos direitos e sentimentos alheios, e de maneira deliberada evitava confusões. Ele se esmerava por não invadir a esfera de autoridade de outrem. A seguinte passagem revela o respeito que ele tinha pelo trabalho dos outros:

> Mas nós não alardearemos uma autoridade que não temos... Não é que estejamos procurando o mérito pela obra que outro tenha realizado entre vocês. Ao invés disso, esperamos que cresça a fé que vocês têm e que, ainda dentro dos limites estabelecidos para nós, a nossa obra entre vocês seja grandemente aumentada. Depois disso, poderemos pregar a Boa Nova às outras cidades que estão muito além de vocês, onde nenhum outro está trabalhando; então não serei acusado de estar no campo alheio (2 Coríntios 10:13-16, *Bíblia Viva*).

Vemos sua sensibilidade de uma forma singular na maneira discreta em que ele conduziu as negociações com Filemom acerca de Onésimo. "Nada, porém, quis fazer

sem o teu consentimento, para que a tua bondade não venha a ser como que por obrigação, mas de livre vontade" (Filemom v. 14).

Coragem

A prova da coragem de um dirigente é sua capacidade de enfrentar fatos e situações desagradáveis, ou mesmo devastadores, sem entrar em pânico, e sua disposição de tomar medidas firmes quando necessárias, mesmo que sejam impopulares.

A coragem moral de Paulo correspondia à sua coragem física, que era de uma ordem muito elevada. Ele não se desanimava com os sofrimentos em perspectiva, nem com o perigo presente, quando sabia estar no caminho do dever. "E agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá, senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que me esperam cadeias e tribulações" (Atos 20:22-23). Ele confrontaria com bravura a turba furiosa por amor de seu Mestre. "Querendo este [Paulo] apresentar-se ao povo, não lhe permitiram os discípulos. Também asiarcas, que eram amigos de Paulo, mandaram rogar-lhe que não se arriscasse indo ao teatro" (Atos 19:30-31). Ele reconhecia que nem sempre é nosso dever evitar o perigo.

Sua coragem não era do tipo que não conhece o medo. "E foi em fraqueza, temor e grande temor que estive entre vós", disse ele aos coríntios (1 Coríntios 2:3). Uma tola indiferença em face do perigo não é sinal de verdadeira coragem. O homem que não conhece o medo jamais conhece a coragem. Paulo conhecia o medo, mas também sabia que Deus não lhe dera "espírito de covardia", mas de poder (2 Timóteo 1:7).

Ele exibia em grau notável aquele equilíbrio ideal da mente, tão estimado pelos gregos, que não se vira nem para a direita nem para a esquerda. Sua coragem não deslizava para a temeridade nem para a timidez. Suas cartas revelam a intrepidez e a ternura, ao captar o ponto nevrálgico de uma situação crítica, ao escrever uma carta, ou ao aplicar uma censura merecida. Ele não permitiria que as coisas passassem em brancas nuvens meramente para poupar-se da mágoa de um ato de merecida disciplina. Que coragem ele demonstrou quando censurou o grande Pedro por sua dissimulação! "Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tomara repreensível" (Gálatas 2:11).

Determinação

Um dos sete ingredientes essenciais da liderança militar eficaz, oferecidos pelo Marechal de Campo Montgomery, foi o poder de decisão clara. Paulo se qualifica

também neste ponto, pois este era um aspecto-chave de seu caráter que ele exibiu na hora mesma de sua conversão.

Quando os céus se abriram e ele viu o Cristo exaltado, sua primeira pergunta foi: "Quem és tu, Senhor?" A resposta "Eu sou Jesus, a quem tu persegues", deitou por terra todo o seu universo teológico, mas fê-lo de imediato aceitar as implicações de sua descoberta. Uma capitulação absoluta ao Filho de Deus era a única resposta possível, e em sua maneira entusiasta ele decidiu ali na hora que seria uma lealdade e obediência sem reservas. Isto levou-o à sua segunda pergunta: "Que farei, Senhor?" (Atos 22:8, 10).

Vacilação ou indecisão eram elementos estranhos à sua natureza. Uma vez seguro dos fatos, ele passava a uma decisão rápida. Concedida a luz, devia segui-la. Ver o dever era executá-lo. Uma vez seguro da vontade de Deus, o líder eficiente entra em ação, sem levar em conta as consequências. Ele está pronto para queimar as pontes que ficaram para trás, e aceitar a responsabilidade pelo fracasso ou pelo sucesso.

A procrastinação e a vacilação são fatais à liderança. Uma decisão sincera, embora errada, é melhor do que nenhuma. Na verdade, não tomar decisão nenhuma já é uma decisão: a de que a situação presente é aceitável. Na maioria das decisões, a dificuldade não está em saber o que fazer, mas em criar o propósito moral para chegar a uma decisão a esse respeito. Isto não constituía problema para Paulo.

Ânimo

Quer fosse por suas anteriores ligações com Barnabé, que era conhecido entre seus colegas pela alcunha de "Filho de Exortação", quer não fosse, Paulo especializou-se neste ministério. Ânimo, consolação, ou exortação, é uma nota que se repete a todo instante em suas cartas às igrejas, especialmente quando elas passam por severas provações. Embora ele fosse tão forte em caráter e fé, não estava isento do desânimo ou da depressão. Ele atingiu um plano elevado de triunfo no viver cristão, mas isso não aconteceu da noite para o dia.

"Deus que conforta os abatidos, nos consolou com a chegada de Tito", testifica ele (2 Coríntios 7:6). E também alegou: "Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação" (Filipenses 4:11). Deduz-se daí que nem sempre fora assim, mas afinal ele havia dominado o segredo de elevar-se acima das circunstâncias desanimadoras. Foi algo que ele teve de aprender, por isso, podemos tomar coragem.

Em sua segunda carta aos coríntios, na qual ele se regozija porque sua primeira carta mais severa havia atingido seu propósito, Paulo conta-lhes alguns segredos que ele havia aprendido e que o capacitaram a colocar-se acima do desânimo.

Duas vezes ele emprega uma palavra que no grego significa "não desfalecer", "não desanimar" (2 Coríntios 4:1, 16), e do contexto podemos vislumbrar o motivo. No capítulo 3 ele estivera descrevendo a radiante glória da Nova Aliança, em comparação com a lei da Antiga Aliança, e no versículo 18 desse capítulo ele revela o segredo de partilhar e refletir essa radiância.

"Não desfalecemos" é uma declaração forte, e as traduções alternativas esclarecem-na; por exemplo: "Nunca desistimos"; "não ficamos desencorajados"; "nunca desmaiamos". Deve haver forte motivação para um fim tão desejável.

Um motivo por que Paulo nunca desanimava era que *lhe fora confiado um ministério glorioso*. "Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos" (2 Coríntios 4:1).

Paulo estava bem ciente de que seu zelo perseguidor mal orientado desclassificara-o para o serviço de Deus, mas ele havia alcançado "misericórdia" e esta missão lhe fora confiada. Ele não era um homem confiante em si mesmo, que se fez por seu próprio esforço. "A nossa suficiência vem de Deus", confessou ele, "o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança" (2 Coríntios 3:5, 6). Ele jamais se recuperou da maravilha de Deus haver-lhe confiado tantas coisas.

Aqui estava uma mensagem revolucionária a proclamar. É nos difícil imaginar quão incrível ela deve ter parecido para os judeus, pois era uma inversão completa da Antiga Aliança sobre a qual se baseava toda a sua vida religiosa. O inexorável "não farás" fora substituído por "Eu farei". A Nova Aliança veio com a garantia da capacitação divina (Jeremias 31:31-34; Ezequiel 36:25-29; Hebreus 8:8-13). Não era uma mensagem para uma elite espiritual, mas feita sob medida, especialmente para atender à necessidade dos que haviam falhado — uma mensagem destinada especialmente aos fracassados!

"Tendo uma mensagem tão gloriosa", disse Paulo, "não é de admirar que não desfaleçamos!" É quando perdemos o sentido da maravilha que há na mensagem que nos foi confiada que desfalecemos.

Ele tinha, também, a *certeza de ser dotado com nova força divina cada dia*. "Por isso não desanimamos: pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo o nosso homem interior se renova de dia em dia" (2 Coríntios 4:16). No meio do desgaste e dos sofrimentos aos quais ele estava exposto, seu organismo deveras se desgastava, mas essa não era a história toda. Ocorria um processo em sentido contrário. Ao mesmo tempo seu ser interior experimentava renovação espi-

ritual — novas aquisições de força da parte de Deus. "Não admira que não desistamos!" exclamou Paulo.

Nosso Pai celestial conhece as tensões e pressões que nosso serviço acarreta. Ele não é insensível ao custo que muitas vezes temos de pagar para levar a cabo a tarefa. Ele sabe quando nos aproximamos do ponto de desfalecimento, e para neutralizá-lo, ele promete renovação diária. Por que não nos apropriamos mais de Deus quando há provisão tão ampla?

Paulo era muito suscetível às influências externas e sentia agudamente a solidão, mas as notícias do progresso espiritual dos indivíduos ou de igrejas animavam-no e o estimulavam sobremodo. "Sim, irmãos, por isso fomos consolados acerca de vós, pela vossa fé, apesar de todas as nossas privações e tribulação" (1 Tessalonicenses 3:7). Ele descobriu que o encorajamento tinha duas direções.

Fé e visão

"Não havia falta de confiança com Deus no concernente a Paulo. A fé na palavra de Deus, que Paulo exibiu nos altos mares, era típica da confiança que ele tinha em Deus de fazer tudo quanto prometia."[4]

"Pois eu confio em Deus, que sucederá do modo por que me foi dito" (Atos 27:25).

Uma das importantes funções do guia espiritual é comunicar aos que o seguem a fé e visão que ele próprio possui. Paulo era, acima de tudo, um homem de fé. Sua confiança em Cristo era absoluta, e aonde quer que fosse, deixava pessoas cuja fé havia sido reavivada e renovada.

Em suas cartas ele tinha muito que dizer acerca da fé que revelam seus próprios discernimentos. Ele via a fé como o princípio da vida diária do cristão. "Andamos por fé, e não pelo que vemos" (2 Coríntios 5:7). Um desejo ardente de sinais exteriores ou milagres, ou de sentimentos interiores para amparar a fé era, para ele, marca de imaturidade espiritual. A fé se ocupa com o Invisível e espiritual. A vista está interessada no tangível e visível. A vista concede realidade somente às coisas presentes e visíveis. "A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem" (Hebreus 11:1).

Fé é confiança, esperança, crença, e trata diretamente com Deus. "De fato, sem fé é impossível agradar a Deus" (Hebreus 11:6). A fé que Paulo tinha em Deus cra como a de uma criança, confiança sem esforço que nunca foi traída. Com tal Deus conforme as Escrituras revelavam, ele se sentia muito à vontade tanto no reino do im-

possível como no do possível. Seu Deus não conhecia limitações, e, portanto, era digno de confiança ilimitada.

Foi Paulo quem nos disse que "a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo" (Romanos 10:17). Ela não vem pela introspecção, mas por nos ocuparmos com o que Deus disse. Se desejamos ter fé, devemos primeiro descobrir um fato que traga a autenticação divina, sobre o qual ela possa descansar.

Paulo lembra-nos que este foi o segredo do pai dos fiéis, Abraão: "Não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus" (Romanos 4:20). A fé alimenta-se da palavra que Deus empenhou.

Fé é visão. Paulo podia ver coisas invisíveis a muitos de seus colegas mais voltados para a terra. O servo de Eliseu viu com grande nitidez a vastidão do exército ao seu redor. A fé que Eliseu tinha capacitou-o a ver as invencíveis hostes celestiais que os cercavam. Sua fé comunicou visão.

Onde outros viam dificuldades, Paulo via novas oportunidades. "Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecoste; porque uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu; e há muitos adversários" (1 Coríntios 16:8-9). Longe de arrefecer-lhe o ânimo, a grande oposição atuou como um estímulo para ele entrar pela porta aberta.

Conquanto essencialmente realista, Paulo era, não obstante, otimista. Nenhum pessimista jamais deu um líder inspirador. O homem que olha tanto para as dificuldades que não discerne as possibilidades, jamais inspirará a outros.

Amizade

"Pode-se conhecer um homem pelos amigos que ele tem." Há mais do que um grão de verdade neste adágio. A capacidade de um homem de fazer e manter amizades duradouras será, em geral, a medida de sua capacidade de liderar.

Diferente de muitos outros grandes líderes, a grandeza de Paulo não era a "grandeza do isolamento". Ele era essencialmente gregário, e possuía em grau único o poder de capturar e reter o intenso amor e lealdade dos amigos. Seu amor era autêntico e profundo.

Raramente o encontramos sozinho. Ele ficava desesperadamente solitário quando isolado. "Ele tinha o dom da amizade", escreveu Harrington C. Lees. "Nenhum homem do Novo Testamento fez inimigos mais ferozes, mas poucos homens no mundo têm tido amigos melhores. Conglomeravam-se ao redor dele tão cerradamente que tendemos a perder a personalidade deles em sua devoção."[5]

Sua felicidade era sempre enaltecida pela presença dos amigos, e ele realizava o melhor trabalho quando acompanhado por cooperadores de confiança.

O conselho de John R. Mott era "governar pelo coração. Quando o argumento, a lógica e outras formas de persuasão falham, recorra ao coração — a amizade autêntica". A amizade fará mais para atrair o melhor que há nas outras pessoas do que uma discussão prolongada e até bem-sucedida. Paulo era mestre nesta arte.

"Nada pode tomar o lugar da afeição", escreveu A. W. Tozer em sua biografia de R. A. Jaffray. "Os que a têm em dose generosa exercem um poder mágico sobre os homens."

Um grande segredo da amizade de Paulo era sua capacidade de amar de modo altruísta, mesmo que seu amor não fosse retribuído. "Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol das vossas almas. Se mais vos amo, serei menos amado?" (2 Coríntios 12:15).

A amizade de Paulo por Lucas, o médico amado, é um exemplo da intimidade entre homens de idade e gostos semelhantes. Sua amizade com Barnabé era também muito afetuosa e, felizmente, sobreviveu à sua aguda divergência pela deserção de João Marcos. Seu relacionamento com Timóteo é um modelo de amizade entre um homem mais velho e um mais jovem. Muitas mulheres, também, eram contadas entre seus amigos e lembradas pelo apóstolo com afeição (Romanos 16).

A capacidade de fazer amigos era um fator de primeira importância em sua habilidade para inspirar outros a qualidades semelhantes de liderança.

Despretensioso na avaliação de si mesmo

Paulo, em suas pregações e escritos, não se acanha de usar as próprias experiências como exemplos, e fala das próprias frustrações, batalhas e fracassos interiores. Ele não denigre sua própria sinceridade e integridade (2 Coríntios 1:23; Romanos 9:1, 2), mas também não as exalça indevidamente. "Porque pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo, além do que convém, antes, pense com moderação segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um" (Romanos 12:3).

Paulo estava plenamente cônscio de suas próprias falhas e deficiências, visto que seu padrão era a maturidade segundo a "estatura da plenitude de Cristo" (Efésios 4:13). Ele confessou suas próprias limitações: "Não que eu o tenha já recebido, ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus" (Filipenses 3:12). Em vez de desanimá-lo de mais esfor-

ço moral, o reconhecimento de suas próprias deficiências levava-o a avançar "para as [coisas] que diante de mim estão".

Seus ditos refletem sua autoimagem.

> Quem é Paulo? Servo por meio de quem crestes (1 Coríntios 3:5).
>
> Foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós (1 Coríntios 2:3).
>
> Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação... a responsabilidade de despenseiro que me está confiada (1 Coríntios 9:16, 17).
>
> Não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus (2 Coríntios 3:5).

Não obstante, com toda esta autoavaliação muito modesta (embora não mórbida), Paulo com ousadia exorta aos coríntios: "Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores" (1 Coríntios 4:16). Mais adiante, porém, na mesma epístola, ele acrescenta uma cláusula importante: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1 Coríntios 11:1). Apresentar sua vida como exemplo não era sinal de orgulho, pois o que ele era e o que tinha realizado havia sido feito por Cristo. "Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma senão daquelas que Cristo fez por meu intermédio" (Romanos 15:18).

Paulo conhecia seu próprio valor, e não permitiria que seus difamadores o subestimassem. "Embora seja falto no falar, não o sou no conhecimento; mas em tudo e por todos os modos vos temos feito conhecer isto" (2 Coríntios 11:6).

Às vezes, embora isto lhe fosse desgostoso, ele se sentia obrigado a "gloriar-se" na defesa de seu ofício apostólico, mas em geral ele o fazia seguido de uma explicação, como que pedindo desculpas. "Se tenho de gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza... Pois se eu vier a gloriar-me não serei néscio, porque direi a verdade" (2 Coríntios 11:30; 121:5, 6). Era com relutância que ele falava de seus sofrimentos (2 Coríntios 11:23-33).

Este delicado e sadio equilíbrio entre a indevida autodepreciação e a autoexaltação serve de maravilhoso modelo para o dirigente cristão.

Paulo era generoso na avaliação de outros, e estava totalmente livre da inveja do sucesso ou dos dons alheios. Ele deleitava-se em associar-se com os seus cooperadores, mesmo com os jovens, em termos de igualdade. "Porque de Deus somos coopera-

dores" (1 Coríntios 3:9). Falando de Timóteo, ele escreveu: "E, se Timóteo for, vede que esteja sem receio entre vós, porque trabalha na obra do Senhor, como também eu" (1 Coríntios 16:10). Referiu-se a Tito como seu companheiro (2 Coríntios 8:23). Não é de admirar que esses homens mais jovens aos quais ele livremente delegava responsabilidade fizessem tudo por ele.

Humildade

O currículo dos cursos de liderança do mundo, nos quais se avolumam a preeminência, a publicidade e a autopromoção, não inclui a humildade. Falando aos discípulos, Jesus disse: "Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva" (Marcos 10:43). Quanto a este assunto, Paulo seguia de perto as pegadas de seu Senhor. "Paulo nada tinha de obstinação que é a peremptoriedade exclusiva do homem consciente de sua própria grandeza."[6]

Ele viveu na humildade de um grande arrependimento. Embora não insistisse nesse ponto de maneira mórbida, ele nunca se esqueceu de que fora implacável na perseguição à igreja de Deus; e quando seus inimigos disseram que ele não merecia viver, não discutiu tal avaliação. Um sentido sempre presente de dívida levava-o a fazer uma humilde estimativa de si próprio. Não desejava ter reputação mais elevada do que merecia. "Pois se eu vier a gloriar-me não serei néscio, porque direi a verdade; mas abstenho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve" (2 Coríntios 12:6).

Ele admoestou os cristãos colossenses a que se acautelassem de uma humildade autoconsciente, ascética, que na realidade é a mais sutil forma de orgulho. "Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos... e não retendo a Cabeça..." (Colossenses 2:18, 19).

A humildade de Paulo era uma característica progressiva, que se aprofundava com o passar dos anos.

> Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo (1 Coríntios 15:9).
>
> A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo (Efésios 3:8).
>
> Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal (1 Timóteo 1:15).

Embora ele fosse genuinamente humilde e sem falsa modéstia, de maneira alguma Paulo recuava quando se tratava de defender seu ofício e autoridade de apóstolo. "Mas receio que... assim também sejam corrompidas as vossas mentes e se apartem da sinceridade e pureza devidas a Cristo. Se, na verdade, vindo alguém prega outro Jesus que não temos pregado... a esses de boa mente o tolerais. Porque suponho em nada ter sido inferior a esses tais apóstolos" (2 Coríntios 11:3, 4, 5). Constantemente nos maravilhamos em face do sadio equilíbrio que Paulo observa em áreas sensíveis.

Escritor de Cartas

Em qualquer posição de liderança, a capacidade de comunicar-se com clareza e eficiência, quer por via de correspondência, quer por obras literárias, é uma qualidade muito desejada. Onde ela estiver em falta, surgem de imediato os mal-entendidos. Paulo, como em muitos outros pontos, era mestre nesta arte. Quer suas cartas fossem escritas em meio a um ministério itinerante movimentado, quer escritas da solidão indesejada de uma cela da prisão, ele teve êxito em injetar sua personalidade com muita viveza em seus escritos.

Na correspondência espontânea é que revelamos o nosso verdadeiro eu, e em suas cartas Paulo irrompe em cada página. Conhecemos mais do homem por via de suas cartas do que por qualquer outra fonte histórica. Elas constituem modelos para qualquer dirigente cristão, combinando, como fazem, clareza de pensamento com propriedade de expressão. Elas revelam agudo discernimento espiritual acoplado a sadio senso comum e interesse amoroso.

A rica profusão de pensamento e o excitamento da verdade que ele desejava transmitir, às vezes levavam-no a interromper a sequencia de ideias, ou a deixar sentenças incompletas. Nos primeiros tempos da Igreja, Irineu defendeu a Paulo, porque "frequentemente ele usa uma ordem transposta em suas sentenças, devido à rapidez de seus discursos, e ao ímpeto do Espírito que está nele".

Nem todas as suas cartas foram agradáveis ou fáceis de escrever. Na verdade, em sua segunda carta aos coríntios, ele refere-se à anterior que continha exortação e censura, e o faz nestes termos: "Porque no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida" (2 Coríntios 2:4).

Quando ele tinha de escrever uma carta difícil, tomava cuidado para molhar a pena em lágrimas a fim de não tratar o assunto com azedume.

Depois de escrever sua vigorosa carta aos desviados coríntios, seu terno coração de pastor levou-o a perguntar-se se não tinha sido severo demais. Ele não conseguia

descansar, ansioso por que eles não interpretassem mal o que ele havia escrito. “Ainda que vos tenha contristado com a carta”, escreve ele mais adiante, “não me arrependo; embora já me tenha arrependido (vejo que aquela carta vos contristou por breve tempo), agora me alegro, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que de nossa parte nenhum dano sofrêsseis” (2 Coríntios 7:8-9).

Ao escrever uma carta desta natureza, o objetivo de Paulo não era ganhar a discussão, mas resolver um problema espiritual, restaurar a harmonia e a unidade, e produzir maturidade.

Com Paulo aprendemos que, embora seja importante redigir nossas cartas em linguagem clara, mais importante é que elas deixem transparecer um espírito de interesse amorável. As cartas são um veículo insatisfatório de comunicação. Elas não sorriem; não têm olhos para expressar amor quando dizem algo difícil. Devemos, pois, tomar extremo cuidado para que elas sejam de tom afetuoso. Quando um meu amigo muito prezado escrevia uma carta que pudesse causar sentimentos de mágoa, ele tinha por norma reter a carta por uma noite e lê-la na manhã seguinte, a fim de certificar-se de que o espírito da missiva era correto.

A correspondência de Paulo era abundante em estímulo e inspiração. Ele sempre visava ao enriquecimento espiritual dos destinatários, mas isso não queria dizer que ele se refreasse da correção e censura fiéis onde fossem necessárias. “Tornei-me, porventura, vosso inimigo, por vos dizer a verdade?” perguntou ele aos crentes gálatas... “Meus filhos, por quem de novo sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós; pudera eu estar presente agora convosco, e falar-vos em outro tom de voz; porque me vejo perplexo a vosso respeito” (Gálatas 4:16, 19-20).

As cartas eram parte importante do programa de acompanhamento de Paulo, e contribuíram sobremaneira para o crescimento e desenvolvimento das igrejas às quais ele escrevia. George Whitefield, grande evangelista e pregador, imitou Paulo nesta área. Diz-se que depois de pregar a grandes multidões, ele ficava até às três horas da madrugada escrevendo cartas de Instrução e de estímulo aos recém-convertidos.

Ninguém teria ficado mais surpreso do que Paulo se alguém lhe dissesse que suas cartas pastorais viriam a ser uma das forças mais influentes na história religiosa e intelectual do mundo. Elas eram escritas como parte da tarefa de um dia comum, e sem “nenhuma ideia de fama ou de futuridade”. Embora não sejam tratados formais e às vezes até careçam de polimento literário, elas possuem um conteúdo eloquente e encantador. Não se pode avaliar a influência que elas têm tido através dos tempos.

Tolstói adiciona outro pensamento: “Quão estranho deve ter parecido aos romanos cultos da metade do primeiro século que as cartas de um judeu errante aos seus amigos e discípulos tivessem cem, mil, cem mil vezes mais leitores e maior circulação do que todos os poemas, odes, elegias e epístolas dos autores daqueles dias — e não obstante foi isto o que aconteceu.”

Capacidade de ouvir

Um aspirante à política aproximou-se de Oliver Wendell Holmes e lhe perguntou como conseguir eleger-se. Holmes respondeu: “Capacidade de ouvir os outros de uma maneira simpática e compreensiva é, talvez, o mecanismo mais eficaz do mundo para viver-se bem com as pessoas, e angariar a amizade delas para sempre. Pouquíssimos são os que praticam a ‘magia branca’ do bem-ouvir.”

Certa vez um missionário falou comigo sobre seu superior, em tom de queixa: “Ele não me dá ouvidos. Antes que eu tenha oportunidade de realmente apresentar-lhe o problema, ele já vem com a resposta.” Este é o defeito do falador compulsivo. Ele teme o silêncio, ainda que seja de um instante. Mas se o líder quiser chegar à raiz dos problemas, deve aprender a arte de ouvir. De outra sorte, é provável que ele trate apenas dos sintomas deixando a terrível moléstia sem tratamento.

Enquanto procurava obter votos na ocasião em que Cingapura se encaminhava para a independência, Lee Kuan Yew, que veio a ser Primeiro-Ministro da república, passava todas as tardes e noites de sábado num dos cinquenta e um distritos eleitorais. Ao visitar os distritos, ele convidava os cidadãos que tinham problemas a encontrar-se com ele e dizer-lhe quais eram. Ele ouvia as queixas e sempre que possível esforçava-se por assegurar a correção. Resultado? Ele foi reeleito em cada um dos distritos. Ele acreditava na terapia de ouvir, praticava-a, e colheu a recompensa. Um ouvido simpático é um bem valioso.

Ouvir é um esforço autêntico para compreender o que a outra pessoa deseja descarregar, e se deve fazê-lo sem prejulgar o caso em questão. Muitas vezes um problema já está meio solucionado quando externado e ventilado com um ouvinte atencioso.

A sensibilidade às necessidades alheias se expressa melhor ouvindo do que falando. Com demasiada frequência os líderes deixam a impressão, inconscientemente e, por certo, sem a mínima intenção, de que estão ocupados demais para ouvir. Feliz o líder que, em meio aos prementes deveres, dá a impressão de que há tempo de sobra para tratar do problema. E ele que tem maior probabilidade de encontrar a solução. Não é desperdiçado o tempo que se passa ouvindo.

Escrevendo acerca de Napoleão, disse D. E. Hoste: “Ele era um bom ouvinte e possuía em alto grau o dom de aplicar o conhecimento especial dos outros a determinado conjunto de circunstâncias. Não demonstra a história que todo homem verdadeiramente grande é feito mais ou menos nessas linhas?”[7]

Ao ler nas entrelinhas, não é difícil perceber que Paulo era um homem que conhecia o valor de ouvir. Quando a igreja em Corinto ia aos trancos e barrancos om meio a problemas para os quais não encontrava solução, os crentes sabiam que teriam em Paulo um coração compreensivo e um ouvido atento. Sua primeira carta foi a resposta às indagações deles.

Magnanimidade

O milagre transformador da conversão raramente se vê exemplificado de maneira mais surpreendente do que no caso de Paulo. O homem que ia apressado pela estrada de Damasco em sua hedionda missão era um beato fanático com a mente fechada. O cego que foi conduzido para Damasco levava dentro de si o potencial de um santo generoso e liberal. O fariseu intolerante percorreria qualquer distância para destruir a igreja. O cristão tolerante iria agora a qualquer parte para defendê-la e estendê-la.

Que foi que produziu a mudança? Não foi apenas o fato de ele ter visto o Cristo vivo, mas que Cristo agora morava em seu coração, ampliando de forma imensurável seus horizontes. O Espírito de Deus havia derramado o ilimitado amor divino em seu coração (Romanos 5:5), e o intolerante passou agora a ser tolerante.

Quando alguns dos implacáveis oponentes de Paulo estavam proclamando “a Cristo por inveja e porfia...” julgando suscitar tribulação às “suas cadeias”, teria sido muito fácil para o Paulo do passado lançar-lhes denúncias severas. O novo Paulo diz: “Todavia, que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijo” (Filipenses 1:15-18).

Convém dizer, porém, que ele não era tão tolerante ao ponto de comprometer as verdades fundamentais da fé, nem era ele tão aberto ao ponto de ser superficial.

Paciência

Estava João Crisóstomo errado ao chamar a paciência de rainha das virtudes? O uso que fazemos dessa palavra é negativo e passivo demais para comportar o rico significado com que Paulo a empregava com tanta frequência. Em seus escritos, William Barclay deu-lhe um significado pleno e atraente. Comentando a palavra conforme empregada em 2 Pedro 1:5, 6 (ERC): “Acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciên-

cia, e à ciência a temperança, e à temperança a paciência", ele escreve: "A palavra nunca significa o espírito passivo que simplesmente suporta as coisas. Ela é perseverança vitoriosa, constância viril na provação. E uma firmeza cristã, a aceitação brava e corajosa de tudo o que a vida pode fazer-nos, e a transmutação do pior para um novo passo no caminho ascendente. E a capacidade corajosa e triunfante de suportar as coisas, que capacita o homem a passar o ponto de ruptura sem quebrar-se recebendo sempre o invisível com alegria."[8]

Barclay pôde traçar um retrato escrito de Paulo, porque o apóstolo exemplifica plenamente a característica que ele está comentando.

Esta característica, ou virtude, é essencial, especialmente nos relacionamentos humanos. E aqui que muitos de nós sucumbimos. Paulo falhou neste ponto em seu desacordo com Barnabé, e ao tratar com desrespeito o sumo sacerdote. Essas, porém, foram exceções raras e não a regra.

O homem que se impacienta com as fraquezas e falhas alheias terá liderança defeituosa. "Ora, nós que somos fortes, devemos suportar as debilidades dos fracos" (Romanos 15:1). O bom líder sabe como adaptar sua marcha à do irmão mais lento.

A paciência é especialmente essencial quando buscamos guiar por persuasão e não por mando. Nem sempre é fácil levar outrem a aceitar a nossa opinião e atuar em consequência, mas há grande valor em cultivar a arte da persuasão que permite ao indivíduo tomar suas próprias decisões.

Autodisciplina

O líder é capaz de conduzir outros porque ele se disciplina. Aquele que não sabe curvar-se à disciplina de fora, que não sabe obedecer, não dará um bom líder. Nem o dará aquele que não aprendeu a impor disciplina a si mesmo. Os que zombam da autoridade bíblica ou legal, ou se rebelam contra ela, raramente estão qualificados para altos postos de liderança.

Paulo se impôs uma rigorosa disciplina interior em duas áreas:

Ele guerreava com seu próprio corpo. "Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado" (1 Coríntios 9:26-27).

Ele expressava um temor autêntico, uma real possibilidade. Ele ainda não havia completado o curso; mesmo sua vasta experiência e grandes sucessos não o tornavam imune às sutis tentações do corpo. Para que seu ministério não fosse interrompido, ele

estava disposto a trazer seus apetites corporais sob tão estrita autodisciplina como o faziam os atletas da sua época.

O dirigente cristão está sujeito ao perigo de ser derrotado pela excessiva indulgência com os apetites carnais, ou pela preguiça, e isto exige severa autodisciplina. No outro prato da balança encontra-se o excesso de atividade física que leva à fadiga e à exaustão. O dirigente deve estar preparado para trabalhar duro, mais do que seus colegas, mas um homem exausto cai facilmente presa do adversário. Devemos estar vigilantes, guardando-nos contra ambos os extremos.

Ele guerreava com seus pensamentos. "As armas da nossa milícia não são carnais, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas; anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Coríntios 10:4-5).

Paulo sabia que o pecado tem origem nos pensamentos, daí seu constante esforço por trazê-los sob o controle de Cristo, evitando assim que vagueassem.

É preciso mais do que vigorosa força de vontade para trazer e manter o corpo e a mente sob controle divino, mas Deus fez provisão para isto. O fruto do Espírito é "domínio próprio" (Gálatas 5:23). O segredo de Paulo era que ele estava "cheio do Espírito" e este fruto desejável era produzido com abundância em sua vida.

Sinceridade e integridade

Em suas cartas, Paulo se abria a tal ponto que poucos se disporiam a fazê-lo, e em assim fazendo dá a impressão de um homem sincero ao máximo. Durante a Segunda Guerra Mundial o jovem Billy Graham foi convidado por Sir Winston Churchill a encontrá-lo no edifício do Parlamento em Londres. Ao entrar no escritório do ministro, ele se viu na presença de todo o Gabinete Britânico. Churchill logo o pôs à vontade, e Billy Graham teve a oportunidade de testemunhar da sua fé. Depois de retirar-se, Churchill observou aos seus colegas: "Aí vai um homem sincero." A sinceridade é uma característica inconsciente que se revela por si mesma.

Antes mesmo de sua conversão, Paulo manifestava esta qualidade. "Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com consciência pura" (2 Timóteo 1:3). Durante toda a sua vida ele esteve sinceramente cônscio de sua integridade, e se esforçava por mantê-la. "Por isso também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens" (Atos 24:16). Sua sinceridade não era maior ao edificar a Igreja que quando a destruía. Ele estava terrivelmente errado, mas não comprometia a sua consciência, embora mal orientada.

Ele não se esquivava à sondagem de Deus, e podia dizer que sua consciência era pura; porém se apressou a acrescentar: "Nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor" (1 Coríntios 4:4). Ele apelava para Deus que atestasse sua sinceridade. "Nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus" (2 Coríntios 2:17).

Sabedoria espiritual

Na escolha de homens para uma posição de liderança, uma das duas características especificadas foi a "sabedoria" — elemento essencial para a boa liderança. "Irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria" (Atos 6:3). Sabedoria é mais do que conhecimento, mais que mera acumulação de fatos. E mais do que argúcia intelectual; é um discernimento celestial. A sabedoria espiritual envolve o conhecimento de Deus e das complexidades do coração do homem. É a reta aplicação do conhecimento nas questões morais e espirituais, na solução das situações que nos deixam perplexos, e nas complexas relações humanas. Ela é uma característica que comunica equilíbrio e refreia o líder de praticar ação precipitada ou excêntrica.

A elevada posição que Paulo atribui à sabedoria espiritual vê-se na forma como ele a contrasta constantemente com a sabedoria jactanciosa do mundo. "Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus" (1 Coríntios 3:18-19).

Paulo orava com frequência para que seus convertidos e suas igrejas crescessem em sabedoria. "Não cessamos de orar por vós, e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade [de Deus], em toda a sabedoria e entendimento espiritual" (Colossenses 1:9). Sua pregação era caracterizada pela sabedoria. "O qual [Cristo] nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo" (Colossenses 1:28). A sabedoria é a característica do ministério do dirigente cheio do Espírito. "Habite ricamente em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria" (Colossenses 3:16).

Devemos a Paulo a revelação de que Cristo Jesus "se nos tornou da parte de Deus sabedoria" (1 Coríntios 1:30).

Zelo e veemência

À semelhança do seu Mestre, Paulo era sincero e zeloso em toda a obra que realizava para Deus. A família de Jesus, ao observar seu intenso zelo, saiu "para o prender; porque diziam: Está fora de si" (Marcos 3:21). O governador Festo disse a mesma coisa de Paulo. "Festo o interrompeu em alta voz: Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar" (Atos 26:24). A mente mundana compara o zelo pelas coisas divinas com a insanidade, mas aos olhos de Deus esse zelo tem o mais alto valor.

Falando no templo à multidão acerca de sua vida antes de ser regenerado, Paulo disse: "Fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje" (Atos 22:3). Porém seu zelo levou-o aos terríveis excessos que mais tarde foram a causa de sua grande angústia.

Paulo levou para a sua nova vida toda a sua antiga veemência, mas o Espírito dirigiu-a para novos e vastamente produtivos canais. A palavra "zelo" significa "fervor" — o entusiasmo que borbulha irresistivelmente no coração.

Quando os discípulos viram o Mestre no templo, inflamado de zelo santo e flamejando com ira imaculada, ficaram perplexos diante desta demonstração de intenso zelo, até que se lembraram do que estava escrito: "O zelo da tua casa me consumirá" (Salmo 69:9; João 2:17).

Neste aspecto, Paulo procurou imitar o seu Senhor. Um exame atento de suas cartas e discursos revela que o ideal que ele alimentava por seus convertidos era uma mente inflamada com a verdade de Deus, um coração abrasado com o amor de Deus, e uma vontade que ardia de paixão pela glória de Deus. Foi a ausência dessas qualidades o motivo das solenes palavras de nosso Senhor à igreja de Laodicéia (Apocalipse 3:15-16). Tal acusação não poderia ser lançada à porta de Paulo. E o líder zeloso, entusiasta que mais profunda e permanentemente impressiona seus seguidores.

Sem pretender fazê-lo, Paulo revela o segredo de seu zelo imbatível em Romanos 12:11. O Espírito Santo é a fornalha central que mantém acesa nossa veemência e zelo. Em todos nós há uma tendência sutil para "esfriar", e a todo instante necessitamos deste ministério de aquecimento do Espírito Santo.

Ao entrar na casa do Intérprete, Cristão (do *Peregrino de Bunyan*) ficou perplexo ao observar um homem deitando água ao fogo, e ainda assim as labaredas cada vez mais se erguiam. O encanto se desfez quando ele viu atrás da fogueira outro homem que lançava óleo às chamas. Em um mundo onde há gente demais pronta para atirar água fria ao zelo do crente, este é o ministério gracioso do Espírito.

4

A Visão que Paulo Tinha de Deus

"Aquilo que nos vem à mente quando pensamos em Deus é a coisa mais importante que nos acontece."[1]

A concepção que o apóstolo Paulo tinha de Deus moldou sua teologia e motivou o seu serviço. Ela era fundamental à natureza de sua liderança. Conforme demonstrou J. B. Phillips em um de seus livros, uma opinião imprópria a respeito de Deus limitará e afetará tudo o que tentarmos fazer.

Paulo tinha a sua fé edificada na doutrina da Trindade. O Credo dos Apóstolos seria um resumo dos princípios decisivos de sua fé, essencialmente trinitariana. "Creio em Deus Pai Todo-poderoso... e em Jesus Cristo seu único Filho, nosso Senhor... Creio no Espírito Santo." Ele concebia a "Deus na sublime majestade de seu Ser como um Deus em três Pessoas. Dentro da unidade de seu Ser há uma distinção de 'Pessoas' às quais chamamos o Pai, o Filho e o Espírito Santo".[2]

Para Paulo, Deus era a grande Realidade, e ele não tinha necessidade alguma de demonstrar sua existência. Seu Deus era soberano em poder, mas simpatizava com a fraqueza humana e era solícito pelo bem-estar do homem. A vida sem Deus era inconcebível.

As ideias que ele tinha de Deus foram moldadas pelos registros do Antigo Testamento sobre os tratos de Deus com o seu povo. Ele não tinha problema algum com o sobrenatural.

Uma forma de descobrir a concepção que Paulo tinha de Deus é estudar o método que ele adotou para fortalecer seus jovens favoritos, Timóteo e Tito, para o desempenho do serviço exigente a eles confiado — e aqui encontramos uma valiosa lição de liderança para todos. Ele pretendia dar-lhes um Deus maior — impressioná-los com a grandeza e majestade do Deus que eles tinham o privilégio de servir. Ele alcançou esse propósito por meio dos variados títulos de Deus que ele empregou em suas cartas pastorais, cada um dos quais revela alguma nova faceta da grandeza e glória divinas.

Consideremos alguns dos títulos de Deus que moldaram a teologia de Paulo e orientaram suas ações.

Deus Pai

O Deus bendito

"O evangelho da glória do Deus bendito" (1 Timóteo 1:11). Rotherham traduz "o evangelho da glória do *Deus feliz*." Este título um tanto surpreendente descreve a Deus, não como o objeto de bênção, mas como Alguém que desfruta plenitude de alegria. Ele vive em meio à sua própria eterna alegria (Hebreus 1:9). Jesus tinha um superávit de alegria que legou aos seus discípulos.

O título "bendito" é aplicado a Deus por duas razões. Primeira ele é de todo autossuficiente. Há de nossa parte um esforço constante por tornar-nos o que não somos e por suprir o que nos falta. Deus não necessita de ninguém ou de nada para complementá-lo. Em segundo lugar, ele é perfeição absoluta. Reside nele a soma total de todas as virtudes. Ele é o Deus de toda bênção, no qual nada falta nem nada há em excesso. Daí Paulo incentivar Timóteo a crer que o evangelho que ele deve pregar provém de um ambiente de alegria — o feliz coração de Deus.

Rei eterno, imortal, invisível, Deus único

"Ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos" (1 Timóteo 1:17).

Quando Paulo avaliou a surpreendente graça de Deus ao principal dos pecadores no versículo 15, espontaneamente ele prorrompeu numa doxologia que revela a natureza e os atributos divinos. Ela nos permite um vislumbre singular da glória de Deus.

(a) "*Rei eterno*". O homem é uma criatura do tempo, limitado pelos relógios e calendários — Deus é rei de todos os séculos. Seu poder e soberania se demonstram em cada era. Ele é o Governante absoluto das idades. Ele usa para edificá-la os que tentam destruir a sua Igreja. Ele anula o mal com o bem. Ele atua com imensa paciência através dos séculos no sentido de cumprir o seu propósito eterno. Ele fixou "os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação", declarou Paulo (Atos 17:26). Deus encaminha os acontecimentos de cada era para o alvo Indicado. Ele tece de acontecimentos aparentemente contraditórios um padrão harmonioso e belo que reflete sua própria perfeição.

(b) "*Imortal*". Deus é incorruptível, imperecível, não sujeito ao processo de envelhecimento e mudança, decadência e morte. A imortalidade reside em Deus por es-

sência, e em nós somente por dom, derivado dele. Ele nunca muda. "Eu, o Senhor, não mudo" (Malaquias 3:6).

(c) "*Invisível*". Ao homem não é possível nenhuma visão imediata e plena de Deus, porque o Senhor escolheu permanecer invisível exceto em Cristo que disse: "Quem me vê a mim, vê o Pai" (João 14:9) — e ainda assim o vemos somente pela fé. Em Cristo podemos agora ver aquele que é invisível (João 1:38). O finito nunca pode compreender plenamente o infinito. O próprio Moisés viu apenas de passagem a glória de Deus (Êxodo 33:22, 23).

(d) "*Deus único*". Não há nenhum outro semelhante a ele. "A quem me comparareis?" (Isaías 46:5), pergunta o Senhor. Ele é único, não obstante não vive distante ou isolado como os deuses gregos — ele é único em essência e atributos.

O Deus vivo (1 Timóteo 3:15). Era isto que distinguia o Deus de Israel dos deuses pagãos. A igreja de Paulo não era um templo de ídolos mortos, mas de um Deus vivo, ativo e bom. "Quem há de toda carne, que tenha ouvido a voz do Deus vivo falar do meio do fogo, como nós ouvimos, e permanecer vivo?" (Deuteronômio 5:26).

Rei dos reis e Senhor dos senhores

> Bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver (1 Timóteo 6:15, 16).

Com que facilidade Paulo prorrompe em doxologias! Esta é uma das mais belas doxologias da Bíblia, e cada um dos sete títulos acentuam a incomparável grandeza e transcendência de Deus.

"*Bendito e único Soberano*" acentua a relação de Deus com o universo e com os governantes do mundo. Ele é o Controlador de todas as coisas. O raio de ação de sua autoridade é universal — bendito e *único* Soberano, que tem o direito de fazer exatamente o que lhe apraz. Sua soberania é inerente, não delegada. Os homens podem reivindicar títulos honrosos e honoríficos, ou deles investir-se, mas só Deus é Rei sobre todos os reis e Senhor sobre todos os senhores. Qualquer outra soberania está sob seu supremo controle.

"*Que habita em luz inacessível*" acentua sua inacessibilidade, exceto quando ele escolhe ser acessível. Ele é inacessível aos meros sentidos humanos. Sua majestade e santidade são de tal ordem que nenhum homem poderia contemplá-lo em sua glória sem véu e viver. Ele habita num ambiente tão raro que os mortais não podem aproximar-se dele. Embora não possamos aproximar-nos do Sol, podemos caminhar à sua

luz. Não é que Deus seja inabordável, porque há um caminho de aproximação, mas está manchado de sangue.

Deus, nosso Salvador

"Quanto aos servos... deem prova de toda a fidelidade, a fim de ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador" (Tito 2:9, 10).

A palavra "Salvador" contém uma riqueza de imagens. Este título é peculiar às epístolas pastorais, mas a ideia permeia toda a Bíblia. A palavra grega *soter*, em geral significa libertador. Era empregada com relação a um imperador ou conquistador que libertou seu povo de alguma calamidade ou lhe conferiu grandes benefícios. Deus é nosso Salvador do pecado, da morte e do Inferno. Ele é "Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis" (1 Timóteo 4:10), declaração essa que assegura a *salvabilidade* de todos os homens, mas não a salvação de todos eles. A salvação requer o exercício da fé pessoal. Ele é o Salvador *potencial* porque proveu a salvação para todos, mas o Salvador real somente dos que creem.

"Deus que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento" (1 Timóteo 6:17). Os estudiosos do grego destacam que no original o versículo 17 contém um jogo de palavras que poderia ser traduzido: Os ricos não devem confiar na incerteza das riquezas, mas em Deus que ricamente proporciona todas as coisas para nosso desfrute — para a alma e para o corpo, para o tempo e para a eternidade.

Temos um Deus bondoso e pródigo que nos concede, não um mínimo de prazer e gratificação, mas abundância de riquezas— "tudo" para a alma e para o corpo, no tempo e na eternidade. Ao contrário do ensino dos gnósticos da época de Paulo, aos quais ele se referiu em I Timóteo 4:3 — "que proíbem o casamento, exigem abstinência de alimentos, que Deus criou para serem recebidos, com ações de graça" — não só devemos participar deles mas usufruí-los com gratidão ao Doador. Só o pecado nos impede o desfrute da pródiga provisão de Deus.

O Deus a quem Timóteo e Tito amavam não era apenas feliz, soberano, imortal, invisível, transcendente, mas também um Deus pródigo que dá boas coisas em abundância.

Paulo está, na realidade, dizendo aos jovens líderes: "Este é o tipo de Deus em quem vocês podem apoiar-se com confiança em seu serviço — um Deus que vocês acharão apropriado para cada emergência e suficiente para cada necessidade que surja no ministério que vocês têm pela frente."

Deus Filho

Paulo tinha a sua fé centralizada na pessoa e obra de Jesus Cristo. Para ele, Cristianismo era Cristo.

Quando ele disse "para mim o viver é Cristo" (Filipenses 1:21), não estava empregando licença poética, mas simplesmente declarando um fato literal, consciente. Na conversão, e na subsequente autorrendição ao seu Senhor, o centro de sua vida mudara por completo. Até então a vida tinha sido Paulo; agora era Cristo. As palavras de Martinho Lutero em sua Conversação de Mesa bem poderiam ter sido as de Paulo: "Caso alguém bata à porta do meu coração e pergunte 'Quem mora aí?', eu responderei: 'Não Martinho Lutero, mas o Senhor Jesus Cristo.'"

A versão de Paulo era: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gálatas 2:19, 20). Sua inteira personalidade e todas as suas atividades estavam sob a Influência de Cristo e permeadas por sua presença. Tudo o que veio depois, de ministério e serviço sacrificial, tinha sua fonte neste fato glorioso. Sua vida era uma contínua apropriação de Cristo para satisfazer todas as suas necessidades diárias.

Em sua carta a Timóteo, ele ordenou: "Lembra-te sempre de Jesus Cristo, o centro de tudo,... que ressuscitou dos mortos" (2 Timóteo 2:8, *Cartas às Igrejas Novas*, J. B. Philips). Se ele estivesse meramente dizendo a Timóteo que concentrasse sua atenção no fato e na doutrina da ressurreição, ele teria dito: "Lembre-se de que Jesus ressuscitou dos mortos." Ele estava orientando a Timóteo a jamais se esquecer da Pessoa que ressurgiu dos mortos, porque ela é, em realidade, o centro de tudo. Cristianismo é Cristo. A partir desse momento inicial de revelação, tudo girava em torno de Cristo. Cristo estava sempre nos lábios e no coração do apóstolo.

A pregação de Paulo centralizava-se em Cristo. Aos coríntios ele declarou: "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (1 Coríntios 2:2). Com referência ao seu ministério em Corinto, o registro sagrado diz: "Paulo se entregou totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus" (Atos 18:5). Em Tessalônica, "por três sábados arrazoou com eles, acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e que este é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio" (Atos 17:2, 3).

Essas e outras passagens semelhantes demonstram o lugar central que ele dava a Cristo, tanto em sua vida como em seu ministério.

O senhorio de Cristo era uma ênfase constante do apóstolo. O título "Senhor" em seus escritos uniformemente denota a Cristo. Em sua submissão inicial ele abraçou sem reservas o senhorio de Cristo e o domínio absoluto dele em sua vida. Isto estava implícito em sua pergunta: "Que farei, *Senhor*?". Com rápido discernimento espiritual ele percebeu que a morte e ressurreição de Cristo iam muito além da mera salvação do crente do juízo, mas tinha em mira o reconhecimento de seu senhorio. Mais tarde ele o expressou nestas palavras: "Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu; para ser Senhor, tanto de mortos como de vivos" (Romanos 14:9).

É a Paulo que devemos a frase que aparece com tanta frequência em muitos de seus escritos — "em Cristo". A ideia que apoia a frase, conforme ele a emprega, parece ser a de que assim como o mar é a esfera ou elemento em que os peixes vivem, Cristo é também a esfera ou elemento onde vivem os cristãos, unidos a ele por um vínculo invisível mas inseparável. Toda bênção espiritual é nossa porque estamos "em Cristo" numa união viva, vital (Efésios 1:3). O estudo das ocorrências dessa expressão revelará um rico veio de verdade.

A maior passagem cristológica do Novo Testamento vem da pena de Paulo — Filipenses 2:5-11. Neste parágrafo, primeiro ele afirma a humilhação do Filho de Deus, chamando a atenção para a sua pré-existência, encarnação e crucificação. A seguir ele fala da exaltação do Filho do homem — honrado e adorado por toda a criação. Em face dessas gloriosas verdades, ele exorta: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (v. 5).

Deus Espírito Santo

Pouco antes de sua morte, no discurso que proferiu no cenáculo, nosso Senhor transmitiu aos seus discípulos acerca do Espírito Santo e seu ministério, mais do que em todo o seu ensino anterior. Mas ao falar sobre esse tema, ele fez esta declaração um tanto misteriosa: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade" (João 16:12, 13). Foi principalmente por intermédio de Paulo que ele comunicou esta revelação posterior. Não é de surpreender, pois, que os escritos de Paulo estejam salpicados de referências ao Espírito Santo.

Na própria experiência de Paulo, o Espírito desempenhou um papel muito importante. Imediatamente após a conversão, ele foi cheio do Espírito Santo (Atos 9:17), daí que não surpreende encontrá-lo exortando os cristãos efésios — e a nós também — a encher-se do Espírito (Efésios 5:18). Seu chamado para o serviço e comissionamento foram feitos por intermédio do Espírito (Atos 13:1, 4). Ele era guiado mediante a res-

trição ou constrangimento do Espírito (Atos 16:6, 7). Seu poder para pregar vinha do Espírito (1 Coríntios 2:4). O Espírito preveniu-o dos perigos iminentes (Atos 21:4, 11-14).

Paulo encareceu a obra do Espírito Santo em sua pregação e ensino. Como Administrador da Igreja, o Espírito tomou a iniciativa na escolha dos presbíteros (Atos 20:28), e era sua a voz autorizada no primeiro Concilio da Igreja (Atos 15:28). Quando Paulo encontrou o pequeno grupo de crentes em Éfeso, sua primeira pergunta foi: "Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?" (Atos 19:2), e então os conduziu à experiência (v. 6).

Os diversos nomes que ele usa para o Espírito esclarecem diferentes facetas do ministério do Espírito. Espírito de poder, de amor e de moderação (2 Timóteo 1:7); Espírito da fé (2 Coríntios 4:1 3); Espírito de sabedoria (Efésios 1: 17); Espírito de santidade (Romanos 1:4); Espírito da promessa (Efésios 1:13); Espírito de adoção (Romanos 8:15); Espírito da vida (Romanos 8:2).

Ele ensinou que tanto a justificação como a santificação resultam da operação do Espírito (1 Coríntios 6:11; 2 Tessalonicenses 2:13). O Espírito inspira a adoração (Filipenses 3:3). Ele habita em nós (1 Coríntios 3:16), e nos fortalece (Romanos 14:17). Ele ajuda na oração (Romanos 8:26, 27), e concede alegria (1 Tessalonicenses 1:6). Ele promove e mantém a unidade da Igreja (Efésios 4:4).

Foi o ministério do Espírito que deu a Paulo vitória sobre a carne — a natureza decaída que recebemos de Adão. Só pelo Espírito é que podemos mortificar "os feitos do corpo" (Romanos 8:12, 13). O Espírito Santo deleita-se em produzir na vida do crente submisso os frutos espirituais arrolados em Gálatas 5:22-23.

Dons espirituais

Paulo ensinou que o Espírito Santo distribuiu vários dons espirituais, tão essenciais à liderança, expansão e edificação da Igreja. Esses dons ou qualificações especiais são valiosos e só devem ser desejados quando servirem a fins práticos — a edificação da Igreja. Para ser eficaz, é preciso que o Espírito Santo inspire e capacite todo tipo de ministério, e esses dons são a provisão graciosa de Deus para esse fim. Visto que combatemos um inimigo sobrenatural, só as armas sobrenaturais funcionam a contento.

Duas palavras são empregadas com relação a esses dons — *pneumatika*, algo procedente do Espírito, e *charismata*, dons da graça (1 Coríntios 12:1, 4). Os dons espirituais são conferidos soberanamente a indivíduos para o serviço da Igreja. Distinguem-se dos dons naturais, embora muitas vezes operem por intermédio destes. Há

dons para todos os crentes (1 Coríntios 12:7), não meramente para uma elite espiritual, mas as dádivas individuais não podem ser reivindicadas como de direito (1 Coríntios 12:11). Para que sejam proveitosas, devem ser exercidas em amor (1 Coríntios 13:1, 2).

Nenhum dom deve ser menosprezado, mas alguns são mais valiosos do que outros (1 Coríntios 12:31; 14:5). Paulo insta na superioridade da profecia, visto que o ministério da Palavra é o dom de maior valor. Ele nos adverte de que os dons espirituais podem atrofiar-se pela negligência (1 Timóteo 4:4) e precisam ser estimulados (2 Timóteo 1:6).

Esses dons não são concedidos para a mera alegria ou enaltecimento do crente, ou mesmo por causa de sua própria vida espiritual, mas antes de tudo para servir aos outros (1 Coríntios 14:12), e para levar os santos à maturidade espiritual (Efésios 4:11 -13). E significativo que nenhum dos dons se refere diretamente ao caráter; são todos dons para serviço.

Poucos descobrem seus dons no começo da vida cristã, e amiúde esses dons permanecem dormentes até que uma ocasião propícia os revele. Muitas vezes são mais evidentes a outros do que a nós mesmos, mas podemos estar certos de que no momento preciso Deus manifestará o dom ou combinação de dons necessários ao cumprimento do ministério no Corpo de Cristo que ele nos atribui.

Nos capítulos 12 a 14 de 1 Coríntios, Paulo adverte os coríntios contra o uso indigno dos dons espirituais, e traça as diretrizes para seu exercício na Igreja.

5

Paulo e a Doutrina da Cruz

"*Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado.*" (1 Coríntios 2:2)

Na opinião de Paulo, a fé cristã girava em torno de dois centros — o Calvário e o Pentecoste — acontecimentos históricos bem documentados. No momento de sua conversão, raiou-lhe na alma o verdadeiro significado da Cruz, e imediatamente depois ele experimentou as bênçãos do Espírito Santo trazidas pelo Pentecoste. Daí para a frente ele expressou sua atitude de modo coerente: "Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo" (Gálatas 6:14).

O Calvário foi uma magnífica demonstração de amor sacrificial, mas sem a dinâmica liberada pelo Espírito Santo no Pentecoste, não teríamos vida espiritual. O Pentecoste foi o complemento necessário do Calvário. A descida do Espírito Santo tornou real na experiência dos crentes aquilo que o Calvário fizera possível.

Entre as muitas facetas da morte de nosso Senhor, Paulo acentuou as seguintes:

Propiciação por nossos pecados

"Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé" (Romanos 3:24, 25). João acrescenta seu testemunho: "Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas ainda pelos do mundo inteiro" (1 João 2:2).

Esta ideia é absolutamente fundamental ao Cristianismo, e retratada de maneira proeminente na pregação e no ensino de Paulo. Deus tem declarado sua ira implacável contra o pecado, e sua justiça exige que todo o pecado receba sua justa retribuição. A morte de Cristo, considerada como propiciação, aplacou a ira de Deus levando para

longe — obliterando — nossos pecados, de sorte que eles já não constituem barreira entre nós e Deus.

Livramento do pecado

"O qual [Cristo Jesus] a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade, e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras" (Tito 2:14).

Embora a morte de Cristo nos tenha garantido plena justificação de todo pecado, seu propósito teria falhado se nos tivesse deixado vítimas da tirania do pecado. Não basta curar superficialmente uma ferida purulenta; é necessário que se elimine a fonte interna da infecção. Doutra sorte o veneno continua a circular na corrente sanguínea. O perfeito sacrifício expiatório de nosso Senhor não nos deixa numa situação tão trágica.

A finalidade da morte de Cristo, diz Paulo, é positiva e também negativa. Nosso Redentor não só nos resgatou, mas também emancipou-nos da escravização do pecado. Ele pagou o preço do resgate com o seu sangue precioso (1 Pedro 1:18, 19). Mediante sua vitória sobre o diabo, sobre o pecado e sobre a morte, ele conquistou para nós livramento potencial do pecado de todo tipo — toda iniquidade — consciente ou inconsciente, desonrosa ou respeitável, pecados da carne ou pecados da mente.

Se alguém perguntar se esta emancipação da tirania do pecado ocorre em um momento ou durante certo período, a resposta paradoxal é: ambas as coisas. De acordo com o ensino de Paulo, a crise que leva ao livramento pode ocorrer quando o cristão, cônscio de sua incapacidade de livrar-se a si mesmo, reivindica sua parte no poder libertador da Cruz. Segue-se, então, o processo de santificação no qual o Espírito Santo torna real o que era potencial. "Sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que... não sirvamos o pecado como escravos" (Romanos 6:6).

Uma vez passada a crise, o processo de santificação acelera-se e continua desde que o Senhorio de Cristo seja reconhecido em realidade. Neste processo o Espírito Santo remove progressivamente tudo quanto impede que nos transformemos à imagem de Cristo, e nos conduz à experiência de Romanos 6:18: "Uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça."

Consagração a Cristo

"Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (2 Coríntios 5:15).

Graça e amor tão maravilhosos como os que foram demonstrados na Cruz exigem uma reação recíproca — a transferência do centro da vida do eu para Cristo. A aceitação da propiciação de Cristo logicamente significa o fim da velha vida de satisfação do eu, e o encontro de um novo centro em Cristo. Viver para o eu depois de aceitar a custosa salvação de Jesus é privá-lo do fruto de sua paixão.

A vida agora é vista em duas dimensões — "até aqui" e "daqui para a frente". Daqui para a frente, tempo, talentos, amigos, posses, recreações estão todos sob o controle de Cristo. Ao contrário da expectativa, tal aceitação da Cruz de Cristo, tal submissão completa a ele como Senhor, traz liberdade que não se pode experimentar de nenhum outro modo. "A lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte" (Romanos 8:2).

Desligamento da presente era

O Senhor Jesus Cristo "se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso" (Gálatas 1:4). Aqui Paulo indica que a morte de Cristo não foi apenas um nobre exemplo de heroísmo e uma expressão de amor, mas foi essencialmente um sacrifício pelo pecado. Tinha, também, um propósito subsidiário, qual seja o de salvar-nos do poder e da influência corruptora deste mundo.

O termo "mundo", ou "era", refere-se a esta era má, do ponto de vista de tempo e mudança. Ela corre apressada para o fim e nada tem em si de valor eterno. Paulo participava da mesma opinião que seu Mestre com relação a esta era, quando disse: "Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fósseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo... o mundo vos odeia" (João 15:18, 19).

Jesus tinha em vista mais do que o desarraigamento do mundo, pois ele orou: "Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal" (João 17:15). Devemos separar-nos moral e espiritualmente do mundo enquanto estamos nele, mas deve ser *insulação*, e não isolamento. Os crentes são o sal da terra, mas o sal só pode exercer sua influência antisséptica e penetrante se estiver em contato. Quando pudermos dizer com Paulo que "o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo" (Gálatas 6:14), então poderemos exercer nossa maior influência sobre o mundo mau em que vivemos. Nosso comprometimento com o espírito do mundo interrompe o poder do Espírito Santo, neutralizando nossa influência espiritual.

A entronização de Cristo

"Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu; para ser Senhor, tanto de mortos como de vivos" (Romanos 14:9).

Seria possível declarar de modo mais simples e explícito o propósito supremo da Cruz? Nas passagens anteriores consideramos o propósito de Cristo para nós em sua morte. Aqui o foco é sobre o propósito da morte para ele mesmo — obter soberania completa sobre as vidas pelas quais ele morreu, no tempo e na eternidade.

Pedro proclamou o indiscutível fato —"Ele é Senhor de todos" — mas o Senhor anseia por nosso espontâneo reconhecimento dessa verdade.É muito grande o número dos cristãos que se dispõem a aceitar todos os benefícios da salvação de Cristo, mas relutam em curvar-se à sua soberania. Paulo contempla o dia em que será universal o reconhecimento da soberania de Cristo — "ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus e na terra" (Filipenses 2:10), mas nosso Mestre deseja que antes desse dia haja uma coroação voluntária em vez de um reconhecimento compulsório.

Idealmente essa coroação deveria ocorrer na conversão, mas se as reivindicações de Cristo quanto ao seu Senhorio não se realizarem plenamente nessa época, então ele deveria ser entronizado tão logo esses direitos sejam reconhecidos.

William Borden, que morreu a caminho do campo missionário, deu este passo nas seguintes palavras:

> Senhor Jesus, entrego-te a minha vida. Coloco-te no trono do meu coração. Transforma-me, purifica-me, usa-me conforme o teu querer.

6

Exemplar Vida de Oração de Paulo

> Paulo foi um líder por nomeação e por reconhecimento e aceitação universais. Ele dispunha de muitas forças poderosas em seu ministério. Sua conversão, tão notável e radical, foi uma grande força, um perfeito depósito de munições de guerra agressiva e defensiva. Seu chamado para o apostolado foi claro, luminoso e convincente. Mas essas forças não foram as mais divinas energias que produziram os maiores resultados em seu ministério. O curso de Paulo foi mais distintamente moldado e sua carreira se tornou mais poderosamente bem-sucedida pela oração do que por qualquer outra força.[1]

Ler as cartas de Paulo é descobrir o lugar de suprema importância que no seu entender a oração deve ocupar na vida de um dirigente cristão. Em parte alguma ele revela a qualidade de sua vida espiritual com maior clareza do que nas orações que adornam suas cartas.

É óbvio que Paulo não considerava a oração como suplementar, mas como fundamental; não algo a ser acrescentado à sua obra, mas a própria fonte da qual se originava seu trabalho. Ele era homem de ação por ser homem de oração. Foi a oração, provavelmente até mais do que a pregação, que produziu o tipo de líder que encontramos em suas cartas.

É significativo que em parte alguma ele argumenta a favor da oração. Nem mesmo tenta explicá-la; ele supõe que ela seja expressão natural e normal da vida espiritual. Ele não tem de inquietar-se por não satisfazer suas obrigações de orar, como tantas vezes fazemos, e nunca parece sofrer de um coração condenador que o prive de sua confiança na oração (1 João 5:14, 15). Para ele, nada está fora do alcance da oração.

Conquanto as orações de Paulo que temos registradas não sejam formais ou obviamente estruturadas, de maneira alguma são descuidadas ou casuais. E claro que não

aconteceram por acaso; são o resultado de meditação cuidadosa. Se as estudarmos, veremos uma profundidade de adoração, uma altura de ações de graças e uma largura de intercessão que nos deixarão assombrados.

Às vezes ele irrompe em doxologia na qual toda a sua alma sobe em chamas para o céu como o incenso no fogo do altar. Outras vezes sua oração é silenciosa e contemplativa. Um velho servo de Deus afirmou que nossas orações são frias, áridas e repetitórias porque há nelas tão pouco de Cristo. Mas tal acusação não poderia ser apresentada contra Paulo. Postar-se à porta de sua prisão e ouvir as orações que dali subiam, registradas em suas cartas, é trazer à memória a oração de seu Mestre no capítulo 17 do Evangelho de João.

Embora seja verdade que não se pode analisar a oração, em certo sentido podemos dividi-la em seus elementos constituintes. O estudo das orações de Paulo revela notável equilíbrio. É fácil discernir os elementos que compõem uma vida de oração equilibrada. O culto e a adoração ocupam lugar proeminente — prostrar-se a alma diante de Deus em contemplação adoradora, prestando-lhe a reverência e honra que lhe são devidas. Em seu culto, Paulo atribuía louvor a Deus pelo que Deus era em si mesmo bem como pelo que ele tem feito.

Suas orações estão repletas de ações de graça e louvor— o reconhecimento dos benefícios e bênçãos que Deus concede, quer a nós mesmos, quer a outros.

A *confissão* de pecados não tinha lugar na vida de nosso Senhor, o que não era o caso do apóstolo Paulo.

Suas cartas e palestras contêm um agudo senso de pecado. “Sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum: Pois o querer o bem está em mim; não, porém o efetuá-lo... o mal que não quero, esse faço” (Romanos 7:18, 19).

A seguir vem a *petição* — levar nossas necessidades diárias e recorrentes à presença de nosso Pai celestial que “sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais”. É surpreendente notar as prioridades estabelecidas por nosso Senhor em sua oração-modelo. Só depois da metade da oração é que se mencionam as necessidades pessoais. A primeira parte ocupa-se com Deus e nossas relações com ele. Proporção semelhante podemos discernir nas orações do apóstolo Paulo. Ele não era um ascético que não tinha necessidades, porém, elas não vinham em primeiro lugar na sua ordem de prioridades. A maioria de suas orações relacionam-se com as necessidades dos outros. Mas ele não se descuida de apresentar suas próprias necessidades diárias perante o Senhor, quer temporais quer espirituais, e o faz em confiante expectação de que serão supridas.

A maior parte de suas orações trata da intercessão, que é a apresentação pessoal das necessidades alheias ao trono da graça. Este é o lado altruísta da oração. Ele estava sempre orando a favor dos seus convertidos e das igrejas. A intercessão não tem em mira vencer a relutância de Deus, mas pleitear confiadamente os méritos de Cristo em favor de outros que muitas vezes se encontram numa posição menos privilegiada. A intercessão era a vida da experiência de Paulo, e um estudo de suas orações revela as coisas que ele considerava desejabilíssimas no desenvolvimento espiritual de seu rebanho.

A experiência de Henry Martyn era que nos momentos de aridez espiritual e depressão — e quem não possui tais experiências? — muitas vezes ele encontrava "um delicioso reavivamento ao orar pelos outros, por sua conversão ou santificação, ou prosperidade na obra do Senhor".[2]

Características das orações de Paulo

Em um de seus livros, referindo-se a homens que tinham sido proeminentes na obra da evangelização ou de reavivamento, diz E. M. Bounds: "Eles não foram líderes por causa de suas ideias brilhantes, por disporem de recursos inexauríveis, pela sua magnífica cultura ou dotes naturais, mas pelo poder da oração podiam comandar o poder de Deus." Isto dá, em resumo, o segredo da surpreendente liderança de Paulo. Embora possuísse em rica medida todas as qualidades de líder, ele renunciou à dependência delas, e mediante a oração e comunhão permitiu que sua vida fosse um canal para a distribuição do poder divino.

Consideremos algumas outras características de suas orações que constituem um modelo para o dirigente que arca com responsabilidades espirituais.

Elas eram *incessantes*. "Sem cessar me lembro de ti nas minhas orações, noite e dia" (2 Timóteo 1:3). Isto, é evidente, não significa que ele não fizesse outra coisa. Ele empregou a palavra no sentido de "incessante, que sempre se repete". Uma tosse incessante não é aquela que nunca para, mas aquela que se repete constantemente. Quando a mente de Paulo estava livre de outras preocupações, fosse de dia ou de noite, seu coração se voltava para a oração como a agulha da bússola se volta para o polo magnético. Sem exagero algum. Talvez o motivo por que achamos difícil imaginar tal constância é que nossas mentes são muito seculares e absortas em coisas de menor importância. Para Paulo, tudo era motivo de oração ou louvor.

Elas eram *diligentes*. "Gostaria, pois, que saibais quão grande luta venho mantendo por vós, pelos laodicenses e por quantos não me viram face a face" (Colossenses 2:1). Este é um aspecto da oração pouquíssimo praticado. A oração não é meramente

um devaneio confortável. A oração possui certo aspecto de descanso, mas isto é algo muito diferente. "Jamais se tencionou que a oração fosse indolentemente fácil, por simples e confiante que ela seja", disse H. C. G. Moule.

A oração considerada como conflito ou luta inclui a ideia de fadiga e esforço. Paulo sabia que a oração verdadeira suscitaria poderosa oposição no reino invisível. A palavra "luta" está associada com "o bom combate da fé" (1 Timóteo 6:12). É uma das mais vividas e fortes figuras de retórica, e dela derivamos a palavra "agonizar". Paulo a emprega em outro lugar falando de um atleta que compete na arena (1 Coríntios 9:25); de um soldado que combate pela vida (I Timóteo 6:12); de um trabalhador que se afadiga (Colossenses 1:29). Quão pálidas e sem vida parecem nossas orações em comparação com as de Paulo que muitas vezes se transformavam em gemidos! (2 Coríntios 5:2-4).

Elas eram *submissas*. Uma vez que a descobria, ele se contentava com a vontade divina. Alguns afirmam que orar, dizendo: "Seja feita a tua vontade" é negar a fé. Admitamos que possa ser assim, mas nem sempre é este o caso. Jesus orou, dizendo: "Meu Pai: se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres" (Mateus 28:39). Paulo acreditava numa sabedoria e vontade além da sua, e quando a vontade do Pai se tornava clara, de coração ele aceitava uma recusa divina, e contava com a suficiência da graça de Deus para capacitá-lo a triunfar.

"Por causa disto três vezes pedi ao Senhor que o afastasse [o espinho] de mim. Então ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo" (2 Coríntios 12:8-9).

Suas orações eram *confiantes*. A aparente impossibilidade de uma situação não o amedrontava nem desestimulava a oração. Para um homem que vivia constantemente no reino do sobrenatural e em constante comunhão com o Deus Onipotente, nada era impossível, exceto aquilo que estivesse fora do âmbito da vontade divina. Quando orava, ele esperava confiante na intervenção sobrenatural de Deus, se esta fosse necessária. Ele não conhecia circunstâncias em que a oração não fosse conveniente.

Um exemplo típico desta confiança encontra-se em Atos 27:23-26. "Porque esta mesma noite", escreveu ele, "o anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; é preciso que compareças perante César, e eis que Deus por sua graça te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo; pois eu confio em Deus, que sucederá do modo por que me foi dito."

Suas orações eram *ambiciosas*, quer dizer, ele estava disposto a solicitar qualquer coisa. Podemos encontrar estímulo no fato de que mesmo o grande apóstolo Paulo, um dos maiores expoentes da arte da oração, não era autossuficiente. Muitas vezes ele teve consciência de sua insuficiência nesta área, e sentiu a necessidade da ajuda do Espírito Santo. "Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis" (Romanos 8:26).

Ele ansiava pelas orações dos seus companheiros. Na verdade, ele considerava as orações deles a seu favor não como algo extra desejável, mas como um fator determinante em seu ministério. Suas cartas contêm muitos apelos pela comunhão na oração; por exemplo: "Porque estou certo de que isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação" (Filipenses 1:19). Dessa maneira, Paulo e seus convertidos sustentavam uns aos outros em oração.

Paulo considerava a oração como um esforço cooperativo dentro da igreja. "Irmãos, orai por nós", rogava ele aos crentes tessalonicenses recém-convertidos (1 Tessalonicenses 5:25). Aos coríntios ele escreveu: "em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos, ajudando também vós, com as vossas orações" (2 Coríntios 1:10, 11). Ele ansiava pelas orações dos outros em questões como falar com ousadia e encontrar portas abertas: "[Orando] também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para com intrepidez fazer conhecido o mistério do evangelho" (Efésios 6:19). "Suplicai ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à palavra" (Colossenses 4:3).

Suas orações eram estratégicas. Ele não orava por trivialidades. Ele orava por coisas centrais ao propósito divino e ao crescimento e maturidade da Igreja. Suas orações revelam os fatores que ele julgava de suprema importância.

Na oração registrada em Colossenses 2:1-3, Paulo resume algumas das maiores necessidades dos novos convertidos e das igrejas emergentes. Aqui ele ora por pessoas que nunca havia visto, fato que deveria estimular-nos a orar pela obra missionária. Ele orava pedindo encorajamento, "para que os seus corações sejam confortados" em face da forte tentação ao desânimo; pedindo unidade no meio das tentações satânicas que promoviam divisão, para que fossem "vinculados juntamente em amor"; pedindo certeza, "e tenham toda riqueza da forte convicção do entendimento"; pedindo conhecimento "para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo". Tais orações são um modelo para o dirigente cristão.

As orações de Paulo eram inspiradas pelo Espírito. Ele contava com o Espírito Santo para complementar suas fraquezas e insuficiências (Romanos 8:26, 27). É do

agrado do Espírito ajudar os que estão incumbidos da liderança espiritual neste aspecto vital do ministério.

Todos nós trabalhamos sob uma desvantagem tríplice, e o Espírito nos ajuda em cada área. Primeiro, a iniquidade de nossos corações que desestimula a oração e traz condenação. O Espírito leva-nos a apropriar-nos do poder purificador do sangue de Cristo, esse poderoso solvente de todos os pecados. Em segundo lugar, a ignorância de nossas mentes. O Espírito conhece a mente e a vontade de Deus, e a comunica ao coração obediente e receptivo. Ele comunica a convicção de ser ou não a prece a vontade divina. Em terceiro lugar, a enfermidade de nossos corpos. O corpo pode, deveras, ser um "obstáculo" à oração. O Espírito ajuda-nos a erguer-nos acima das condições físicas adversas, sejam de saúde, sejam de clima.

Na área da oração, é importante estarmos alerta, para que não deslizemos para a inconsciente independência do Espírito Santo, porque devemos em todo o tempo orar "no Espírito", conforme exortação de Paulo em Efésios 6:18.

7

Paulo Como Comunicador

Sem dúvida, um dos mais potentes elementos da liderança de Paulo foi sua capacidade de comunicar a verdade divina com poder e de modo convincente. Os líderes mais populares possuem esta capacidade.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Adolfo Hitler e Winston Churchill foram as figuras destacadas. Os pronunciamentos de Hitler nem sempre eram dignos de nota, mas ele falou com sabedoria quando disse: "A força que põe em movimento as maiores avalanches de poder na política e na religião tem sido desde o começo dos tempos a magia da palavra falada."[1] Seus próprios discursos frenéticos provam seu ponto de vista.

Por outro lado, Winston Churchill galvanizou o mundo livre, levando-o à ação, tanto por seus discursos medidos, intrépidos, inspiradores em momentos decisivos, como por seus grandes dons políticos e militares.

Paulo foi essencialmente pregador, um arauto inflamado das Boas-Novas. Se a pregação for medida pelos resultados que ela alcança, então Paulo foi pregador por excelência. Ele merece o direito de exortar a Timóteo: "Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não" (2 Timóteo 4:2).

Mas ele não reivindicou poderes humanos superiores de oratória. "Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem, ou de sabedoria" (1 Coríntios 2:1). Sua confiança estava no Espírito Santo, e não nas forças da persuasão humana. "A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder" (1 Coríntios 2:4).

De acordo com sua flexibilidade mental, seu método de comunicação adaptava-se ao momento.

Às vezes o método de Paulo era polêmico. Ele satisfazia a razão dos ouvintes apresentando provas Indiscutíveis. "Saulo, porém, mais e mais se fortalecia e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo" (Atos

9:22). Ele não adotava táticas evasivas quando confrontado com um argumento difícil, nem era ele um intelectual que tinha medo de defender suas crenças. Seu púlpito não era castelo de nenhum covarde.

Sua apresentação da verdade era cuidadosamente arrazoada. "Por isso dissertava na sinagoga entre os judeus e os gentios piedosos; também na praça todos os dias, entre os que se encontravam ali" (Atos 17:17). Seu objetivo não era meramente ganhar a discussão, mas conquistar seus oponentes.

Ele era persuasivo. Ele não apresentava simplesmente fatos frios com lógica convincente, mas acompanhava seu apelo com calorosa súplica. Ele tinha prazer em pedir em vez de mandar ou advertir. "Todos os sábados discorria na sinagoga, persuadindo tanto judeus, como gregos" (Atos 18:4).

Ele acreditava num julgamento vindouro; que Deus não era um mero espectador, mas um Deus de juízo que odiava o pecado com ódio implacável e que haveria de eliminá-lo do universo. Essa crença emprestava urgência aos seus apelos. "E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos aos homens" (2 Coríntios 5:11). E nesta arte ele era singularmente bem-sucedido. "Durante três meses Paulo frequentou a sinagoga onde falava ousadamente, dissertando e persuadindo, com respeito ao reino de Deus" (Atos 19:8).

Sua pregação amiúde era didática — adaptada às necessidades especiais de seus ouvintes — porque ele era a um tempo mestre e pregador. Paulo ministrou dois períodos longos de pregação e ensino — dois anos na escola de Tirano, e dezoito meses em Corinto (Atos 19:10 e 18:1 I). Frequentemente ele adotava o método de pergunta-e-resposta em seus ensinos. Visto que as pessoas precisam de fatos se a sua fé há de ser inteligente, Paulo as instruía com assiduidade nas coisas concernentes a Deus.

Seu método de ensino era versátil. Nada tinha de estereotipado. Ele adaptava a mensagem ao seu auditório, conforme o atesta o discurso que fez em Atenas. Embora o conteúdo da mensagem fosse constante, ele buscava terreno comum com aqueles aos quais se dirigia, quer se tratasse de congregações judaicas nas sinagogas, quer filósofos gregos na Acrópole, quer multidões pagãs em Listra. Ele sentia-se igualmente à vontade com governadores e autoridades, filósofos e teólogos.

Quanto ao tom de sua pregação, Paulo não podia ser acusado de falta de sentimentos. "...lembrando-vos de que por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um" (Atos 20:31). Há algo comovente nas lágrimas varonis. "Pois muitos andam entre nós, dos quais repetidas vezes eu vos dizia e agora vos digo

até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo" (Filipenses 3:18). Paulo não se envergonhava de suas lágrimas.

Técnica de comunicação de Paulo

Alguns consideram o discurso de Paulo na Colina de Marte, registrado em Atos 17:22-34, como seu maior fracasso em comunicação. A interpretação desses é que ao dirigir-se a um auditório ateniense distinto e erudito, em vez de pregar a "Cristo, e este crucificado", ele lisonjeou os filósofos, perdendo assim a oportunidade. Em apoio dessa interpretação eles citam 1 Coríntios 2:2: "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado", como refletindo a determinação de Paulo de mudar de método.

Outros, contudo, veem esse discurso como uma das tuas maiores mensagens, e alegam que seu método não poderia ser melhorado. S. M. Zwemer chamou-o de "uma maravilha de pregação diplomática e poderosa". F. B. Meyer afirmou que "por sua graça e sequência Intelectual, grandeza de concepção e alcance, imponente marcha de palavras eloquentes, ele é ímpar". Paulo sem dúvida ficou desapontado com a recepção que a maioria deu à sua mensagem; mas quem falhou: Paulo ou os atenienses?

Qualquer posição que se tome, este discurso provê valiosos discernimentos às técnicas de comunicação de Paulo. Nele o apóstolo exibe sua espantosa versatilidade, fazendo-se "tudo para com todos" — um intelectual para os intelectuais — "com o fim de, por todos os meios, salvar alguns" (1 Coríntios 9:22). Nisto ele foi bem-sucedido.

Analisemos os resultados desse discurso (Atos 17:32-34) que até Alexander Maclaren descartou como "pouco menos do que nada":

Alguns escarneceram — zombaria, desdém e cinismo.

Alguns procuraram ganhar tempo —"A respeito disso te ouviremos noutra ocasião" — indecisos, procrastinaram.

Alguns creram — "Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele, e creram". Um grupo de homens abraçou a mensagem.

"Entre eles estava Dionísio, o areopagita" (Atos 17:34). O Areópago era um colégio de doze juízes que tornaram Atenas famosa. O areopagita corresponderia, em nossos tempos, a um magistrado do Supremo Tribunal Federal. Se um membro do Supremo Tribunal Federal professasse a fé por ouvir a pregação de um dos nossos pastores, seria esta considerada fracasso? A conversão de Dionísio é um paralelo. Com que frequência se convertem os mais importantes magistrados? Paulo disse que não muitos

sábios foram escolhidos por Deus. Diz a tradição que Dionísio veio a ser, mais tarde, bispo de Corinto.

Outra pessoa que se converteu foi Dâmaris, uma mulher estrangeira e de fina educação. Tem-se sugerido que ela teria ouvido Paulo pregar na sinagoga, e portanto era temente a Deus. "E com eles outros mais", é a observação final. Não foi um mau resultado para um discurso dirigido a um grupo de intelectuais mentalmente fartos! Muitos pregadores hoje se dariam por felizes se experimentassem tal fracasso!

Um ponto que devemos ter em mente ao avaliar a mensagem de Paulo é que ela foi interrompida e ele não teve oportunidade de completá-la; assim, não temos ideia de seu conteúdo total. Nem precisamos concluir que o relato condensado de Atos, compreendendo umas duzentas e tantas palavras, foi tudo o que ele disse. O versículo 18 resume o conteúdo de sua mensagem: "Parece pregador de estranhos deuses, pois pregava a Jesus e a ressurreição."

O dirigente cristão tem muito que aprender com o método de Paulo. Convém notar alguns pontos.

Ele se adaptava ao seu auditório. Dirigindo-se ao povo de Antioquia da Pisídia, ele apelou quase inteiramente para as Escrituras do Antigo Testamento com as quais eles estavam familiarizados (Atos 13:14, 15).

Falando aos camponeses de Listra, porém, ele expressou os mesmos pensamentos em linguagem diferente. Ele não faz referências ao Antigo Testamento pois eles o desconheciam, mas apelou para a beneficência de Deus (Atos 14:15-18).

Em Atenas, ao se dirigir aos filósofos gregos, ele estabeleceu certa harmonia citando poetas gregos, e apresentou uma filosofia bíblica da própria história grega, acompanhada de uma dissertação sobre a natureza da Divindade.

A flexibilidade mental de Paulo em adaptar de tal modo sua mensagem a diferentes grupos esclarece o que ele pretendia dizer com "Fiz-me tudo para com todos". A lição para o missionário é que ele use uma linguagem compreensível, especialmente aos líderes ou aos líderes em potencial do grupo.

O prelúdio conciliatório de Paulo ao seu discurso é um modelo a ser imitado. Com grande tato e cortesia, ele apresentou o assunto elogiando os atenienses pelo óbvio interesse religioso manifestado na proliferação de altares por toda a cidade. Ele não começou criticando seus ídolos. Isso viria mais tarde, depois de estabelecida a concordância. Nem citou referências judaicas com as quais não estavam familiarizados.

Também não desceu ao nível de seus ouvintes orientados pela filosofia, como se o Cristianismo fosse apenas outra filosofia. Pelo contrário, ele esforçou-se por encontrar um ponto de contato entre a sua mensagem e as crenças então correntes. Visto que ele tinha em mira conquistá-los e não vencê-los num debate intelectual, limitou-se a comentar uma das inscrições de um altar que lhe chamou a atenção. Aí estava o ponto de contato! "*Ao Deus desconhecido*". Com grande coragem, Paulo disse: "Pois esse que adorais sem conhecer, é precisamente aquele que eu vos anuncio" (Atos 17:23).

Primeiro ele acentuou os pontos que tinham em comum a fim de prender-lhes a atenção; mas havendo conseguido isto, lançou-se a uma polêmica contra a idolatria. Sua cortesia não o levou a desculpar o erro.

O Dr. S. M. Zwemer mostra que embora fosse verdade haver Paulo reconhecido todo o bem que pôde encontrar em Atenas, longe de cortejar o orgulho ateniense, ele deitou-lhe o machado. Desafiou-os em cinco pontos:

Eles declaravam terem-se originado do solo. No versículo 24 Paulo afirma que Deus fez o mundo e tudo o que nele existe.

Eles apontavam para a Acrópole e sua bela arquitetura. Paulo disse: "O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe... não habita em santuários feitos por mãos humanas" (v. 24).

Eles se julgavam infinitamente superiores aos bárbaros, mas Paulo assevera: "De um só fez toda raça humana para habitar sobre toda a face da terra" (v. 26).

Eles se orgulhavam de sua cronologia e antiguidade, mas Paulo sustenta que foi Deus, e não Heródoto, que fixou "os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação" (v. 26).

A elogiada "Idade Áurea de Péricles" não passava de evidência da ignorância que Deus, graciosamente, não havia levado em conta (v. 30).

Dessa maneira Paulo derrotou os gregos exclusivistas, panteístas, materialistas, e os desafiou a arrepender-se.

"O discurso todo é um modelo para os que buscam apresentar em tais círculos o caminho da fé cristã, e uma advertência aos que, em momentos mal orientados têm visto virtude na grosseria, e lealdade à verdade num desrespeito às opiniões, aos pensamentos, às atitudes de pessoas inteligentes que deixam em todos os pontos de seguilos."

Convém dizer, contudo, que o apóstolo Paulo não se limitou a pregar sermões formais. Em seu contato com gente de todas as classes ele espontaneamente e em linguagem coloquial buscou conduzi-los a Cristo.

8

Paulo, o Dirigente Missionário

Escrevendo sobre o papel de Paulo como protótipo missionário, o Dr. R. E. Speer, notável missionário e estadista, disse: "O primeiro missionário assentou para todos os tempos as linhas e os princípios da obra missionária bem-sucedida." Paulo foi, acima de tudo, um missionário desbravador que deixou atrás de si uma linha de novas igrejas pujantes de vida. É um fato significativo que os maiores avanços missionários dos últimos cinquenta anos têm os princípios missionários de Paulo, redescobertos ou reafirmados.

Em geral se pensa que a experiência que Paulo teve na estrada de Damasco foi a raiz de seu entusiasmo missionário, e, em certo sentido, é verdade; mas já não era ele um ardoroso missionário do Judaísmo antes de converter-se? Ele desejava ser missionário e também rabino. Não era isto a fonte de seu excessivo zelo perseguidor? Em vez de esfriar esta paixão missionária, sua conversão não só a intensificou, mas também mudou-lhe o rumo.

Pelo ensino e pelo exemplo, Paulo aproximou-se do padrão divino mais do que qualquer missionário que o mundo já viu. Nele Cristo possuía um instrumento singularmente qualificado, otimamente afinado e apaixonadamente consagrado ao propósito divino. Na verdade, Cristo o escolheu precisamente porque viu nele matéria-prima missionária de raríssima qualidade. Outros missionários como David Livingstone abriram continentes para o evangelho. Paulo abriu o mundo.

Já tratamos de seu chamado geral. Consideremo-lo agora um pouco mais em relação às suas atividades missionárias. Na estrada de Damasco, o Senhor indicara duas coisas: (a) o ministério de Paulo seria para terras distantes; (b) seria antes de tudo para os gentios (Atos 22:21; 26:16-18). Uma vez que Jesus foi enviado primeiramente "às ovelhas perdidas da casa de Israel", ele deixou a evangelização dos gentios aos seus seguidores, dos quais Paulo devia ser o líder.

Mui lentamente os apóstolos compreenderam o caráter universal do evangelho. O primeiro passo significativo nesta direção aconteceu quando Pedro superou seu es-

treito fanatismo e foi à casa de Cornélio, um centurião romano (Atos 10:10-48). Mas acontecimentos posteriores na Galácia provaram que seu preconceito não havia sido eliminado por completo (Gálatas 2:11-14). A conversão dos gentios numa escala mundial exigia alguém com mente mais ampla e coração maior do que Pedro. Em Paulo o Espírito Santo encontrou um instrumento de grande coração e excelente preparação, mas que só aos poucos viria compreender todas as implicações do seu chamado (Veja Atos 13:46; 18:6; 22:20, 21).

Tem-se afirmado com acerto que o chamado do missionário hoje em dia não é a revelação de um novo propósito divino para a sua vida, mas a descoberta do propósito para o qual Deus o enviou ao mundo; a culminância de uma preparação que começou antes de seu nascimento. Foi assim com Paulo. Sua carreira missionária expandia-se constantemente. À medida que ele avançava em obediência, o plano de Deus para sua vida aos poucos tomava forma. Sua carreira foi uma demonstração de que a bênção de Deus parece repousar de maneira incomum nas fronteiras do avanço missionário.

O livro de Atos foi o primeiro manual missionário do mundo, incorporando tanto a história como a filosofia das missões. Há nele abundância de cenas e acontecimentos missionários típicos que proveem valiosa orientação para o trabalho missionário em qualquer época. Ele relata fracassos e sucessos. Revela princípios e indica métodos. É o comentário de Deus sobre os problemas encontrados na maioria dos campos missionários de hoje. Cobrindo um período de trinta e três anos, ele é uma demonstração vivida do que pessoas comuns podem realizar durante uma existência.

Os métodos de Paulo

Ao examinar os métodos que Paulo empregou como dirigente humano da empresa missionária, notamos os seguintes pontos:

1. No planejamento de sua estratégia, ele "reconhecia que as missões são uma tarefa humana que envolve o homem em seus relacionamentos totais e em sua identidade nacional, social e cultural. Assim, ele procurou identificar-se tanto quanto possível com as camadas nacionais e sociais da humanidade a fim de apresentar o evangelho de modo inteligível e aceitável".[1] (Veja I Coríntios 9:16-23). Por conseguinte, ele adaptou a tática à sua estratégia.

2. Paulo não limitou seus esforços a nenhuma camada social. Ele estava pronto a ser "tudo para com todos". Ele tinha em mira alcançar os desprivilegiados assim como os influentes. "Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma" (Romanos 1:14-15).

3. Ele passou de largo as aldeias e cidadezinhas, concentrando-se nas cidades grandes mais estratégicas, visto que elas exerciam maior influência na cultura e hábitos das pessoas. Só assim se poderia assegurar crescimento constante.

4. Paulo considerava as igrejas nas casas e seus membros como uma base potencial de missões. Ele esperava que funcionassem como tal num tempo comparativamente curto. A igreja tessalônica trouxe-lhe muita alegria neste sentido. "De sorte que vos tornastes o modelo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia... por toda parte se divulgou a vossa fé" (1 Tessalonicenses 1:7, 8).

5. Ele perseguia uma política de expansão constante, mas não negligenciava o ministério de consolidação nos lugares já visitados. (Veja Romanos 15:20 e Atos 15:30). "Voltemos agora para visitar os irmãos por todas as cidades, nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como passam" (Atos 15:36). As cartas faziam parte de seu cuidado pastoral das igrejas.

6. Ele empenhava-se em constante e persistente evangelização itinerante e pessoal. Ele não cometia o erro de alguns dirigentes que aconselham outros a fazer o que eles mesmos não fazem.

7. Ele patrocinava a causa dos gentios contra os legalistas, e pregava que todas as barreiras deixam de existir em Cristo. "Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gálatas 3:28). Não havia distinções de raça, classe e sexo.

8. Ele denunciava os métodos superficiais de evangelização. A mera evangelização não o satisfazia. Seu objetivo era plantar igrejas permanentes entre pessoas receptivas à verdade, e levar os crentes à maturidade plena. Ele declara de maneira sucinta o alvo de sua pregação: "O qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim" (Colossenses 1:28-29).

Conquistados os convertidos, ele os formava em igrejas com uma organização simples e flexível. "E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade [Antioquia da Pisídia], e feito muitos discípulos... promovendo-lhes em cada igreja a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido" (Atos 14:21-23).

9. Ele pregava um evangelho completo — a universalidade do pecado e a certeza do juízo; a importância e a suficiência da Cruz; a ressurreição e a Segunda Vinda de

Cristo. “Portanto eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos; porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus” (Atos 20:26-27). Mesmo quando esteve em Tessalônica por breve tempo, ele apresentou toda a gama da verdade em embrião.

10. Ele não oferecia engodos financeiros, mas incentivava cada igreja não só a prover o seu próprio sustento como também ser generosa em dar a outros. Escrevendo aos coríntios, ele citou o exemplo dos crentes das igrejas macedônias, que, “na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários”. “Como, porém, em tudo manifestais superabundância”, foi sua palavra de estímulo, “tanto na fé e na palavra, como no saber e em todo cuidado o em nosso amor para convosco, assim também abundeis nesta graça” (2 Coríntios 8:7).

11. Ele praticava a arte da delegação. Embora disposto a arcar com uma tremenda carga de trabalho e responsabilidade, ele era sábio demais para assumir demasiada responsabilidade pelas igrejas. Sabia como delegar trabalho e responsabilidade a outros que, conquanto menos qualificados, cresceriam e se desenvolveriam à medida que lhes fosse confiada maior responsabilidade. Desse modo ele continuava a desenvolver novos líderes.

12. Ao dizer, “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1 Coríntios 11:1), Paulo estava estabelecendo um padrão sobremodo elevado, especialmente na área do serviço sacrificial. Ele fixou para os seus convertidos um padrão em nada inferior ao que ele próprio demonstrava.

13. Ele procurava e cultivava a amizade de jovens promissores com potencial de liderança e instruía-os a disciplinar-se a si próprios como bons soldados de Jesus Cristo. “Exercita-te pessoalmente na piedade”, insistiu com Timóteo, “Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser” (1 Timóteo 4:7, 8).

14. Quando as circunstâncias indicavam não ser o curso mais prudente, ele não aceitava sustento das Igrejas, mas ganhava a vida fabricando tendas.

15. Ele tinha ilimitada confiança na mensagem do evangelho, e em seu poder de transformar indivíduos e comunidades (Romanos 1:15).

16. Ele tinha o espírito do pioneiro. “Não nos gloriando fora de medida nos trabalhos alheios, e tendo esperança de que, crescendo a vossa fé, seremos sobremaneira engrandecidos entre vós, dentro da nossa esfera de ação, a fim de anunciar o evangelho para além das vossas fronteiras, sem com isto nos gloriarmos de coisas já realizadas em campo alheio” (2 Coríntios 10:15-16).

Para Paulo, portas fechadas eram mais um desafio do que um obstáculo. Ele não admitia que pelo fato de uma porta parecer fechada não devesse tentar transpô-la. Nem ficava ele ocioso, deixando que o diabo alcançasse uma vitória inconteste. Ele empurrava a porta para ver se estava de fato fechada (Atos 16:7), mas aceitava a vontade de Deus sem discutir quando lhe parecia clara, mesmo que fosse contrária aos seus desejos.

Às vezes o dever impedia-o de realizar seu objetivo. "Muitas vezes me propus ir ter convosco, no que tenho sido até agora impedido" (Romanos 1:13). Às vezes era Satanás quem impedia: "Por isto quisemos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas), contudo Satanás nos barrou o caminho" (1 Tessalonicenses 2:17, 18). Mas em geral ele era bem-sucedido em alcançar seu objetivo.

Que homem! Com que riqueza ele merecia as avaliações dele e de suas qualidades feitas por Dean Farrar: "Paulo, tão enérgico quanto Pedro e tão contemplativo quanto João; Paulo, o herói do altruísmo; Paulo, o poderoso defensor da liberdade religiosa; Paulo, pregador maior do que Crisóstomo; missionário maior do que Xavier; reformador maior do que Martinho Lutero; teólogo maior do que Tomás de Aquino; Paulo, o inspirado apóstolo dos gentios, o escravo do Senhor Jesus Cristo."[2]

Desavença entre Paulo e Barnabé

Os missionários não estão isentos dos ataques do adversário sempre alerta para quebrar a harmonia. Mesmo homens piedosos têm o seu calcanhar de Aquiles, e Paulo não constituía exceção. O desacordo entre ele e Barnabé por causa de João Marcos traz lições salutares para aqueles que pensam em ser dirigentes.

Na primeira viagem missionária, João Marcos desertou e voltou de Perge para casa. Aos olhos de Paulo, este foi um sério descumprimento do dever. Quando Barnabé, homem de bom coração, quis levar João Marcos na segunda viagem, Paulo se opôs com vigor. Ele achava que o jovem não tinha o espírito nem a resistência para uma viagem tão cheia de riscos.

O desacordo resultante não foi nada brando. "Houve entre eles tal desavença que vieram a separar-se", diz o relato (Atos 15:37-39). A ação de Barnabé cheirava a nepotismo, pois João Marcos era seu sobrinho. Ele foi apanhado num choque de lealdades, e optou em favor do parente. No calor da discussão ele se mostrou obstinado e Paulo, intransigente. Chegaram a um impasse, e não há relato de que tenham orado a respeito do caso. Pelo contrário, chegaram à solução infeliz de cada um ir por diferente caminho.

Olhando em retrospectiva, parece que havia elementos justos de ambos os lados. Barnabé achava que se deveria dar ao jovem o benefício de uma segunda oportunidade, e que no final ele faria bem as coisas. Provou que estava certo. Paulo pensava mais no êxito da missão e achava que era um risco levar como membro da equipe alguém que com toda probabilidade desertaria de novo quando as coisas ficassem difíceis. É fácil acompanhar o raciocínio de Paulo.

Sir William Ramsay sustenta que a história caminha com Paulo, e não com Barnabé, porque aquele, e não este, recebeu a bênção da igreja de Antioquia. Por outro lado, a convicção otimista de Barnabé da utilidade do jovem João Marcos provou-se bem fundamentada, e mais tarde Paulo escreveu a Timóteo: "Toma contigo a Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério" (2 Timóteo 4:11). Esta era a marca de um grande homem, de um verdadeiro líder.

A lição foi salutar para Marcos e seus olhos se abriram para a falha de caráter que, sem dúvida, o lançou de volta à dependência de Deus.

Não se pode justificar ou perdoar a discórdia, mas Deus "converteu a maldição em bênção". O resultado final foi a criação de duas eficientes equipes de pregação. A desavença não foi fruto do Espírito, porém, uma vez mais "onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Romanos 5:20).

Tal situação é uma possibilidade constante na obra cristã — diferenças de opinião que se transformam em discórdia que têm como fim a quebra de comunhão.

"Tudo quanto outrora foi escrito, para nosso ensino foi escrito" (Romanos 15:4).

9

Opiniões e Convicções de Paulo

"*Como está escrito: Eu cri, por isso é que falei, também nós cremos, por isso também falamos*" (2 Coríntios 4:1 3).

"*Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente*" (Romanos 14:5).

Mente aberta e atitude tolerante são características elogiadíssimas nos círculos intelectuais; é justo que assim seja, desde que as condições de referências sejam corretas. Há, porém, uma abertura de mente e tolerância que não passa de falta de caráter.

Em muitos assuntos, é perfeitamente certo suspender o julgamento; por exemplo, questões moralmente neutras; ou interpretações especulativas da Bíblia sobre as quais não há ensino claro; problemas políticos ou de outra natureza sobre os quais se justificam opiniões alternativas.

Há, porém, algumas questões a respeito das quais é certo ter a mente fechada. Quando o cristão, após cuidadosa meditação e pesquisa bíblica, chega a conclusões definitivas, é correto que ele mantenha firmes essas conclusões. Mostra porventura um estudante de matemática mente aberta quanto a dois mais dois serem quatro? Tal atitude mereceria a acusação de obscurantismo. Não quer dizer, porém, que não se deve estar pronto para considerar outros fatos indiscutíveis. Mas para que o indivíduo mude de opinião é preciso haver prova incontroversa. No caminhar cristão, devemos formar convicções firmes como um ancoradouro no mar encapelado da vida.

Diz o dicionário que convicção é a "certeza adquirida por demonstração". As opiniões nos custam apenas um fôlego, mas as convicções muitas vezes custam a própria vida. Todos nós somos férteis em opiniões, mas poucas são as que chegam a convicções fortes. Alguns confundem preconceitos com convicções. Os preconceitos, contudo, só nos fazem fanáticos. Devemos alcançar a certeza da realidade básica de nossa fé.

Como qualquer líder valoroso, Paulo nutria fortes e duráveis convicções. Ele tinha crenças inabaláveis concernentes a Deus e ao homem, à vida e à morte, a este mundo e ao vindouro. Tais crenças davam colorido e autoridade à sua liderança. As pessoas seguem de boa vontade o crente que se firma nas suas crenças.

"Não é a sabedoria do pregador, mas a sua convicção, que se comunica aos outros. A chama verdadeira acende outra chama. O homem que tem convicções falará e será ouvido... Não há quantidade de leitura ou de brilho intelectual que tome o lugar da convicção e da sinceridade."[1]

As convicções não são produto apenas da razão e da pesquisa. Em seus *Pensamentos*, Pascal escreveu: "O coração tem razões que a própria razão desconhece. É o coração, e não a razão que sente a Deus. Há verdades que são sentidas e verdades que são provadas, porque conhecemos a verdade não só pela razão mas pela convicção intuitiva a que se pode chamar coração. As verdades primárias não são demonstráveis, e não obstante nosso conhecimento delas não é menos correto... A verdade pode estar acima da razão e não ser contrária a ela."[2]

O dirigente cristão deve estar seguro de certas convicções básicas; vamos considerá-las a seguir.

Concernentes às Escrituras

As convicções de um líder concernentes às Escrituras afetarão profundamente a natureza de sua liderança. Aquele que tem reservas mentais quanto à inspiração e autoridade absolutas da Bíblia não fará uma apresentação e aplicação positivas da verdade divina. Aqui, como em tudo o mais, Paulo estabelece o padrão.

Sua única Bíblia era o Antigo Testamento, e já antes de sua conversão ele a tratava com reverência como oráculos de Deus. Em sua preparação ele decorava longos trechos — prática inapreciável e pouquíssimo observada hoje em dia. Quando estive no Japão, há pouco tempo, um pastor japonês me disse que havia lido a Bíblia 86 vezes nos últimos sete anos! Demasiado grande é o número dos cristãos que já a leram do princípio ao fim uma única vez!

Em suas cartas, Paulo não dá a mais leve impressão de alimentar dúvidas sobre a origem e inspiração divinas das Escrituras. Ele teve de enfrentar, como seu Mestre antes dele, os mesmos problemas textuais, todos os assim chamados erros e discrepâncias do Antigo Testamento com os quais temos de contender hoje; mas não há uma centelha de evidência de que esses problemas lhe houvessem dado qualquer preocupação. Ao assumirmos a mesma posição, estamos em boa companhia.

A confiança de Paulo na autoridade e integridade das Escrituras expressa-se nestes versículos inequívocos: “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16-17).

Ele compartilhava a convicção de seu Senhor de que “Até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra” (Mateus 5:18).

Disse John Stott: “A Escritura é a Palavra de Deus porque é inspirada por Deus. Teve origem na mente divina, procede da boca de Deus, embora, é claro, tenha sido proferida por autores humanos sem destruir a individualidade deles e sem perder a autoridade divina no processo.”

As cartas de Paulo estão cheias de referências ao Antigo Testamento. Um diligente estudioso da Bíblia contou 74 citações em Romanos, 29 em 1 Coríntios, 20 em 2 Coríntios, 13 em Gálatas, 21 em Efésios, 6 em Filipenses, 4 em Colossenses, 7 em 1 Tessalonicenses, 9 em 2 Tessalonicenses, 2 em 1 Timóteo, 4 em 2 Timóteo, 3 em Tito — 192 ao todo.

Paulo nem sempre se dava ao cuidado de citar as palavras exatas do original, mas extraía o seu sentido, guiado pelo Espírito Santo; sempre que recorria às Escrituras, descobria princípios e verdades que se ajustavam exatamente às suas próprias necessidades e às de seus leitores.

Sua ilimitada confiança na exatidão e confiabilidade das palavras da Bíblia evidencia-se, por exemplo, quando ele constrói toda a sua argumentação sobre o uso do singular. “As promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo” (Gálatas 3:16). Em sua defesa perante Félix, ele declarou: “acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei, e nos escritos dos profetas” (Atos 24:14).

Ele cria com todas as forças que as Escrituras do Antigo Testamento eram aplicáveis à vida e experiência dos cristãos do Novo Testamento. Referindo-se às experiências de Israel no deserto e ao juízo que caiu sobre o povo por causa do pecado, Paulo escreveu: “Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado” (1 Coríntios 10:11). E de novo: “E não somente por causa dele [Abraão] está isso escrito que lhe foi levado em conta, mas também por nossa causa“ (Romanos 4:23, 24).

Em face do óbvio amor e reverênica de Paulo pelo Antigo Testamento, e do frequente uso que dele fez, segundo escreveu R. E. Speer, "é triste pensar que é provável que ele não possuísse um exemplar do Antigo Testamento. As Escrituras do Antigo Testamento eram escritas em rolos incômodos de carregar, e eram caras demais. Em suas longas viagens, seria difícil para Paulo levá-las consigo, caso lhe tenha sido possível adquiri-las."[3] Quanto deveríamos nós prezar nossas Bíblias compactas, fáceis de ler e de carregar!

Concernentes às críticas desfavoráveis

Quanto mais alto um homem sobe em liderança, tanto mais fica sujeito à crítica e ao cinismo dos rivais ou dos que se opõem às suas opiniões e ações. A maneira pela qual ele reage terá efeitos de longo alcance sobre a sua obra. A busca da popularidade pode significar a perda da verdadeira liderança espiritual.

Paulo estabeleceu um valioso padrão nesta área. Embora ele desejasse que seus companheiros pensassem bem dele, ele recusava a ser popular a expensas do favor do seu Mestre. Ele expressou sua ambição em 2 Coríntios 5:9: "É por isso que também nos esforçamos... para lhe ser agradáveis". Escrevendo aos gálatas, ele pergunta: "Porventura procuro eu agora o favor dos homens, ou o de Deus? ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo" (Gálatas 1:10).

A opinião contrária de seus companheiros não o perturbava indevidamente, embora ele não procurasse ser criticado. "Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por tribunal", escreveu ele aos coríntios. "Porque de nada me argui a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que venha o Senhor" (1 Coríntios 4:3-4, 5).

Visto que Paulo sabia ser fiel aos "mistérios de Deus" que lhe foram confiados (4:1), ele podia dar-se ao luxo de não levar em conta a mera opinião humana. "A mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós."Tem-se salientado que se a crítica da Igreja apenas trinta anos após o Pentecoste podia ser assim ignorada pelo fiel líder, a censura da igreja morna dos nossos dias não precisa causar-nos muitos terrores.

Nem temia ele o julgamento do mundo — qualquer tribunal humano. O mundo não era seu juiz; contudo, ele tinha o cuidado de preservar certo equilíbrio. Também escreveu: "Não vos torneis causa de tropeço... assim como também eu procuro em tudo ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos" (1 Coríntios 10:32, 33).

"Mendelssohn não teria submetido seus oratórios ao julgamento de um surdo-mudo, nem Rafael suas telas ao juízo de um cego de nascença", escreveu D. M. Panton, "como Paulo não submeteria os mistérios de Deus a um mundo que não o conhece."

Ele foi além, e afirmou que a posse de uma consciência perfeitamente limpa, por mais valiosa que seja, não o justificava. Embora a consciência o lisonjeasse, ele desconfiava até do seu próprio veredicto, pois conhecia a sutileza de seu próprio coração. "Nem eu tampouco julgo a mim mesmo. Porque de nada me argui a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado."

"Quem me julga é o Senhor" — e ele conhece tudo. Ele pode pesar os motivos bem como avaliar os fatos. É ele o supremo tribunal de apelação. Seu juízo é justo e infalível — portanto devemos suspender o julgamento. "Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que venha o Senhor." Nossos poderes são limitados demais, nosso conhecimento é insuficiente, nossas mentes demais tendenciosas para podermos chegar a um juízo correto. Podemos e devemos confiar tudo às competentes mãos divinas, e no final, "cada um receberá o seu louvor da parte de Deus".

Resta dizer que a indiferença pela opinião humana pode ser desastrosa se não vier ligada com o temor de Deus. Mas, cumprida esta condição, certa independência das avaliações humanas pode ser um grande bem ao crente disciplinado cujo alvo é a glória divina. Para Paulo, que tinha o ouvido afinado com a voz mais alta da avaliação de Deus, a voz do homem era fraca. Ele não temia o juízo humano porque sabia encontrar-se diante de um tribunal mais elevado.

Concernentes à Igreja

A esfera da liderança de Paulo era preeminentemente a Igreja. Na verdade, olhando do ângulo humano, poder-se-ia dizer que ele é seu principal arquiteto. Sob a orientação do Espírito Santo ele foi em grande parte responsável por moldá-la no instrumento de comunhão local e de evangelização mundial que ela veio a ser posteriormente. Ele via com clareza que a Igreja ocupava lugar central nos propósitos de Deus.

Conquanto Paulo estivesse dolorosamente cônscio da fraqueza e das falhas da Igreja, e, em certo sentido, fosse individualista, ele não a abandonou nem estabeleceu alguma organização de sua própria inventiva, "responsável só perante Deus", como ocorre com tanta frequência em nossos dias. Ele procurou fortalecê-la de dentro. Seu ensino e exemplo em nada apoiam aqueles que costumam denegrir a Igreja.

"Portanto, o cristão individualista, cuja lealdade à Igreja é leviana, e às vezes é tentado a depreciar o 'Cristianismo organizado', não deve esperar a simpatia de Paulo."[4]

Na estrada de Damasco ele começou a aprender o valor que Cristo dava à sua Igreja. "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (Atos 9:4). Aquele que tocava sua Igreja tocava a Cristo! Ele aprendeu que "Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela" (Efésios 5:25). Era propósito de Deus que, "pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais, segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus nosso Senhor" (Efésios 3:10-11).

Esta elevada estima da Igreja levou Paulo a conservá-la no centro do seu pensamento e planejamento. É interessante notar que a maioria das figuras que Paulo emprega para retratar a Igreja são vivas. Um organismo que cresce, em vez de mera organização — o corpo místico de Cristo (Colossenses 1:24). Na Igreja ele via unidade em meio à diversidade: "Porque, assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função; assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros" (Romanos 12:4-5).

O conceito que Paulo tinha do relacionamento conjugal como um quadro da Igreja (Efésios 5:25) é desenvolvido ainda mais ao chamar a Igreja de Noiva de Cristo, com toda a riqueza de imagens que essa figura encerra (Apocalipse 19:7, 9). Não se poderia imaginar relacionamento mais terno e afetuoso.

Paulo não via a Igreja como uma instituição rígida e fria, mas como uma família afetuosa e amorosa, a família de Deus com todos os relacionamentos felizes que a verdadeira vida familiar envolve. Deus, que "faz que o solitário more em família", estabelece os cristãos em Igrejas, onde, idealmente, o povo de Deus serve uns aos outros e leva as cargas uns dos outros. Ele é o Pai, "de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra" (Efésios 3:15).

Paulo também adota a figura de um edifício, um templo que está sendo construído tendo Cristo como alicerce e principal pedra de esquina. E um templo santo, uma "habitação de Deus no Espírito" (Efésios 2:22). Cada crente é uma pedra viva colocada nesse edifício divino.

A Igreja é também a guardiã da verdade divina e testemunha dela, porque ela é "a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade" (1 Timóteo 3:15). Em lugar algum Paulo representa a Igreja como perfeita e infalível — ele conhecia muito bem suas fraquezas. Quando ele falou de Cristo apresentando a sua Igreja "gloriosa, sem má-

cula, nem ruga, nem coisa semelhante", sabia que esse dia estava distante no futuro (Efésios 5:27).

Embora a unidade da Igreja deva ser nosso constante objetivo e esforço, não devemos buscá-la a expensas da verdade. "A unidade torna-se imoral", escreve R. E. Speer, "quando adquirida ao preço da fidelidade a Cristo ou à lei de Cristo na vida... Para Paulo só duas coisas serviam de motivo para rompimento e divisão. Uma era deslealdade e infidelidade a Cristo; a outra, o pecado impenitente."[5]

O Cristo assunto ao céu enriqueceu a Igreja com dons espirituais apropriados para cumprir seu propósito eterno. Porém, mesmo em seus melhores dias, alguns desses dons sofreram abuso. Isto deu margem às instruções de Paulo nos capítulos 12-14 de 1 Coríntios, concernentes ao exercício correto desses dons. Ele acentuou que a finalidade desses dons era a edificação da Igreja, e não o engrandecimento de quem os possuía, e que a ausência do amor autêntico neutralizaria sua eficácia.

Assim, para ele, a Igreja era o centro focal de adoração e testemunho, de conselho e ensino, de exortação e estímulo, de treinamento para o serviço.

Concernentes à disciplina da Igreja

Uma das responsabilidades desagradáveis do dirigente cristão é a de exercer uma disciplina piedosa. Se os padrões bíblicos e um sadio tom moral e espiritual devem ser mantidos numa igreja ou em qualquer organização cristã, às vezes será necessário uma disciplina amorável e restauradora. E este especialmente o caso em se tratando de erros doutrinários ou falhas morais. Em suas cartas, Paulo exorta quanto ao exercício de tal disciplina e ele mesmo dá o exemplo.

Vale notar, contudo, que ele acentua de modo especial o espírito em que se executa a disciplina. Tratamento severo e desamoroso só afastará o ofensor; e não é esse o objetivo em vista. "Caso alguém não preste obediência à nossa palavra dada por esta epístola", escreveu Paulo, "notai-o; nem vos associeis com ele, para que fique envergonhado. Todavia, não o considereis por inimigo, mas adverti-o como irmão" (2 Tessalonicenses 3:14-15).

No caso de alguém que "causou tristeza", os coríntios foram exortados a "perdoar-lhe e confortá-lo, para que não seja o mesmo consumido por excessiva tristeza. Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor" (2 Coríntios 2:5-6).

Que deveriam os líderes fazer quando alguém fosse surpreendido em pecado? "Vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado" (Gálatas 6:1). O amor é parte essencial de um ministério res-

taurador. A pessoa que enfrentou e honestamente resolveu seus próprios pecados e falhas está mais bem capacitada para tratar com simpatia, mas também com firmeza, com o ofensor. Um espírito de mansidão terá resultado muito melhor do que uma atitude de crítica.

Tanto a Bíblia como a experiência concordam em que, em qualquer ação disciplinar, convém pesar convenientemente os seguintes fatores:

A ação deve ser tomada somente depois de um exame completo e imparcial de todos os fatos.

O amor genuíno deve ser a motivação, e qualquer ação deve ser conduzida da maneira mas atenciosa possível.

A ação só deve ser tomada quando claramente visa ao bem geral do indivíduo e do trabalho.

Só deve ser feita com muita oração.

O objetivo supremo deve ser a ajuda espiritual e a restauração da pessoa interessada.

Concernentes à responsabilidade cívica

No mundo confuso e revolucionário de nossos dias este assunto adquire mais e mais proeminência. Muitos cristãos estão sendo compelidos a repensar e a redefinir sua própria posição à luz das condições predominantes. Aqui também Paulo dá uma direção clara.

Vivendo num regime totalitário sob a jurisdição do corrupto Félix e do monstruoso Nero, Paulo seria escusado se tivesse uma opinião um tanto preconcebida a respeito de política e de governo civil. Não obstante, ele defendeu com vigor a obediência à autoridade constituída, fosse ela boa ou má. Escrevendo aos romanos, ele apresenta fortes motivos para essa atitude: “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas. De modo que aquele que se opõe à autoridade, resiste à ordenação. Porque os magistrados não são para temor quando se faz o bem, e, sim, quando se faz o mal” (Romanos 13:1-3). Também ele exortou Tito a “lembrar-lhes que se sujeitem aos que governam, às autoridades; sejam obedientes, prontos para toda boa obra” (Tito 3:1).

A sabedoria sã deste conselho leva em conta o fato de que seus compatriotas em Roma eram um grupo volátil e inflamável, cujas atividades contrárias à ordem estabelecida poderiam muito facilmente ser atribuídas aos cristãos, com os horríveis resulta-

dos. Naturalmente, este foi, em realidade, o caso por ocasião do incêndio de Roma, que desencadeou uma onda feroz de perseguição contra os cristãos que eram de todo inocentes.

Embora tratado injustamente pelas autoridades em diversas ocasiões, Paulo não incentivou nem a resistência passiva nem a ação direta. Os cidadãos deviam desincumbir-se de seus deveres civis, pagar impostos e respeitar a autoridade: "Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra" (Romanos 13:7).

Mais do que isso, os cristãos tinham a responsabilidade de orar pelos seus governantes. "Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, ações de graça, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito" (I Timóteo 2:1 -2). Não vinha ao caso se os governantes eram dignos de respeito ou não. Pelo contrário, quanto mais indignos fossem, maior necessidade teriam de oração.

A cidadania romana de Paulo era um privilégio de causar orgulho, mas ele nem sempre exerceu em seus próprios interesses os privilégios que ela conferia. Onde, porém, ela estava claramente no melhor interesse da obra, ele não hesitava em fazer valer seus direitos. A experiência de Paulo em Filipos é um caso em questão. Após a sessão de louvor à meia-noite e a conversão do carcereiro, "Quando amanheceu, os pretores enviaram oficiais de justiça, com a seguinte ordem: Põe aqueles homens em liberdade. Então o carcereiro comunicou a Paulo estas palavras: Os pretores ordenaram que fósseis postos em liberdade. Agora, pois, saí e ide em paz. Paulo, porém, lhes replicou: Sem ter havido processo formal contra nós nos açoitaram publicamente e nos recolheram ao cárcere sendo nós cidadãos romanos; querem agora, às ocultas, lançar-nos fora? Não será assim; pelo contrário, venham eles, e pessoalmente nos ponham em liberdade. Os oficiais de justiça comunicaram isso aos pretores; e estes ficaram possuídos de temor, quando souberam que se tratava de cidadãos romanos. Então foram ter com eles e lhes pediram desculpas; e, relaxando-lhes a prisão, rogaram que se retirassem da cidade" (Atos 16:35-39).

Fazendo desse modo valer seus direitos, Paulo estava salvaguardando os futuros interesses da Igreja que era sua principal preocupação. Sua atitude abriu o caminho para os cristãos no futuro. As autoridades seriam muito mais prudentes após esta experiência humilhante.

Num documento póstumo do Dr. J. L. Nevius, ele cita com aprovação estas palavras do Dr. Alexander: "Embora Paulo se submetesse alegremente a ser preso, açoi-

tado e lançado na prisão interior quando tudo podia ser evitado por uma palavra, não podemos deixar de admirar a coragem moral, a decisão tranquila e o julgamento sadio que ele revelou na afirmativa calma de seus direitos legais, precisamente quando havia a maior probabilidade de serem úteis a ele e aos outros. Isto basta para mostrar quão longe estava ele de dar uma interpretação fanática ou rigorosa ao princípio de nosso Salvador da não resistência (Mateus 5:39) que, à semelhança de muitos outros preceitos no mesmo discurso, ensina-nos o que devemos dispor-nos a suportar num caso extremo, mas sem abolir o direito e o dever de determinar quando ocorre esse caso."[6]

Este princípio ainda se aplica à obra missionária, no caso de o missionário viver em terra estrangeira.

Paulo, porém, não era masoquista, e quando não havia nada em jogo, ele evitava problemas e sofrimentos desnecessários. "Quando o estavam amarrando com correias, disse Paulo ao centurião presente: Ser-vos-á porventura lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?" Houve ocasiões, contudo, em que ele se sujeitou aos açoites (p. ex., 2 Coríntios 11:24), mas neste caso particular ele julgou que seu sofrimento não alcançaria nenhum bom propósito.

Mais tarde ele se julgou no direito de apelar para César, escolha que teve influência de longo alcance sobre o curso futuro da Igreja (Atos 25:8-12). Ele fez esse apelo porque viu "que havia chegado o tempo de determinar a posição do Cristianismo perante a lei romana".

Concernentes à consciência

"Por isso também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens" (Atos 24:16).

Uma consciência que condena não é um bem para o líder. Mais do que qualquer outro escritor do Novo Testamento, Paulo ministra ensino claro sobre a função da consciência — um aspecto muito importante da verdade, visto que a consciência contribui tanto para nosso bem-estar emocional. A ignorância desta função ou a persistente desobediência ao que ela determina pode levar a grandes distúrbios espirituais. E necessário, portanto, que o líder ou conselheiro saiba o que a Bíblia tem para dizer sobre o assunto. As frequentes referências de Paulo ao estado de sua consciência mostra o quanto ele considerava importante o seu funcionamento adequado.

Tem-se definido a consciência como o testemunho e juízo da alma que aprova ou desaprova os atos da vontade. Parece que ela é uma atividade especial do intelecto e das emoções, que capacita o indivíduo a distinguir entre o bem e o mal — a fazer distinções morais.

Esta faculdade é que torna culpável o pecado do homem e o distingue dos irracionais. Ela contém a ideia do homem sendo cotestemunha de Deus a favor de si mesmo, ou contra, de acordo com a própria estimativa que ele faz de suas ações.

A consciência não é, porém, uma faculdade executiva. Ela não tem poder de obrigar o homem a proceder direito ou cessar de proceder errado. Ela dá seu veredicto, produz a emoção apropriada, mas deixa à vontade do homem atuar à luz do que ela julgou. Ela não tem nenhuma responsabilidade mais. E como o termômetro que, embora assinale a temperatura, nunca cria nem modifica essa temperatura. Quando, como disse alguém, obedecemos à nossa consciência, vivemos em bem-aventuranças. Quando lhe desobedecemos, ela clama como João Batista: "Não te é lícito!".

Uma consciência condenadora

Paulo arrola quatro estados progressivos de uma consciência que condena.

Uma consciência fraca, mórbida e superescrupulosa. Paulo esclarece este ponto com o caso do alimento oferecido aos ídolos. "Alguns, por efeito da familiaridade até agora com o ídolo, ainda comem dessas coisas como a ele sacrificadas; e a consciência destes, por ser fraca, vem a contaminar-se. E deste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais" (1 Coríntios 8:7, 12).

A consciência desta pessoa reage fielmente de acordo com a luz que tem; mas, como uma bússola de fraca corrente magnética, ela tende a vacilar. O resultado é que seu possuidor é a todo instante atormentado pela dúvida quanto à propriedade de uma ação, e arranca, pela descrença, o que foi semeado com fé. Dois motivos pode haver para tal fraqueza — conhecimento imperfeito da Palavra e da vontade de Deus, com consequente fé imperfeita; ou uma vontade insubmissa cuja escolha é vacilante. A medida corretiva é enfrentar os problemas à luz da Bíblia, chegar a uma decisão de acordo com o seu melhor juízo e resolutamente deixá-la aí.

Uma consciência fraca degenera-se facilmente numa consciência contaminada (1 Coríntios 8:7). Se persistimos em alguma ação contra a qual a consciência protestou, esse procedimento a contamina e a impede de funcionar com fidelidade, do mesmo modo que o pó atrapalha o delicado mecanismo de um relógio e o faz funcionar mal. Isto é especialmente verdadeiro no domínio da pureza moral. "Todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros... nada é puro. Porque, tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas" (Tito 1:15).

Uma consciência negligenciada pode tornar-se habitualmente má e culpada, chegando ao ponto de considerar o bem como mal e o mal como bem. "Tendo os cora-

ções purificados de má consciência" (Hebreus 10:22). Se o seu possuidor estiver decidido a praticar o mal, a voz de protesto da consciência se tornará cada vez mais fraca.

A contestação habitual da consciência faz que ela se torne insensível e cesse de funcionar. "Pela hipocrisia dos que falam mentiras, e que têm cauterizada a própria consciência" (1 Timóteo 4:2). Quando a consciência está cauterizada, ela já não protesta, e nenhum apelo tem êxito.

A falha em dar ouvidos à voz da consciência leva a graves consequências, adverte Paulo. "Mantendo fé e boa consciência, porquanto alguns, tendo rejeitado a boa consciência vieram a naufragar na fé" (1 Timóteo 1:19).

Uma consciência que elogia

Aqui, também, Paulo apresenta quatro estados progressivos. Uma consciência aprovadora é um prêmio superior aos rubis. A consciência é tão fiel em elogiar o que é certo como em condenar o que é errado. "Amados, se o coração [consciência] não nos acusar, temos confiança diante de Deus" (1 João 3:21). Paulo arrola quatro estados desejáveis de consciência.

Uma consciência limpa. "Conservando o mistério da fé com a consciência limpa" (1 Timóteo 3:9). Uma consciência limpa ou pura é agudamente sensível à aproximação do mal. Conservamo-la limpa quando obedecemos plenamente à luz que a Palavra de Deus jorra sobre nossa conduta.

Uma boa consciência é a possessão daquele que aceita os ditames de sua consciência limpa em todas as coisas. "O intuito da presente admoestação visa o amor que procede de coração puro e de consciência boa" (1 Timóteo 1:5). "Mantendo fé e boa consciência" (1 Timóteo 1:19). A reprovação que provém da boa consciência é aceita e obedecida.

Consciência pura. "Por isso também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens" (Atos 24:16). Este é o estado feliz em que nenhuma voz acusadora perturba nossa paz com Deus, ou frustra nossas relações com os homens. Perder esta serenidade e calma de coração por amor a alguma gratificação passageira é pagar um preço alto demais.

Uma consciência aperfeiçoada, mediante a purificação do sangue de Cristo... se oferecem assim dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes" (Hebreus 9:9). "Muito mais o sangue de Cristo... purificará a nossa consciência" (Hebreus 9:14).

A consciência não é capaz de curar os seus próprios males; de modo que se o seu possuidor quiser gozar de paz com Deus, deve apropriar-se pessoalmente da provisão do sangue de Cristo.

Resta dizer que a consciência não é infalível; é um fator flutuante que reage fielmente aos padrões que aceitou. A consciência de um hindu, que protestaria em altas vozes contra matar uma vaca, não protestava de forma alguma quando se queimava uma viúva sobre a pira funeral. É uma questão do padrão do qual a consciência dá testemunho. As consciências dos que conduziram a Inquisição aprovavam suas ações, mas isso não os justifica.

O delicado mecanismo da consciência desequilibrou-se na queda do homem. Toda consciência demanda ajustamento, e só funcionará corretamente quando for acertada com os padrões bíblicos. Paulo afirmou que este ajuste exigia esforço moral de sua parte. "Por isso também me esforço por ter sempre consciência pura."

O próprio Paulo, cegado pelo preconceito e pelo fanatismo, reagiu a uma consciência não ajustada às Escrituras. E como se arrependeu amargamente quando viu a verdadeira natureza das ações que sua consciência havia aprovado antes!

A pessoa perturbada por uma consciência condenadora deveria lembrar-se de que mediante arrependimento, o pior pecado pode ser perdoado, e desaparecerá imediata e completamente da consciência. O Espírito Santo, que se deleita em aplicar, em resposta à fé, o solvente do sangue de Cristo à consciência contaminada, também se deleita em capacitar o crente a viver com uma consciência sem ofensa.

Concernentes ao diabo

A pessoa que se encontra em posição de liderança mas que ignora as atividades do adversário invisível, o diabo, obviamente não estudou com seriedade os ensinos de nosso Senhor ou de Paulo sobre este assunto. Diz certo provérbio chinês: "Conhece o teu inimigo; então, em cem batalhas serás vitorioso cem vezes." Nenhum líder pode dar-se ao luxo de ter ignorância espiritual neste assunto.

A clássica passagem sobre a guerra espiritual do crente com Satanás e com as potestades das trevas — Efésios 6:10-18 — foi escrita por Paulo. Líder sagaz que ele era, estava alerta à necessidade de instruir seus seguidores no que concerne aos inimigos que eles encontrariam, ao caráter da guerra na qual estariam inevitalmente empenhados, e ao caminho da vitória. Para ele o diabo não era invencionice de uma imaginação superaquecida, mas um antagonista astuto e experiente. Ele era sábio demais para subestimar a força do seu oponente. Ele teria aprovado a afirmativa de Victor Hugo de que um bom general deve penetrar o cérebro do inimigo.

Os versículos a seguir demonstram que Paulo havia feito isto e não era, portanto, ignorante dos desígnios do diabo:

> O próprio Satanás se transforma em anjo de luz (2 Coríntios 11:14).
>
> Nos quais andastes outrora... segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência (Efésios 2:2).
>
> Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira (2 Tessalonicenses 2:9).
>
> O deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos (2 Coríntios 4:4).
>
> Para os quais eu te envio, para... convertê-los... da potestade de Satanás para Deus (Atos 26:17, 18).

Paulo ensinou que o cristão, em seu andar e testemunho, toparia com implacável ódio e oposição do mundo, do diabo e dos espíritos maus que se aliaram a ele. "Nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Efésios 6:12). Ele acreditava que forças invisíveis governam o mundo, e que esses poderes sobrenaturais só poderiam ser vencidos com armas sobrenaturais; e ele as empregava. Paulo provou ser um líder sábio e denodado nesta guerra espiritual.

Embora o poder de Satanás seja limitado e delegado, ele é mais do que um competidor para o mais vigoroso cristão. Paulo reconhecia que ao diabo fora concedida certa dose de controle como "príncipe da potestade do ar". Também mostrou que nesta guerra não deve haver pacifistas. A verdadeira guerra é espiritual, mas desesperadamente real. É uma luta de corpo a corpo. Nossos inimigos contestarão o propósito eterno de Deus em cada ponto, e Deus conta com a nossa cooperação. Nestes dias finais da história do mundo estamos vendo o cumprimento de Apocalipse 12:12: "Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta." Ele sabe que a vitória de Cristo significa o fim do seu domínio, e resiste desesperadamente numa tentativa de protelar a derrota.

A estratégia de Deus é que nós, os crentes, resistamos e retenhamos o terreno na posição de privilégio e segurança na qual ele nos colocou. Deus "juntamente com ele [Cristo] nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Efésios 2:6). Nossa responsabilidade é "ficar firmes"... "resistir"... "estar firmes" (Efésios 6:11, 13, 14). Em outras palavras: resistir, resistir, resistir.

O plano de Satanás é desalojar o crente desta posição, e levá-lo para níveis inferiores, esquecido de sua posição privilegiada "nas regiões celestes". O diabo tenta in-

duzir o cristão a guerrear com armas carnais; mas Paulo adverte que não devemos travar esta guerra como o mundo. "As armas da nossa milícia não são carnais, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas" (2 Coríntios 10:4). A baioneta seria uma arma paupérrima contra a bomba de hidrogênio. O fato de tratar-se de uma guerra espiritual determina o tipo de armas a empregar.

Acorrentado a um soldado, Paulo estava muito cônscio da natureza e propósito da armadura. Ele se preocupava muito com que seus seguidores não fossem despreparados para a batalha. Por isso ele se vale desta figura e aconselha aos cristãos efésios — e a nós — a apropriar-se da fortaleza e do poder divinos de que ele se achava graciosamente provido: "Sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder" (Efésios 6:10). Também, o guerreiro cristão deve revestir-se "de toda a armadura de Deus" — que o próprio Deus provê. A omissão de uma simples peça exporia algum ponto fraco.

Visto que o diabo é mentiroso desde o começo, o combatente deve cingir-se "com a verdade" (v. 14). Assim como o cinto do soldado era preso à cintura e segurava todas as demais peças da armadura, assim também a verdade de Deus deve cingir e unificar a vida na sua totalidade. Isto não deixa espaço para a hipocrisia ou insinceridade.

A função da couraça é proteger os órgãos vitais, de modo que o cristão deve vestir-se da "couraça da justiça" (v. 14). Cristo é nossa justiça (1 Coríntios 1:30), mas o guerreiro também deve levar uma vida justa. Ele deve usar a integridade como uma carapaça.

Na guerra é importante que o soldado esteja bem calçado, pois do contrário ele não terá condições de defender o terreno. Ele deve calçar "os pés com a preparação do evangelho da paz" (v. 15). Deve ser rápido e pronto para correr com as Boas Novas — o oposto da letargia e da comodidade.

Cobria-se o corpo todo com um grande escudo oblongo de couro que era saturado em água antes da batalha. O soldado deve empunhar esse escudo. "Embraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno" (v. 16). As setas do inimigo, embebidas em piche flamejante, apagar-se-iam ao atingir o couro molhado. Os dardos de Satanás podem tomar a forma de temores irracionais, ou ataques repentinos e inesperados, em especial no reino mental. O exercício de uma fé viva e confiante em nosso vitorioso Salvador e o uso inteligente da Palavra de Deus extinguirá efetivamente as chamas da tentação.

"O capacete da salvação" (v. 17) é a última peça defensiva da armadura e, é claro, protege a cabeça. A mente desprotegida é presa fácil das seduções de Satanás. Se

permitirmos que nossa mente se torne terreno baldio, estamos convidando o inimigo a semear nele ervas daninhas. E a mente que Satanás procura controlar, porque ela dirige tudo o mais. A condição trágica do mundo hoje dá testemunho do sucesso dos esforços satânicos. O capacete refere-se à esperança. "Revestindo-nos da couraça de fé e amor, e tomando como capacete, a esperança da salvação", diz o apóstolo em 1 Tessalonicenses 5:8. A salvação de Cristo traz-nos esperança em um mundo desesperançado. Podemos estar tão certos quanto Deus de que teremos a vitória (1 Coríntios 15:57).

"A espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (v. 17), serve para defesa e ataque. Foi ela a única arma que nosso Senhor empregou em seu conflito memorável com o diabo no deserto. Ela se comprovou poderosamente eficaz porque ele sabia como brandi-la com destreza. É responsabilidade do soldado cristão dominar a Palavra de Deus com tal perfeição que, enchendo com ela a mente, o Espírito Santo possa trazer-lhe à memória a verdade oportuna como uma arma poderosa no momento da necessidade.

A espada do Espírito relaciona-se com "toda oração" (v. 18). A batalha da mente e da alma dos homens é travada e ganha antes de tudo pela oração. Devemos guerrear com "todas as formas de oração", e além disso ela deve ser "toda oração", pois se trata de uma guerra total e sem tréguas.

Assim, pois, a finalidade de "toda a armadura de Deus" é capacitar-nos para garantir o terreno no dia mau, e havendo feito tudo, permanecer vitoriosos sobre todos os inimigos.

Concernentes às coisas duvidosas

Todos nós, e em especial os líderes, às vezes temos de decidir se determinado curso é certo ou errado. Às vezes o problema não é nosso, mas como líderes somos solicitados a aconselhar e orientar nesta área. Os escritos de Paulo nos proporcionam diretrizes úteis.

Alguns interpretam a declaração de Paulo "não estamos debaixo da lei, e, sim, da graça" (Romanos 6:15) como significando que sob o domínio beneficente da graça não há lugar para as proibições da lei mosaica. Mas este está longe de ser o caso. O ensino claro de Paulo é que não estamos "debaixo da lei" como meio de nossa justificação, mas isso não quer dizer que podemos viver sem lei, porque "estamos debaixo da lei de Cristo" sujeitos por novos mas não menos poderosos laços.

É um fato notável que o Novo Testamento, com a exceção significativa da lei do sábado, repita cada um dos mandamentos do decálogo, mas com raio de ação grandemente ampliado. Por exemplo, nosso Senhor disse: "Ouvistes que foi dito: Não adulte-

rarás. Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela" (Mateus 5:27-28).

Estamos agora sob a lei de Cristo, sujeitos pelos laços do amor como um novo estilo de vida. A Nova Aliança, porém, em vez de promulgar um novo código de normas e regulamentos, enuncia princípios que, se corretamente aplicados, cobrirão cada caso. As inexoráveis exigências "não farás... não farás", são substituídas por graciosos empreendimentos divinos "firmarei, imprimirei, inscreverei..." (Hebreus 8:10-12).

Podemos desfazer-nos de muitas questões controvertidas formulando as seguintes perguntas e dando-lhes respostas:

É benéfica e proveitosa?

"Todas as coisas são lícitas", escreveu Paulo, "mas nem todas convêm" (1 Coríntios 10:23). Se eu tomar este caminho, serei um cristão melhor e mais maduro? Será minha vida mais proveitosa para Deus e para o meu próximo?

É construtiva?

Edifica e fortalece a Igreja? "Todas são lícitas, mas nem todas edificam" (1 Coríntios 10:23). Embora as coisas sejam legítimas, nem todas são de igual valor.

Devo, portanto, perguntar: "Este curso tenderá a fortalecer meu caráter cristão? Ele me equipará para a tarefa de edificar a Igreja?"

A tendência é para escravizar-me?

"Todas as coisas me são lícitas", declarou Paulo, "mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas" (1 Coríntios 6:12). Até as coisas lícitas em si mesmas podem exercer uma influência indevida sobre nós, ocupar demais nosso tempo, e desse modo impedir-nos de receber o que Deus tem de melhor para nós. Uma quantidade indevida de leitura de livros seculares, ou tempo excessivo diante de um aparelho de TV, por exemplo, podem tirar nosso apetite pela Palavra de Deus. Temos de escolher com cuidado as nossas prioridades, mesmo na área das coisas lícitas.

Fortalecer-me-á contra a tentação?

Não adianta nada orar, dizendo: "Não nos deixes cair em tentação", se voluntariamente caminhamos para ela. Devemos renunciar a tudo quanto tende a tornar o pecado menos pecaminoso ou mais fácil de cometer.

Isto não se aplica apenas à lascívia. Algumas coisas podem ser intelectuais e belas, mas se a busca de tais coisas diminui nossa visão espiritual ou embaraça-nos a

corrida, são pesos que devemos por de lado. Desembaracemo-nos "de todo peso" (Hebreus 12:1).

Embora o ambiente seja diferente, os problemas com os quais os cristãos de Roma se defrontavam não diferem essencialmente dos que enfrentamos hoje. O conselho de Paulo nessas áreas é sobremodo atual, e se aceitarmos os princípios que ele enuncia e atuarmos de acordo, seremos levados a uma nova e jubilosa liberdade.

Liberdade de juízo sobre questões duvidosas

"Um crê que de tudo pode comer, mas o débil come legumes; e quem come não despreze ao que não come; e o que não come não julgue o que come, porque Deus o acolheu" (Romanos 14:2-3). O problema em discussão tinha sua origem no alimento oferecido aos ídolos. Paulo ressalta que para o cristão bem instruído, um ídolo nada é, e ele se sente livre para comer alimento oferecido àquele. Mas para o fraco na fé, isso é uma pedra de tropeço.

Como não havia nenhuma doutrina vital em jogo, ele exortava que se usasse de tolerância nesta causa potencial de atrito. Dentro da Igreja, em questões que não sejam claramente erradas ou sejam puramente culturais, há lugar para as autênticas diferenças de opinião; assim, devemos garantir ao nosso irmão o direito de alimentar opiniões contrárias às nossas.

O direito da convicção pessoal

"Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente" (Romanos 14:5). É fácil ser como o camaleão e mudar a cor teológica para adaptar-se à situação. E fácil deixar-se influenciar por preferência ou preconceito teológicos e não pelo claro ensino da Bíblia. Paulo diz que devemos ter opiniões bem definidas, com base clara nas Escrituras, e não permitir que outros determinem nossas decisões ou conduta. Temos de viver com o produto de nossas decisões, por isso devemos ter nossas próprias convicções.

Responsabilidade para com Deus somente

"Quem és tu que julgas o servo alheio? para o seu próprio senhor está em pé ou cai... Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus" (Romanos 14:4, 12). Todos nós somos membros da sociedade e temos responsabilidade para com ela, mas no final somos responsáveis somente perante Deus. Um só é nosso Senhor e ninguém pode arrogar-se os direitos soberanos de Deus sobre nós. "Não nos julguemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escân-

dalo ao vosso irmão" (Romanos 14:13). No dia do juízo, seremos julgados por Deus, e não pelos outros. Devemos sempre tratar nosso próximo com o mesmo grau de sinceridade com o qual esperamos ele nos trate.

Abstinência em benefício de outros

Não devemos viver para o nosso próprio prazer somente, ou deixar-nos absorver exclusivamente por nossos próprios interesses. Devemos levar em conta os possíveis efeitos que nossa vida tem sobre outros. Por conseguinte, "É bom não comer carne, nem beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa com que teu irmão venha a tropeçar" (Romanos 14:21).

A liberdade que alguns irmãos reivindicam para beber social ou moderamente muitas vezes tem causado a queda do irmão mais fraco. Compete a nós limitar de modo voluntário nosso legítimo desfrute, em benefício do irmão que não possui a mesma força de vontade. "Nós que somos fortes, devemos suportar as debilidades dos fracos, e não agradar-nos a nós mesmos" (Romanos 15:1).

Abstinência das coisas duvidosas

O próprio fato de termos dúvidas suscita o pressuposto de que a matéria em pauta é questionável. Todas as nossas ações deveriam trazer em si a certeza positiva da fé.

"Bem-aventurado é aquele que não se condena naquilo que aprova. Mas aquele que tem dúvidas, é condenado, se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado" (Romanos 14:22, 23).

Devemos considerar a presença contínua da dúvida como um apelo para retardar a ação até que surja luz mais clara. Pela oração e mediante o estudo de textos bíblicos aplicáveis ao caso, o Espírito Santo ou removerá a dúvida ou dará a convicção de que essa não é a vontade de Deus.

Por outro lado, talvez nosso problema seja o de uma consciência fraca ou despreparada e que necessita de instrução da Palavra de Deus. É muito possível que, como resultado de nossos antecedentes e de nossas ações passadas, ou por causa de tradição ou preconceito, tenhamos dúvidas sobre coisas que a Bíblia não condena. Em tais casos, devemos depender do ministério gracioso do Espírito Santo para guiar-nos "a toda a verdade".

Concernentes a finanças

O único dito autêntico de nosso Senhor sobre finanças fora dos quatro Evangelhos foi Paulo quem no-lo preservou —"é mister... recordar as palavras do próprio Se-

nhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber" (Atos 20:35). Pode-se dizer com certeza que o próprio Paulo estava qualificado para a bem-aventurança que ele recomendava. Em nenhuma área ele exerceu cuidado mais meticuloso do que na sensível área das finanças. Nesta, ele dá um importante exemplo para o dirigente cristão. Não seria exagero dizer que maior é o número de líderes que perderam poder espiritual mediante o uso errado ou por uma atitude errada para com o dinheiro do que por qualquer outra causa.

Em seus ensinos, nosso Senhor atribuiu uma surpreendente importância ao dinheiro. De certo modo, ele figura em um de cada seis versículos dos evangelhos sinópticos, e em dezesseis de suas trinta e oito parábolas. Desse modo Jesus reconheceu que o dinheiro é uma das realidades centrais da vida, do berço ao túmulo. O dinheiro é um dos tópicos dominantes da conversação, e um dos mais absorventes objetos de busca. Ele é um assunto acerca do qual não se pode ser neutro.

Paulo estava muito cônscio deste problema, e portanto era escrupuloso em seus tratos e na mordomia do dinheiro. Assim, para aliviar o peso de seu sustento por parte das igrejas novas, ele trabalhava para ganhar a vida, e às vezes sustentava os companheiros também. Ele era "financeiramente limpo", e estabeleceu um nobre exemplo de generosidade.

Paulo expõe sua filosofia financeira em 1 Timóteo 6:5-10, onde se refere a "homens cuja mente é pervertida, e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro. De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele; tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores".

Esta é a história de muitos cristãos. Por isso Paulo adverte o jovem pastor quando ele estava prestes a empreender sua nova atribuição.

Paulo era cuidadoso em não assumir demasiada responsabilidade pessoal em questões financeiras. Quando os crentes de Corinto coletaram dinheiro para seus irmãos necessitados em Jerusalém, ele não quis tomar sobre si a responsabilidade de levar o donativo. Na sua opinião, os doadores é que deveriam levá-lo aos beneficiários, e assim ele estaria isento de qualquer suspeita de desonestidade.

O apóstolo incentivava a contribuição sistemática e proporcional. “No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for. E, quando tiver chegado, enviarei, com cartas, para levarem as vossas dádivas a Jerusalém, aqueles que aprovardes. Se convier que eu também vá, eles irão comigo” (1 Coríntios 16:2-4).

Este procedimento revela verdadeira sabedoria, porque nas igrejas novas que se desenvolvem em áreas onde o padrão de vida é baixo, a mordomia do dinheiro coletado muitas vezes constitui uma tremenda tentação para a pessoa responsável. Por este motivo é prudente que sempre mais de uma pessoa tome conta da conferência e administração do dinheiro.

Ao incentivar a igreja de Corinto a ser mais generosa, Paulo citou a generosidade daquele que “se fez pobre por amor de vós”, e também a grande generosidade das igrejas da Macedônia que eram pobres: “Porque no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos” (2 Coríntios 8:2-4). Eis um novo tipo de levantamento de fundos, em que o doador implora pela oportunidade de contribuir para a causa! Os macedônios demonstraram que era mais bem-aventurado dar do que receber.

Concernentes à orientação

Não existe área em que um dirigente necessite de maior sabedoria espiritual do que na da orientação — discernir a vontade e direção de Deus em qualquer situação. Os que não se acham em posições de maior liderança bem podem imaginar que maior experiência e um mais longo caminhar com Deus resultariam em muito maior facilidade em discernir a vontade divina em situações difíceis. Nem sempre, porém, é este o caso. O método divino é, na maioria das vezes, tratar o dirigente como um adulto maduro, deixar mais e mais ao seu juízo, e dar menos evidências tangíveis da orientação divina do que em anos anteriores. A perplexidade em obter direção clara pode acrescentar as inevitáveis pressões inerentes a qualquer ofício responsável. A experiência de Paulo permite algumas lições úteis sobre orientação.

Embora ele tenha respondido de imediato ao chamado de Deus na estrada de Damasco, sua carreira missionária só começou depois de ele haver trabalhado por algum tempo com a igreja de Antioquia, dez ou onze anos mais tarde.

Enquanto os dirigentes multirraciais dessa igreja serviam ao Senhor e jejuavam, "disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado" (Atos 13:2). Esta convocação divina marcou o começo real da carreira missionária de Paulo. Para o seu espírito ardoroso, esses anos prévios de preparação devem ter-se arrastado lentamente. Afinal é enviado em missão ao mundo.

Ele não empreendeu a carreira missionária enquanto seu chamado pessoal — "a que os tenho chamado" — não fosse confirmado à igreja local com a qual ele estava associado e a seguir confirmado por ela. "Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram" (Atos 13:3). Desse modo, a orientação coletiva dos dirigentes da igreja confirmou a orientação pessoal de Paulo. A igreja de Antioquia estabeleceu um precedente que bem poderia servir de modelo para as igrejas de hoje. É de grande importância para a igreja como para o missionário que o chamado deste seja ratificado pelos dirigentes da igreja à qual ele pertence.

É significativo que Paulo, embora tão bem treinado como era, tenha servido durante algum tempo com um obreiro mais experimentado da igreja que o enviou, e isso não só durante o primeiro prazo de serviço missionário mas também durante parte do segundo. E que privilégio teve ele de servir sob a direção de um missionário da estirpe de Barnabé, o filho da consolação! Sem dúvida, este homem piedoso, de grande coração, exerceu muita influência sobre Paulo nessa época de treinamento. E constitui um grande elogio para Barnabé o fato de que, quando seu aprendiz lhe tomou a dianteira e assumiu a liderança da equipe, o que seria inevitável mais cedo ou mais tarde, ele não demonstrou nenhum ressentimento ou ciúme.

Uma das mais úteis passagens bíblicas, que ilustram o método de orientação de Deus, é Atos 16:6-10. Ao interpretar esta passagem, é importante termos em mente que o chamado macedônio não deve ser considerado como o engatinhar de um chamado missionário inicial, antes, o método divino de reorientar aquele que já respondeu ao chamado inicial para uma esfera específica de trabalho. Foi o Espírito Santo que escolheu o tempo e o lugar de serviço para Paulo e seus colegas.

Desta passagem aprendemos que às vezes Deus guia por meio de admoestações ou proibições interiores. "E percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu. E, tendo contornado Mísia, desceram a Trôade" (vv. 6-8).

Ásia e Bitínia ouviriam a palavra mais tarde, mas nesta ocasião a estratégia divina era que as Boas Novas tomassem o rumo do Ocidente. Os ventos do Espírito so-

pravam na Europa, que agora estava madura para a colheita. Paulo e seu grupo teriam o privilégio da ceifa.

Espiritualmente sensível, Paulo respondeu à restrição do Espírito. Em vez de prosseguir obstinadamente, ele desceu a Trôade, para descobrir, em oração e consulta com seus companheiros, a vontade geográfica de Deus para eles. O minúsculo bando pouco percebia as consequências que dependiam de sua decisão e que abalariam o mundo! A questão que eles tinham diante de si era clara — ou voltar para casa, ou prosseguir, atravessando o mar. Como poderiam eles saber qual era a vontade de Deus? O Senhor não os deixou em dúvida por muito tempo. A orientação negativa das portas fechadas foi seguida pela direção positiva.

"À noite, sobreveio a Paulo uma visão, na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos" (v. 9). Note-se que a visão veio a Paulo depois que ele tinha avançado em obediência à Grande Comissão, e constituía apenas um elemento em sua orientação. Ele já havia completado sua primeira atribuição, e estava agora estendendo-se para o que jazia além.

Mesmo depois da visão, Paulo, como líder que era, conferiu cuidadosamente sua orientação com os companheiros, os quais foram levados a uma unidade mental operada pelo Espírito. "Assim que teve a visão, imediatamente procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho" (v. 10). A. T. Robertson vê nesta consulta "um bom exemplo do uso devido da razão relacionado com a revelação de Deus, para se decidir se trata de uma revelação divina, descobrir o que ela significa para nós e ver que lhe obedeçamos."[6]

Dessa forma, antes de dar um passo, Paulo procurava assegurar-se de que a visão se alinhava com a Palavra de Deus, contava com o testemunho do Espírito Santo, era agradável aos seus companheiros e aprovada por seu próprio julgamento. Esta verificação dupla de sua orientação poupava-o do desânimo quando topavam com uma recepção hostil e se encontravam com as costas sangrando na cadeia de Filipos. Em vez de duvidar da validade da orientação que haviam recebido quando as coisas pareciam dar errado, eles se voltaram para a oração e louvor. Como poderia o diabo derrotar homens desse quilate?

Concernentes a direitos

Um fator que contribuía para a estatura e colorido maciços de Paulo em sua liderança era a atitude que ele tinha para com os seus direitos. Numa época em que se encarece muito mais a reivindicação de direitos do que o cumprimento das obrigações,

a atitude de Paulo proporciona-nos um corretivo sadio. O líder deve ser muito sensível nesta área se ele quiser exercer uma influência crescente.

No capítulo 9 da primeira carta aos Coríntios, que dá em parte o segredo do ministério conquistador de almas de Paulo, sete vezes o apóstolo se refere aos seus direitos no evangelho. Este trecho autobiográfico traz uma poderosa mensagem para a pessoa cuja ambição é tomar-se um eficiente ganhador de almas e líder.

Poucos contestariam a afirmação de que se alguém aspira a tal posição, precisa vencer as coisas erradas em sua vida. Mas nem todo obreiro cristão reconhece que necessita renunciar às coisas que em si mesmas são certas. Nisto, Paulo deu um exemplo brilhante. Referindo-se ao direito que tinha ao sustento pela igreja, ele disse: "Suportamos tudo, para não criarmos qualquer obstáculo ao evangelho de Cristo" (9:12).

Paulo reconhecia que embora certas coisas fossem legítimas, elas bem que podiam limitar-lhe o ministério. Como já vimos, ele acabara de escrever: "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas" (1 Coríntios 6:12). Mais adiante ele escreve: "Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam" (10:23). Ele sabia que era muito possível ser indulgente com os gostos e apetites legítimos a um grau desordenado, e dessa maneira escravizar-se. Deve haver vitória no domínio do desejo legítimo assim como no campo da indulgência ilegítima.

Oswald Chambers disse: "Se estivermos dispostos a abandonar somente as coisas erradas por amor a Jesus, não falemos nunca em amá-lo. Qualquer pessoa abandona as coisas erradas se souber como fazê-lo. Estamos, porém, preparados para abrir mão do melhor que temos por amor a Jesus Cristo? O único direito do cristão é o de abrir mão dos seus direitos."

A fim de sermos o melhor para Deus precisamos fazer algumas renúncias (Lucas 14:33). Se quisermos galgar as alturas para Deus, devemos encarar de frente a renúncia.

Nosso exemplo nisto, como em tudo o mais, é nosso Senhor. Como "herdeiro de todas as coisas", ele desfrutava e exercia direitos que escapam às mais fantásticas imaginações. E, no entanto, por nossa causa, ele renunciou-os a todos.

O maior sacrifício é o daqueles que têm o máximo para entregar. Cristo trocou a companhia dos anjos pela hostilidade dos homens; o conforto do lar por uma vida itinerante; as riquezas do céu pela penúria da terra. Afinal, em amor, ele renunciou até ao seu lugar na humanidade e sofreu a angústia da morte como criminoso.

Se o sacrifício é, deveras, "o êxtase de dar o melhor que temos para quem mais amamos", segue-se inevitavelmente que muitas vezes temos de renunciar a direitos inferiores por amor a Cristo.

Se pago minha passagem num ônibus, tenho o inalienável direito de assentar-me em um lugar disponível. Mas quando uma mãe cansada, com um bebê num braço e pacotes no outro, entra no ônibus lotado, embora ninguém conteste meu direito de permanecer assentado, tenho o direito mais alto de ceder esse direito e oferecer meu lugar para a senhora. E faremos menos por nosso Senhor?

Em 1 Coríntios 9, Paulo afirma seus direitos em quatro domínios:

O direito de satisfazer o apetite normal (v. 4).

O direito à vida matrimonial (v. 5).

O direito ao descanso e recreação (v. 6).

O direito à remuneração (v. 12).

Para Paulo, a alegria e a obrigação de transmitir o evangelho era vastamente mais importante do que satisfazer seu apetite ou desejo de prazer. Ele não era nenhum asceta, mas decidiu não ser dominado pelo corpo.

"O apetite não me possuirá", disse João Wesley. Foi o propósito de ser o melhor para Deus que deu a Wesley tão tremenda influência sobre sua própria geração. "Entretanto não usamos desse direito", afirmou Paulo (v. 12).

Pelo amor de Cristo e no interesse da eficácia de ganhar almas, Paulo abriu mão do exercício do seu direito de fazer-se acompanhar por uma esposa. "Para não me valer do direito que ele me dá" (v. 18), era sua atitude característica.

Ele afirmava com todas as forças seu direito de ser sustentado por aqueles a quem ele servia. "Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho" (1 Coríntios 9:14). "Eu, porém, não me tenho servido de nenhuma destas coisas" (v. 15). Ele não queria, de modo algum, ser identificado com o sacerdócio ganancioso, e também desejava manter independência no exercício de sua autoridade apostólica. Por isso ele preferia sustentar-se a si mesmo fabricando tendas. Contudo, algumas vezes ele aceitou donativos.

É preciso uma motivação fora do comum para induzir um líder ou qualquer outra pessoa a adotar esta atitude para com os seus direitos. "Sendo livre de todos", escreveu Paulo, "fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível" (1 Coríntios 9:19). E um escravo não tem direitos!

Um missionário na China contou a sua experiência, dizendo: "Quando cheguei à China, eu estava preparado para *comer amargura* [expressão idiomática chinesa que significa 'sofrer durezas'] e que tais. Isso não me tem preocupado particularmente. Leva algum tempo para que o paladar e a digestão se acostumem à alimentação chinesa, é claro, mas isso não foi mais difícil do que eu esperava. Outra coisa, contudo" — e ele fez uma pausa significativa —"outra coisa com a qual eu nunca contava surgiu para me perturbar. Eu tive de *comer prejuízo!* [expressão idiomática chinesa que significa 'sofrer a violação de seus direitos']. Verifiquei que eu não poderia defender meus direitos — que eu nem mesmo teria quaisquer direitos. Descobri que eu tinha de abrir mão de todos eles, e essa foi a coisa mais difícil de todas." Nas palavras de Jesus, ele teve de "negar-se a si mesmo", e isso nunca é fácil.

Concernentes à escravidão

Tem-se dito que Paulo deveria ter dado uma orientação mais vigorosa contra o horrível tráfico de escravos. Mas a acusação não pega. Lança-se-lhe a culpa de parecer aceitar a escravidão de Onésimo sem protesto, em vez de dizer a Filemom, o dono do escravo, que isso não se coadunava com os princípios cristãos. Mas se nos esforçarmos sinceramente por colocar-nos na situação de Paulo, seremos mais prontos a entender o motivo por que ele não assumiu o papel de revolucionário.

Quando Paulo disse a Filemom que Onésimo devia ser para ele "não já como escravo; antes... como irmão caríssimo" (Filemom 16) — tanto na carne como no Senhor — ele lançou a base de uma nova ordem futura.[7] Como disse alguém, ele não derrubou a árvore, mas cortou-lhe a casca.

O historiador Gibbon opinou que no ano 57 d. C., metade da população do Império Romano se constituía de escravos. A questão do status dos escravos era, portanto, um problema social importantíssimo na vida da Igreja da época, e a forma como Paulo a tratou contém lições para os dirigentes dos nossos dias.

Na cultura daquele tempo o escravo não era gente; era apenas um bem móvel. Sua posição social não era mais elevada do que a de um animal. A literatura então corrente reflete a crueldade com que muitos escravos eram tratados. Muitos, porém, receberam bom tratamento.

Podemos imaginar que um incendiário como Paulo teria de imediato entrado na arena, estabelecido um forte movimento antiescravatura e inflamado os escravos contra seus senhores. A maneira pela qual ele tratou este problema perigoso tem levado alguns, tanto agora como no passado, a concluir que o apóstolo aprovava a escravidão e era um tanto insensível à injustiça social. Mas a realidade é muito diferente. Guiado

pelo Espírito Santo, ele adotou um método que, nas condições predominantes de então, tinha o propósito de alcançar a melhoria da sorte do escravo.

Seu conselho a Timóteo foi eminentemente sábio em face das circunstâncias que ele enfrentava. Uma revolução social em escala tão vasta quanto seria necessária não poderia realizar-se da noite para o dia. Qualquer tentativa de rebeldia teria provocado perseguição indizível aos cristãos. Daí a advertência de Paulo a Timóteo: "Todos os servos que estão debaixo de jugo considerem dignos de toda honra os próprios senhores, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados" (1 Timóteo 6:1).

A insubordinação estava fora de ordem para o escravo cristão. Devia, pelo contrário, contentar-se com a sua sorte. "Foste chamado sendo escravo? Não te preocupes com isso; mas, se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade. Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; semelhantemente o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo" (1 Coríntios 7:21-22). Desse modo, ele convida o cristão escravo a regozijar-se na bênção e liberdade espirituais que a fé em Cristo lhe proporciona.

É interessante notar que Paulo advertiu contra uma familiaridade impertinente ou indevida dos escravos com seus senhores cristãos, como bem poderia ter sido o caso. "Também os que têm senhores fiéis não os tratem com desrespeito, porque são irmãos; pelo contrário, trabalhem ainda mais, pois eles, que partilham do seu bom serviço, são crentes e amados" (1 Timóteo 6:2).

Ele disse a Tito que ensinasse os servos a serem "em tudo obedientes aos seus próprios senhores, dando-lhes motivos de satisfação... não furtem; pelo contrário, deem prova de toda a fidelidade, a fim de ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador" (Tito 2:9, 10).

O dever do senhor para com o escravo não passa em brancas nuvens. "E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus, e que para com ele não há acepção de pessoas" (Efésios 6:9).

Foi na Igreja que teve início a libertação dos escravos. Dentro da Igreja Paulo enunciou e reforçou princípios que, postos em prática, romperiam as algemas da escravatura. Ele ensinou a igualdade em Cristo. "Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo" (Gálatas 3:28). O amor fraternal deve caracterizar todas as relações dos crentes. "Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal" (Romanos

12:10). Tanto senhores como escravos devem respeitar seus direitos mútuos e executar seus deveres mútuos (Efésios 6:5-9).

À medida que a Igreja crescia em número e esses princípios iam sendo praticados cada vez mais, as sementes da reforma social começaram a germinar, e aos poucos veio o esclarecimento. Sob imperadores cristãos a escravatura começou a diminuir. O processo foi lento, mas onde quer que o Cristianismo entrava, a escravidão saía. Cristianismo e escravidão nunca vivem em coexistência pacífica.

Concernentes ao sofrimento

O dirigente deve ter sua própria filosofia acerca do sofrimento, visto que a todo instante ele será chamado para aconselhar seus seguidores que se encontram às voltas com a dor. Paulo podia exortar seu jovem colega: "Participa dos meus sofrimentos", porque ele próprio estava preparado para fazer o mesmo, e estabeleceu o exemplo.

Paulo podia dizer: "Quanto ao mais, ninguém me moleste, porque eu trago no corpo as marcas de Jesus" (Gálatas 6:17).

Mais do que qualquer outro apóstolo, Paulo esteve exposto ao sofrimento, às dificuldades e angústia. O catálogo de suas provações apresentado com relutância em 2 Coríntios 11:23-28 parece ultrapassar a capacidade de sobrevivência de qualquer ser humano. Entretanto, ele saiu triunfante, mais do que vencedor.

Mais do que qualquer outro apóstolo, também, Paulo recebera do Senhor revelações especiais. Referindo-se a uma delas, escreveu ele: "Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos foi arrebatado até ao terceiro céu... E sei que o tal homem... foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir" (2 Coríntios 12:1-4).

Essas experiências não eram comuns. Na verdade, eram tão singulares que representaram para Paulo uma grande tentação ao orgulho. Deus estava profundamente interessado em que ele não sucumbisse a esta tentação, o que limitaria o seu ministério. Assim, ele introduziu um fator de equilíbrio. "Para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear" (2 Coríntios 12:7).

Paulo foi estranhamente reticente acerca da exata natureza do espinho. Quanto a isto, as opiniões se divergem agudamente. Alguns acham que era de natureza mental ou espiritual — desejos sensuais, depressão, dúvida. Outros, que era um problema físico — epilepsia, malária, oftalmia. O fato de ser um espinho "na carne" faria o prato

da balança pender em favor desta teoria. Fosse lá o que fosse, devemos ser-lhe gratos pela reticência, pois agora podemos aplicar com confiança o divino remédio à nossa própria dificuldade.

Deveríamos ser gratos, também, porque esta experiência proporcionou a oportunidade para a enunciação de um importante princípio espiritual: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2 Coríntios 12:9). Aqui está a garantia divina de que mesmo que a situação dolorosa — o espinho, ou seja lá o que for — não seja removida, a graça compensadora disponível é suficiente.

Esta experiência dolorosa e humilhante fazia parte do preço do ministério de Paulo, parte do seu ofício. Com toda a probabilidade, a despeito de seus brilhantes dons, não fora a presença desta enfermidade ele não teria realizado a grande obra que realizou.

Embora não saibamos a natureza do espinho, conhecemos certos fatos que podem ser de grande valor para enfrentar o sofrimento, seja nosso, seja de outros.

1. Foi algo que continuou durante certo tempo.

2. Foi assunto de repetida oração não respondida.

"Três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim", declarou ele (2 Coríntios 12:8).

3. Foi um instrumento de humilhação—"a fim de que não me exalte" (12:7). Esvaziou o ego de Paulo e minou-lhe a autoconfiança.

4. Deu a Satanás a oportunidade de esbofeteá-lo (12:7). Pedro não foi o único apóstolo a quem o Senhor permitiu Satanás joeirar. O diabo tencionava que fosse para o mal, porém o Senhor "trocou em bênção a maldição".

5. Tornou-se um canal da graça. "A minha graça te basta." Em vez de remediar o mal removendo-o, Deus concedeu graça compensadora. A resposta veio, não por subtração mas por adição; não em Deus conceder uma tarefa mais de acordo com a sua índole ou por uma troca de lugar, mas em apropriar-se ele da graça divina mais do que suficiente onde ele estava e como ele era.

6. Proporcionou oportunidade para regozijo na fraqueza. "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas... sinto prazer nas fraquezas... Porque quando sou fraco, então é que sou forte" (2 Coríntios 12:9, 10).

7. Proporcionou um cenário para a demonstração do poder de Cristo — "para que sobre mim repouse o poder de Cristo".

Dessa forma, Paulo dominou a arte de transformar uma fraqueza debilitante em glorioso triunfo. Ele aprendeu que aquilo que no princípio considerava como desvantagem limitadora era, na realidade, um bem celestial, e a estrada para um ministério ampliado. Sua fraqueza tornou-se, pois, uma poderosa arma.

A atitude de Paulo para com esta experiência disciplinadora foi exemplar. Note-se que o espinho foi-lhe dado como um dom da graça e não como uma imposição. Na ocasião em que o espinho chegou, já não era um mensageiro de Satanás, para esbofeteá-lo, mas um dom da graça de Deus a fim de preparar o caminho para um ministério mais amplo.

Concernentes ao tempo

O tempo é a mercadoria mais preciosa do líder, e o uso que dele fizer determinará não só a quantidade de trabalho realizado, mas também a sua qualidade.

O tempo não é dado, mas comprado. Essa ideia encontra-se por trás de certas palavras enigmáticas de Paulo: "Remindo o tempo" ou "Compra todas as oportunidades", conforme tradução de Weymouth (Efésios 5:16). Tempo é oportunidade, e ele só se torna nosso por aquisição. Há um preço a ser pago pelo seu emprego com máxima eficiência. Trocamos nosso tempo no mercado da vida por certas ocupações ou atividades. J. B. Phillips adiciona outro ângulo: "Faça o melhor uso do seu tempo", isto é, troque-o somente por coisas de maior valor.

O tempo é uma dádiva da qual devemos prestar contas. Do seu uso estratégico dependerá o valor de nossa contribuição para a época em que vivemos. Cada momento é um dom de Deus e não deve, pois, ser desperdiçado. Visto que ele é nossa posse mais valiosa, devemos desenvolver uma consciência crítica nesta área.

Podemos perder como também remir o tempo, e é bom lembrarmos que uma vez perdido, não pode jamais ser recuperado. Nem se pode amealhar o tempo; ele tem de ser gasto totalmente cada dia. Não pode ser adiado: é agora ou nunca. Se não for usado de maneira produtiva, está irrecuperavelmente perdido.

O domínio que Paulo tinha do tempo pode ser medido pelo que ele realizou durante a sua vida. Acompanharmos suas extensas viagens, ajustar-nos em todo o seu ministério quase nos deixa sem fôlego. Se quisermos, também, experimentar liderança bem-sucedida teremos de dar máxima importância ao controle de nosso tempo. À semelhança de seu Mestre, Paulo escolhia suas prioridades com grande cuidado, não dando tempo para as coisas secundárias. Sua vida demonstrou que a força do caráter moral desenvolve-se mediante a rejeição do que não é importante.

Nesta época superaquecida e superpressionada, é instrutivo observar que o apóstolo parecia aceitar as pressões e as interrupções como rotina normal. E poucas coisas geram mais pressões do que as causadas por insuficiência de tempo. "Não queremos, irmãos", escreveu ele, "que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos tivemos a sentença de morte" (2 Coríntios 1:8, 9). Ele reconhecia que em sua vida planejada por Deus essas coisas estavam previstas, e não o perturbavam. Para o cristão vigilante, as interrupções são oportunidades divinamente inseridas. E Paulo estava convicto de que sua vida havia sido planejada por Deus:

"Somos feitura dele [de Deus], criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Efésios 2:10). É uma bênção podermos, mediante a oração e a comunhão, descobrir o modelo que se desdobra para cada dia.

Ao planejar nosso tempo para auferir a melhor vantagem, talvez seja útil ter em mente as seguintes sugestões:

A cada um de nós foi confiada a mesma quantidade de tempo.

O plano de Deus provê tempo suficiente para a realização de sua divina vontade para aquele dia.

Ele espera de nós, em qualquer dia, só o que for razoável e estiver dentro de nossa capacidade.

As nossas prioridades, cuidadosamente relacionadas não devem entrar em conflito com nossos deveres óbvios.

Os conflitos e pressões que experimentamos, geralmente surgem de confundirmos os desejos ou pressões humanas — nossos próprios ou os de outrem — com os deveres que Deus espera que cumpramos.

O tempo é valioso demais para ser gasto em questões secundárias quando os assuntos primários estão gritando por atenção. "Não tive tempo" é, em geral, a confissão inconsciente de alguém que erra na escolha das prioridades.

Poucas coisas escravizam o obreiro cristão conscienciosо mais do que o emprego estratégico do seu tempo, que parece estar em carência perene. É necessário, portanto, chegarmos a um acordo com o tempo de que dispomos ou trabalharemos sob tensão e pressão constantes. Afinal de contas, sempre haverá grandes áreas de necessidades não atendidas, mesmo depois de, conscientemente, havermos feito tudo o que

estava em nossas forças para cumprir nossas obrigações. Pela seleção cuidadosa de prioridades, em espírito de oração, devemos fazer que cada meia hora contenha sua própria quota de utilidade, e então entregar o restante a Deus. Nosso verdadeiro problema não é a quantidade de tempo disponível, mas seu emprego estratégico, e por isto somente nós somos responsáveis.

Nossa responsabilidade estende-se somente àquelas coisas que se acham dentro de nosso controle. Todo pedido de ajuda não vem, necessariamente, da parte de Deus. É claramente impossível responder a todos os apelos de ajuda. As circunstâncias que escapam ao nosso controle não constituem causa de autoacusação.

O líder deve, contudo, enfrentar com honestidade a pergunta: "Estou usando meu tempo com aquilo que mais importa, ou estou dissipando parte dele em questões de importância secundária?" O melhor modo de responder à pergunta é realizando uma análise estrita da forma como preenchemos nosso tempo em qualquer semana. O exercício pode trazer algumas surpresas.

Paulo desafiou os coríntios, dizendo: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1 Coríntios 11:1), desafio que poucos de nós teríamos coragem de fazer. No uso que fez do tempo, ele tomou como modelo de vida o seu Senhor, e quanta coisa ambos conseguiram encaixar em cada dia!

Não consideremos questão de importância secundária o tempo que tiramos para recreação e descontração disciplinadas. O líder que faz provisão para renovar os recursos físicos e nervosos não está empenhado em futilidades. Jesus levou os discípulos à parte para descansar e descontrair-se. Ele próprio assentou-se para descansar junto a um poço depois de uma atividade intensa. Ele não fustigou implacavelmente seu corpo cansado. Se ele tivesse feito isso, teria perdido o coração preparado da mulher necessitada. Jesus não era um asceta que se recusava a levar uma vida social normal. Ele não considerava desperdiçado o tempo gasto numa festa de casamento.

Será contraproducente deixar de tomar o devido tempo para descontração. Devemos, é claro, estar sempre preparados para interromper nossos momentos de recreação se os interesses do Reino o exigirem. Não nos esqueçamos: "O Reino de Deus em primeiro lugar."

Quando o jovem e piedoso reavivalista Robert Murray McCheyne, aos vinte e nove anos de idade, jazia no leito da morte, ele disse ao amigo que estava ao seu lado: "Deus deu-me um cavalo para cavalgar e uma mensagem para entregar. Ai de mim! matei o cavalo e agora não posso entregar a mensagem!" Não há virtude em açoitar o

cavalo sem misericórdia. Mas talvez não seja esse o nosso problema. Pode ser que nosso cavalo precise de esporas!

Uma leitura atenta dos Evangelhos dá-nos a impressão de que o Mestre passou pela vida com passos medidos e serenos. Embora fosse constantemente pressionado pelas multidões, ele nunca parecia molestado. Ele fazia o povo sentir que dispunha de tempo para todos.

Em que reside o segredo de sua serenidade? Creio que na certeza de estar dentro do plano de tempo do Pai — um plano traçado com tal precisão que cada hora tinha o seu propósito. Ele não permitia que ninguém adiantasse ou retardasse o seu horário. Ele organizava sua agenda cada dia em comunhão com o Pai. Cada dia ele recebia as palavras que deveria dizer e as obras que deveria realizar, e isto o deixava tranquilo no meio dos muitos deveres. "As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai que permanece em mim, faz as suas obras" (João 14:10).

Jesus movia-se consciente de que havia um tempo divino para os acontecimentos de sua vida, e seu interesse era completar a tarefa que lhe fora confiada no tempo designado. Quando seus irmãos o pressionaram para que se manifestasse ao povo, ele fez uma declaração reveladora: "O meu tempo ainda não chegou, mas o vosso sempre está presente" (João 7:6). Ele se recusou a levar uma vida sem rumo, visto que isso frustraria o plano de seu Pai. Paulo tomou como modelo de vida a vida do seu Mestre, e o mesmo devemos nós fazer.

Mas a mudança radical do uso que fazemos do tempo dependerá da capacitação do Senhor. Nem todos temos vontade inflexível como Paulo, mas podemos ser "fortalecidos com poder... no homem interior" para este propósito. Ele deu a Timóteo a certeza de que Deus "não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (2 Timóteo 1:7). A. T. Robertson diz que isto se refere ao espírito humano dotado pelo Espírito Santo, com cuja cooperação podemos contar.

10

Paulo e o Papel das Mulheres

Uma vez que as mulheres constituem consideravelmente mais do que a metade do rol de membros da Igreja universal, é de vital importância que compreendamos a opinião que Paulo tinha sobre o papel da mulher na Igreja. Com a promoção do movimento de liberação da mulher, cuja base é cultural antes que bíblica, mais do que nunca as atitudes se polarizaram fortemente. Na sociedade moderna, cada vez mas igualitária, não é fácil examinar tudo o que as Escrituras têm para dizer sobre o assunto, de uma forma objetiva e sem preconceitos, porque as opiniões têm sido moldadas por longa tradição. Provavelmente, só na eternidade haverá verdadeiro consenso sobre o assunto.

O problema é muito delicado porque mestres de piedade indiscutível e de comparável erudição esposam com sinceridade opiniões opostas. Por este motivo, estaria fora de lugar o dogmatismo indevido, e o autor apresenta sua opinião com o devido respeito pelas opiniões sinceras daqueles que diferem.

Pessoalmente não assumo nenhuma posição extremada, nem defendo uma posição dominante para a mulher, seja no campo da liderança, seja no da teologia. Não acredito que pelo fato de não haver "nem homem nem mulher" em Cristo, a Bíblia não reconheça diferença alguma nos papéis dos homens e das mulheres na Igreja, ou que Paulo tenha defendido ideias unissex como as que temos hoje. Creio, contudo, que há bases bíblicas válidas para que se atribua à mulher um lugar mais amplo e mais influente na vida e ministério da Igreja do que se tem verificado tradicionalmente. O assunto é amplo demais para um tratamento completo no espaço que nos é disponível, porém será nosso objetivo apoiar esta opinião com passagens bíblicas.

Nesta época de estridente contenda pelos direitos da mulher, muitas vezes Paulo é colocado na linha de fogo e recebe grande carga de artilharia porque se alega que ele denigre o papel e a condição social da mulher. "Caluniado por um lado, isentado de culpa por outro, o próprio Paulo se acha perdido atrás de uma barragem de reivindicações e de contrarreivindicações."[1]

Amiúde ele é descartado como um machão chauvinista frustrado, que descarrega sua bílis contra as mulheres em geral. Mas os que fazem essas acusações, ou nunca leram com cuidado e objetividade as passagens bíblicas pertinentes, ou as leram com olhos cheios de preconceitos, pois elas não trazem nenhuma interpretação desse jaez.

Seria difícil culpar a Paulo em sua atitude geral para com as mulheres, o casamento e a família. Nos contatos com suas anfitriãs, auditórios e membros femininos de sua equipe, ele é uniformemente cavalheiresco e fraternal. Ele jamais sugere ou afirma qualquer superioridade dos homens sobre as mulheres. Em suas cartas ele expressa a mais alta consideração e estima por suas colegas femininas, e elogia-as como suas cooperadoras no evangelho sem fazer nenhuma discriminação entre elas e os membros masculinos de sua equipe.

Ele foi muito além da posição tradicional atribuída às mulheres judias, que eram segregadas e silenciadas no culto da sinagoga; ele defende o direito das mulheres de orar e de profetizar na igreja, desde que tenham a cabeça coberta. "Toda mulher, porém, que ora, ou profetiza, com a cabeça sem véu, desonra sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada" (1 Coríntios 11:5). Se lermos os textos pertinentes no contexto da época em que foram escritos, descobriremos que no seu tempo, longe de ser um machão chauvinista, Paulo era um proeminente defensor dos direitos da mulher. Seus contemporâneos o teriam considerado como nitidamente vanguardeiro.

Na avaliação de sua atitude e ensino, é preciso levar em conta o clima cultural dos seus dias. Basta comparar sua perspectiva e prática com as dos líderes e fundadores de outras grandes religiões para se ver a grande superioridade do conceito que ele tinha do status da mulher em comparação com o do Budismo, Hinduísmo e Islamismo. Em vez de acusarem Paulo, as mulheres cristãs deveriam louvá-lo por sua dignidade de campeão, que pavimentou o caminho para tantas bênçãos e privilégios de que elas gozam hoje.

George Matheson formulou bem o caso: "Um dos elementos mais distintivos na experiência cristã de Paulo foi o reconhecimento das reivindicações das mulheres; em nenhum outro ponto ele se distingue mais nitidamente de seus patrícios judeus. Mesmo aquelas passagens que parecem depreciar as mulheres são ditadas por um motivo exatamente oposto — o desejo de conservar para elas aquela esfera distinta e peculiar da qual a política judaica as privara."[2]

Ao interpretar o ensino de Paulo sobre este assunto, não se deve esquecer que (a) ele estava respondendo a perguntas específicas que a igreja de Corinto lhe dirigiu, relacionadas com problemas locais que a estavam perturbando; (b) ele escreveu numa ocasião em que as condições predominantes eram perigosas e ao mesmo tempo precá-

rias. Este fato se evidencia de sua resposta em 1 Coríntios 7:25-27: "Com respeito às virgens, não tenho mandamento do Senhor; porém dou minha opinião como tendo recebido do Senhor a misericórdia de ser fiel. Considero, por causa da angustiosa situação presente, ser bom para o homem permanecer assim como está. Estás casado? Não procures separar-te..etc., e (c) nas cidades gentias onde os cristãos viviam, campeava a imoralidade, e era importantíssimo que as mulheres cristãs se comportassem na igreja de maneira que estivessem acima da crítica.

Parece que aqui ele não está legislando para todos os tempos e em termos mundiais, mas dando conselho específico para os dias turbulentos que se encontravam logo adiante; em face das condições daquela época, seria prudente que os homens não mudassem de estado civil. Se for correta esta interpretação, e creio que é, então a melhoria de condições admitiria elasticidade no cumprimento do conselho do apóstolo.

Onde há declarações bíblicas claras, sem ambiguidade, devem elas ser obedecidas sem reservas. Mas sobre este assunto a ampla divergência de opiniões de pessoas igualmente sinceras indica que elas não são, de maneira alguma, claras e inambíguas.

Sobre este ponto, escreveu J. I. Packer, famoso erudito evangélico:

> Embora todas as ordens de Paulo, sendo apostólicas, levassem a autoridade do Senhor, de quem Paulo era embaixador, não eliminam a possibilidade de que algumas delas fossem decretos *ad hoc*, respostas a situações particulares que se tornariam letra morta se a situação mudasse. Argumenta-se que a ordem de que as mulheres não devem ensinar mas manter-se caladas é um caso em questão: uma prudente regra prática que aplica o padrão de criação a uma situação em que mulheres pagãs convertidas, sem instrução e criadas para pensar de si mesmas como seres inferiores, haviam agora descoberto sua dignidade diante de Deus em Cristo, estava subindo-lhes à cabeça.
>
> Nesse caso, é o princípio e não a regra prática que tem autoridade permanente, e é concebível que numa situação cultural diferente em que as mulheres cristãs não estivessem sob as mesmas tentações à incultura, uma norma descontraída poderia servir igualmente bem ao princípio.[3]

Este princípio de interpretação jorra luz sobre três passagens importantes, a respeito das quais há uma forte polarização de opiniões.

> Quero, entretanto, que saibas ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem o cabeça da mulher, e Deus o cabeça de Cristo. Todo homem que ora, ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Toda mulher, porém,

> que ora, ou profetiza, com a cabeça sem véu, desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada. Portanto, se a mulher não usa véu, nesse caso que rape o cabelo. Mas, se lhe é vergonhoso o tosquiar-se, ou rapar-se, cumpre-lhe usar véu (1 Coríntios 11:3-6).
>
> Porque Deus não é de confusão; e, sim, de paz. Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seus próprios maridos; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja (1 Coríntios 14:33-35). Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade. Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas). A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão, E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão (1 Timóteo 2:8-14).

Os intérpretes que se encontram na extrema direita sustentam que essas passagens impõem proibição absoluta sobre qualquer ensino ou papel de liderança da mulher na igreja, chegando alguns até a proibir que elas orem em reuniões em que homens estejam presentes. Contudo, a esterilidade e frustração espirituais que muitas vezes resultam de posição tão extremada são uma clara realidade na história da Igreja, passada e presente.

Os que se encontram na extrema esquerda interpretam as passagens como refletindo exclusivamente situações culturais da época, sem paralelo atual e de pouca aplicação. Portanto, atribuem à mulher ilimitado papel de ensino e liderança na igreja.

São, porém, esses dois extremos as únicas interpretações possíveis? Não haveria uma razoável posição alternativa? Não se dará o caso de que nenhuma delas seja a interpretação totalmente correta e que há um curso intermediário aceitável? Uma vez que tanto a Bíblia como Paulo têm muito que dizer sobre a mulher, a família e o casamento, é provável que se resolva o problema apenas com a citação de duas ou três passagens, enquanto se ignora grandemente um corpo muito maior das Escrituras? É verdade que tem-se dado uma ênfase um tanto exagerada às passagens negativas citadas acima, e inadequada atenção a muitos outros trechos que possibilitam uma interpretação mais liberal.

A elevada concepção que Paulo tinha da santidade do vínculo matrimonial reflete-se no paralelo que ele traça entre a relação do marido com a esposa e de Cristo com a Igreja. "Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela" (Efésios 5:25). Isto está em chocante contraste com o ensino do Alcorão ou dos clássicos confucionistas cuja ênfase recai invariavelmente no dever da mulher para com o marido.

Não era essa a posição de Paulo. "Os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama" (Efésios 5:28). Convém notar, também, que a submissão da mulher é "ao seu próprio marido" e não a todos os homens.

Inevitavelmente, surge a pergunta: "Até que ponto deveria a situação cultural da época de Paulo influenciar nossa interpretação?" Quanto a isto, F. F. Bruce tece um comentário pertinente: "Por certo, deve contar-se com a relatividade cultural quando a mensagem permanente do Novo Testamento recebe nossa atenção prática hoje. Devemos considerar a situação local e temporária em que a mensagem foi entregue pela primeira vez se quisermos discernir qual é, realmente, sua essência permanente, e aprender a aplicá-la nas circunstâncias locais e temporárias de nossa própria cultura."

Em 1 Coríntios 11:1-15 Paulo trata de uma questão de ordem na igreja; fala sobre a conveniência de a mulher cobrir a cabeça nos cultos de adoração pública em Corinto, ele não está oferecendo ensino para todos os tempos.

Tem-se ressaltado que a sentença "não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido" parece não indicar tempo — isto é, "Nunca jamais permito que uma mulher ensine..." Contudo, no grego, trata-se de um verbo ativo presente, que se pode traduzir: "Presentemente não permito que a mulher ensine nem que exerça autoridade sobre o marido." Aparentemente, Paulo está proibindo os que não estão devidamente instruídos, de ensinar. Primeiro é preciso que o professor aprenda. Mas o tempo verbal não deve, necessariamente, tornar-se princípio geral para todas as épocas.[4]

Quais eram as condições culturais predominantes na época, que deveriam ser levadas em conta em nossa interpretação?

- Quase metade da população do Império Romano era constituída de escravos.
- A posição social da mulher era muito baixa. A maioria delas não tinha instrução e eram consideradas como objeto.

• Em suas orações, os homens judeus davam graças a Deus por não serem mulheres.

• Os homens não deviam falar com mulheres em lugares públicos.

• Uma mulher oriental não saía com a cabeça descoberta. Fazê-lo, ou ter a cabeça raspada, marcava-a como imoral.

• Na adoração das sinagogas, elas ficavam separadas dos homens, e amiúde interrompiam os maridos com perguntas que seriam mais bem respondidas em casa.

Vê-se que praticamente nenhuma dessas situações culturais encontra paralelo na cultura de nossa época. A cruz de Cristo efetuou uma vasta mudança na condição da mulher.

Quando levamos em consideração as condições existentes naquela época, as restrições que Paulo fez eram razoáveis e necessárias. Serão, porém, aplicáveis igualmente no clima cultural de nossos dias? O que foram diretrizes para os adoradores numa igreja e numa determinada situação cultural não devem transformar-se em leis para todos os tempos e todas as situações.

As restrições de Paulo tinham em mira corrigir impropriedades, trazer ordem às reuniões muito perturbadas da igreja (1 Coríntios 14:33), e não constituir-se uma proibição às mulheres de orar, profetizar, evangelizar ou ensinar. Sua ênfase é no sentido de que o comportamento das mulheres seja tão irrepreensível que não interrompa a adoração nem cause vergonha aos maridos. Ele desestimula as perguntas ou as discussões em público, em que as mulheres usurpavam autoridade sobre os maridos e dessa maneira lhes causavam vergonha.

Embora admitindo os problemas, sem dúvida alguma difíceis de interpretação, dessas passagens, outras considerações levam-nos a duvidar que a atitude tradicionalmente negativa seja a verdadeira e única explicação possível.

O Espírito Santo concede soberanamente dons espirituais a cada crente sem referência a gênero (1 Coríntios 12:11). Esses dons devem ser usados para a edificação da Igreja. Caso ele tivesse retido das mulheres os dons de ensino e de liderança, aceitaríamos o fato como indicação clara de sua vontade. Mas ele não o fez. Se apenas os homens são nomeados para posições em que esses dons podem ser exercidos, não está sendo frustrado o propósito do dom do Espírito e não está a Igreja sendo empobrecida? “Muito embora a vasta maioria dos líderes tenha-se constituído de homens, o Espírito de Deus tem dotado expressamente algumas mulheres, tanto no Novo como no

Antigo Testamento com poderes de liderança, como se quisesse mostrar que ele se reserva este direito."[5]

O Antigo e o Novo Testamentos e a história da Igreja, passada e presente, proporcionam exemplos de mulheres piedosas que exerceram um ministério frutífero na profecia, na administração, na evangelização e no ensino. Uma adesão rígida às proibições, na situação alterada de nossos dias, muitas vezes tem como resultado esterilidade e frustração. Por outro lado, a indiscutível liberação espiritual e frutificação que acompanharam o ministério de mulheres tais como Catarina Booth, Ruth Paxson, Henrietta Mears, Geraldine Howard Taylor, Isabel Kuhn e muitas outras merecem uma explicação se a interpretação negativa for a correta.

É verdade que o Novo Testamento não apresenta mulheres com papel dominante na teologia ou na liderança, mas há uma grande necessidade daqueles papéis que elas desempenharam na igreja primitiva e ainda podem desempenhar — até melhor do que os homens.

Hudson Taylor foi pioneiro não só no emprego de leigos na obra missionária, mas também no emprego de mulheres solteiras na obra pioneira na China. Em 1885 a Missão da China Continental abriu centros sobre o populoso rio Kwang Sin dirigidos por mulheres solteiras. Trinta anos depois havia uma rede completa de 10 estações centrais, 60 postos avançados, mais de 2.200 comungantes e grandes números de interessados no evangelho, alunos nas escolas, etc. Essas mulheres foram ainda as únicas missionárias estrangeiras ao lado de pastores nativos que elas haviam preparado.

Em face desta notável realização, só nos resta perguntar: "Fala o Espírito Santo com duas vozes — ordenando às mulheres que não ensinem ou liderem, e depois abençoando-as ricamente quando desobedecem?" Se se objetar: "Mas devemos seguir as Escrituras e não a experiência", a objeção é válida; mas deve ser a Escritura corretamente interpretada, e neste caso o pressuposto seguramente é que a interpretação não está correta. Hoje, mais de 60% dos missionários são mulheres, a maioria das quais exercem funções que a posição extremada lhes negaria. Sem a contribuição delas para o ensino e muitas vezes para a liderança, a causa missionária ficaria imensuravelmente empobrecida.

Parece que Paulo não via discrepância alguma entre as instruções que ele deu e o fato de que em sua época as mulheres oravam, profetizavam, ensinavam e evangelizavam. Ele citou muitas mulheres entre seus amigos e cooperadores, e era afetuoso em seu louvor e apreço pelo serviço sacrificial que elas prestavam.

No capítulo 16 da epístola os Romanos, Paulo faz menção especial a quase tantas mulheres como homens, e as expressões que ele emprega jorram alguma luz sobre o papel e ministério das mulheres naqueles primeiros tempos da Igreja.

Febe (vv. I, 2) é descrita como "servindo". No grego é a palavra "diácono", que tem a mesma forma para o masculino e feminino. É a mesma palavra "servos" que Paulo empregou para referir-se a si mesmo e a Apoio (1 Coríntios 3:5), e não há base linguística ou teológica para diferençar a função de Febe e a dos outros diáconos. A palavra é empregada tanto para homens como para mulheres. Segundo comentário de D. G. Stewart, parece que as mulheres serviam como diáconos tanto quanto os homens, quer lhes fosse dado o título, quer não.

No versículo 2, a palavra traduzida por "ajudar" elucida ainda mais a função da mulher. Termos cognatos da mesma raiz são aplicados aos que exerciam liderança nas igrejas, por exemplo, "os que vos presidem no Senhor" (1 Tessalonicenses 5:12). Em Romanos 12:8 é traduzida "preside" e em 1 Timóteo 5:17 é aplicada "aos presbíteros que presidem... na palavra e no ensino". Assim, o termo que Paulo emprega poderia indicar que Febe não realizava apenas a função de um diácono mas que também tinha um papel administrativo.

Priscila (v. 3) parece ter sido mais dinâmica do que o marido, Aqüila, mas juntos funcionavam como uma equipe pastoral composta de marido e mulher, que dirigia uma igreja em sua casa em Corinto e em Roma. Que ela exercia um ministério de ensino está explícito em Atos 18:26, onde se declara que ela e o marido levaram para sua casa o eloquente Apolo e lhe expuseram com mais exatidão o caminho de Deus. Não há sugestão alguma de que ela em assim fazendo tivesse agido de modo contrário ao ensino de Paulo. Ela e Apoio compartilhavam o título e a tarefa de "cooperadores". Paulo afirma a dívida de "todas as igrejas dos gentios" ao ministério que exerciam em conjunto.

Júnias ou Júnia (v. 7) é tida na conta de mulher, tanto por Crisóstomo como por Teofilato. Antigos comentaristas consideravam Andrônico e Júnias como marido e mulher. Não se encontra Júnias em nenhum outro lugar como nome de homem. A respeito de Júnia escreveu Crisóstomo: "E, deveras, ser apóstolo é uma grande coisa. Mas estar mesmo entre esses notáveis constitui um grande elogio. Mas eram notáveis devido aos seus trabalhos, às suas realizações. Oh! quão grande é a devoção desta mulher, que ela devesse ser contada digna de referência do apóstolo!"[6]

Assim, embora não haja certeza absoluta, há bases razoáveis para considerar Júnia como apóstolo em sentido limitado.

Filhas de Filipe (Atos 21:9) são mencionadas por Eusébio como "poderosas luminárias". Elas exerciam o dom profético. Em 1 Coríntios I 1:5 Paulo deu instruções concernentes ao traje das mulheres quando oram ou profetizam, e nesse contexto não há distinção alguma entre o orar e profetizar dos homens (v. 4) e o orar e profetizar das mulheres (v. 5). Em cada lugar em que Paulo arrola os dons espirituais, a profecia recebe a posição principal como o dom mais importante, e em 1 Coríntios 14:3 ele especifica sua natureza e função: "Mas o que profetiza, fala aos homens, edificando, exortando e consolando." Seria ou não estranho se Paulo permitisse às mulheres exercerem o dom mais elevado da profecia, mas proibisse o dom menos importante do ensino?

Evódia e Síntique (Filipenses 4:2, 3) aparentemente possuíam posições de liderança na igreja de tal influência que seu desacordo fazia perigar a unidade da congregação. Embora não desculpando a desavença entre elas, Paulo as elogia calorosamente. "Juntas se esforçaram comigo no evangelho", partilhando a tarefa e o ministério comuns. Ele coloca-as ao lado de Clemente e dos demais cooperadores na proclamação do evangelho.

Esses casos são um bom exemplo para sustentar que mesmo na Igreja primitiva, a ordem de ficar calada não era absoluta, nem eram as mulheres impedidas de exercer um ministério frutífero e realizador.

Em 2 Timóteo 2:3 Paulo escreveu: "E o que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros." Na realidade, "homens" aqui é um termo genérico e poderia ser igualmente traduzido por "pessoas fiéis", expressão que incluiria as mulheres.

"Dificilmente se poderia negar que algumas mulheres hoje têm o dom de ensinar e de aplicar a Bíblia. Parece que esta seria uma medida da diferença entre nossa situação e a de Paulo quando não havia Novo Testamento para ensinar! Mas a concessão do dom de ensino é em si mesma indicação de que Deus tencionava que ele fosse usado na Igreja para edificação. É evidente, pois, que Deus tenciona que algumas mulheres ensinem e preguem."[7]

À luz do que ficou escrito, Paulo parece atribuir às mulheres um papel satisfatório se não dominante nos campos da oração, do ensino, da evangelização e da administração. Segundo ficou dito, não há precedente bíblico para que as mulheres tenham um papel dominante na liderança ou na teologia, mas na administração da Igreja e na execução da Grande Comissão o Espírito Santo concedeu às mulheres um raio de ação muito mais amplo do que em geral elas têm em nossas igrejas. Existe algum motivo válido para que sejamos mais seletivos do que o Espírito Santo?

11

Paulo e sua Filosofia da Fraqueza

Fazemos parte de uma geração que cultua o poder — militar, intelectual, econômico, científico. O conceito de poder integra nosso viver diário. O mundo se divide em blocos de poder. Por toda parte os homens lutam pelo poder em vários domínios, muitas vezes com motivação questionável.

Em nenhum assunto o contraste é mais inflexível e surpreendente que entre a perspectiva divina e a nossa. As palavras de Deus para a época de Isaías não são menos apropriadas para a nossa: "Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos" (Isaías 55:8). Diferente de todas as demais filosofias do mundo, o evangelho busca os fracos e os pobres.

O celebrado pregador escocês James S. Stewart fez uma declaração que é a um tempo revolucionária e desafiadora, porque desfere um golpe sagaz contra o orgulho e a autossuficiência do homem.

> É sempre sobre a fraqueza e humilhação humanas, e não sobre a força e confiança do homem, que Deus escolhe edificar seu Reino; e ele pode usar-nos não meramente a despeito de nossa mediocridade, incapacidade e enfermidades desqualificadoras, mas precisamente em virtude delas. É isto uma descoberta emocionante que pode revolucionar nosso panorama missionário.[1]

Essas palavras são deveras revolucionárias, porém não mais do que as de Paulo, pois o Dr. Stewart concorda inteiramente com a filosofia da fraqueza de Paulo. Observe algumas das declarações paradoxais do apóstolo:

> Deus... escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes (1 Coríntios 1:17).
>
> Foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós (1 Coríntios 2:3).

> Sinto prazer nas fraquezas... Porque quando sou fraco, então é que sou forte (2 Coríntios 12:10).
>
> O poder se aperfeiçoa na fraqueza (2 Coríntios 12:9).
>
> Não [me gloriarei], porém, de mim mesmo, salvo nas minhas fraquezas (2 Coríntios 12:5).

Essas passagens surpreendentes constituem um relicário dos princípios dominantes da liderança de Paulo, que deveriam ser nossos também. Eles invertem por completo o pensamento do mundo e desafiam os padrões sociais. Quem consideraria a fraqueza um característico da liderança? Mas Paulo havia aprendido que "a loucura de Deus" — atividades que parecem loucas para o não regenerado — "é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus" — operações divinas que aos homens parecem fracas e fúteis — "é mais forte do que os homens" (1 Coríntios 1:25).

Deus é um Deus que se oculta, e seu poder geralmente é poder oculto. Muitas vezes ele esconde sua onipotência sob um manto de silêncio. Quem nota as toneladas de seiva que circula no tronco de uma grande árvore? Com que silêncio e sem que o percebamos a água se transforma em gelo! A fraqueza de Deus é maior do que a nossa força.

Vemos a sabedoria e o poder ocultos de Deus, diz Paulo, no tipo de pessoas que ele escolhe para estabelecer o seu Reino.

> Não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios... a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus (1 Coríntios 1:26-29).

"Não se deve esquecer", escreveu A. T. Robertson, "que Jesus escolheu seus discípulos... dentre artesãos e pescadores... Ele ignorou os seminários teológicos rabínicos nos quais o impulso religioso havia morrido e o pensamento se cristalizara. Ele ignorará as escolas de hoje se os professores e alunos fecharem a mente para ele."[2]

Paulo, embora intelectual, gloriava-se no fato de que Deus deliberadamente havia escolhido, não muitos dos intelectuais de boa fama, nem os de fina estirpe, nem os poderosos e influentes, como escolhera pessoas fracas em dons e influência — muitas vezes os fisicamente fracos, e até pessoas sem importância — por meio das quais conceder suas bênçãos. Qual o motivo de tal escolha? "A fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus."

O Dr. Stewart vê na fraqueza humana uma arma divina potencialmente poderosa: "Nada pode derrotar a igreja ou a alma que toma não a sua força mas a sua fraqueza, e a oferece a Deus como arma. Foi assim que agiram missionários como William Carey, Francisco Xavier e o apóstolo Paulo. 'Senhor, aqui está a minha fraqueza: Consagro-a a ti para a tua glória!' Esta é a estratégia para a qual não há réplica. Esta é a vitória que vence o mundo."[3]

Evidentemente, Deus não se limita aos fracos e aos desprezados! Deus quer abençoar e usar todos os seus filhos, sem levar em conta as contingências de nascimento, talentos naturais, encanto, disposição. Mas ele só pode fazê-lo quando esses filhos estão dispostos a renunciar à dependência de seus dons e qualificações meramente naturais.

A afirmação de Paulo é que Deus pode realizar seu propósito mais plenamente ou na ausência de sabedoria, poder e recursos humanos, ou onde se abandona a confiança neles. A fraqueza humana proporciona o melhor motivo para a manifestação do poder de Deus.

O próprio Paulo foi um dos sábios, nobres, e influentes homens do seu tempo. Ele possuía poder intelectual, ardor emocional, zelo abrasador e lógica irresistível; não obstante, ele renunciou confiar nesses e em todos os demais artifícios à sua disposição. Observe o espírito com que ele apresentou seu ministério à igreja de Corinto:

> Foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder (1 Coríntios 2:3-4).

Muito embora fizesse uso de seus dons e qualificações, interiormente ele renunciou à dependência deles para alcançar resultados espirituais, e confiou no Espírito Santo para suprir o poder. Ele aceitou de bom grado a fraqueza que tornava mais completa sua dependência de Deus.

Dwight L. Moody, como Paulo, aprendeu a explorar o poder da fraqueza. Faltava-lhe instrução, seu físico não era atraente, tinha voz aguda e fanhosa. Mas a consciência de sua fraqueza não impediu que Deus abalasse o mundo por intermédio dele.

Certa ocasião um repórter, designado para cobrir suas campanhas e descobrir o segredo de seu extraordinário poder e influência sobre as pessoas de todas as camadas sociais, escreveu: "Não consigo ver coisa alguma em Moody que explique sua obra maravilhosa."

Quando contaram isto a Moody, ele sorriu, dizendo: "Claro que não, porque a obra é de Deus, e não minha." A fraqueza de Moody era a arma de Deus.

O "espinho na carne" de Paulo era um lembrete permanente de sua fraqueza, mas ele reconhecia que tinha um propósito — era para que sobre ele repousasse o poder de Cristo.

Com relação a este ponto, escreve James Denney: "Ninguém que visse isto [o poder] e olhasse para um pregador como Paulo poderia sonhar que a explicação residisse nele. Não era num judeu pequeno, feio, sem presença, sem eloquência, sem os meios para subornar ou compelir que se poderia encontrar a fonte de tal coragem, a fonte de tais transformações; ela devia ser buscada, não nele mas em Deus."[4]

É improvável que Paulo tenha manifestado fraqueza desde o começo do seu ministério. Como nós, sua inclinação seria protestar, e o processo educativo deve ter sido gradual. "Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação" (Filipenses 4:11). Mas, dominando ele a lei divina da compensação, chegou, finalmente, à posição elevada de poder dizer com sinceridade: "Sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte" (2 Coríntios 12:10).

Um grande segredo de seu êxito como líder foi que ele deu aos seus seguidores um exemplo brilhante de como tirar poder das fraquezas. Ele extraiu delas o segredo que possuíam, e mediante o ministério do Espírito descobriu que elas poderiam tornar-se uma fonte de poder.

Será que não temos a tendência de considerar nossa fraqueza e insuficiência como escusa para recusarmos uma atribuição difícil? Deus apresenta essas qualidades como motivos para que tentemos cumprir a atribuição. Se insistirmos em que somos fracos, ele assevera que foi por isso mesmo que nos escolheu, de sorte que seu poder se aperfeiçoe em nossa fraqueza. No capítulo 11 de Hebreus, diz-se dos heróis da fé que "da fraqueza tiraram força" (v. 34).

Em janeiro de 1866, logo no começo da Missão da China Continental, Hudson Taylor expressou sua filosofia da fraqueza, dizendo:

"Podemos adotar a linguagem do apóstolo Paulo, e perguntar: 'Quem é suficiente para estas coisas?' Sentindo fraqueza total em nós mesmos, deveríamos ser esmagados pela imensidão da obra que temos pela frente, e pelo peso da responsabilidade que recai sobre nós, não fosse o caso de que nossa fraqueza e insuficiência mesmas nos dão o direito especial de reivindicar o cumprimento da promessa divina: 'A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.'"

Cento e dezoito anos depois, a missão que ele fundou, hoje a Comunhão Missionária Além-mar, ainda está provando a validade desta filosofia.

12

Paulo Treina um Líder

Dizia John R, Mott que os líderes devem buscar a multiplicação de suas vidas preparando jovens, dando-lhes total liberdade de ação e adequada vazão para suas forças. Para esse fim, deve-se lançar sobre eles pesadas cargas de responsabilidade, incluindo oportunidades cada vez maiores de iniciativa e poder de decisão final. Deve-se dar-lhes reconhecimento e crédito generoso por suas realizações.

O método paulino de preparar Timóteo para a obra de sua vida foi profundamente instrutivo. Ele andou nas pegadas do seu Mestre, e suas técnicas estavam em plena harmonia com a receita de Mott. Paulo derramou sua própria personalidade e convicções sobre seu discípulo, e estava preparado para passar muito tempo na companhia do jovem.

Timóteo andava por volta dos vinte anos quando começou a ser tutelado. Criado numa atmosfera feminina, ele era mais propenso à dependência do que à liderança. Sua timidez inata e a tendência para a autocompaixão necessitavam, também, de correção e seu caráter carecia de mais firmeza. De referências incidentais poder-se-ia inferir que ele fosse por demais tolerante e parcial com pessoas importantes, e tendia a ser inconstante com relação ao seu trabalho.

Da exortação de Paulo para que Timóteo reavivasse o dom que nele havia, parece que, à semelhança de muitos outros, ele dependia de antigas experiências espirituais em vez de reacender a chama em novos encontros com o Senhor. A despeito dessas deficiências, Paulo nutria uma elevada opinião de seu potencial e tinha aspirações muito altas e precisas para ele. Paulo tinha-o na mais alta conta e não lhe poupava experiências difíceis. Nem o protegia das dificuldades que lhe enrijeceriam a fibra e comunicariam virilidade. Atribuía-lhe tarefas muito acima de sua capacidade, mas incentivava e fortificava-o na sua execução. De que outra maneira poderia um jovem desenvolver suas forças e capacidades senão tentando resolver situações que o forçavam a ir além do limite?

Uma grande parte do treinamento de Timóteo foi realizada no trabalho, enquanto viajava com Paulo — privilégio singular para uma pessoa tão jovem. Ele entrou em contato com homens de todos os tipos, homens cujas personalidades e realizações des-

pertaram nele uma ambição sadia. De seu tutor ele aprendeu a enfrentar triunfantemente as contrariedades e crises que pareciam rotina na vida e ministério de Paulo.

Foi-lhe permitido compartilhar o ministério com os colegas. Paulo confiou-lhe a responsabilidade de estabelecer núcleos cristãos em Tessalônica e confirmá-los na fé, tarefa que mereceu a aprovação do apóstolo. Foi enviado a Corinto — uma cidade difícil onde a autoridade apostólica de Paulo era contestada — para resolver certos problemas. Pode ser que ele tenha fracassado, mas enquanto trabalhava, aprendeu lições valiosas. Como geralmente acontece, os padrões exigentes de Paulo, as elevadas expectativas e as pesadas demandas serviram para revelar o que havia de melhor no jovem e livrá-lo da mediocridade.

Diz o adágio que os grandes homens se fazem mais por seus fracassos do que por seus sucessos. Abraão Lincoln é, talvez, um dos exemplos mais bem conhecidos dessa afirmativa. Fracassou nos negócios; fracassou como advogado; fracassou como candidato à câmara legislativa estadual. Foi impedido em sua tentativa de tornar-se comissário do Departamento Geral de Terras. Foi derrotado em seus esforços para alcançar a vice-presidência da República e o Senado. Mas ele não permitiu que o fracasso lhe arruinasse a vida, nem deixou que fizesse dele um homem amargo.

Numa época em que um homem abaixo de trinta anos não era considerado digno de muita atenção, a juventude de Timóteo era uma nítida desvantagem. Mas isso não impediu que Paulo lhe desse responsabilidades desde logo e o incentivasse a não se desanimar.

"Ninguém despreze a tua mocidade", aconselhou o apóstolo; "pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza" (1 Timóteo 4:12). Essas são qualidades nas quais a juventude tende a ser deficiente. A vida exemplar poderia compensar sobremodo a desvantagem da pouca idade. Paulo ensina a importante lição de que é sábio confiar a pessoas jovens promissoras e estáveis razoável responsabilidade, de preferência mais cedo do que mais tarde.

A exortação de Paulo

Paulo concentrou seu conselho a Timóteo numa exortação de quatro partes.

A fim de encorajar e fortificar o jovem pastor para sua difícil tarefa em Efeso, e para a qual ele se sentiria de todo insuficiente, Paulo dirigiu-lhe quatro solenes exortações, das quais podemos aprender o que ele julgava mais importante na obra pastoral.

Guarda o que te foi confiado

"E tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado, evitando os falatórios inúteis e profanos, e as contradições do saber, como falsamente lhe chamam, pois alguns, professando-o, se desviaram da fé" (1 Timóteo 6:20, 21).

A Timóteo foram confiadas as verdades da salvação de Deus, e ele teria de prestar contas de sua administração. Ele devia usar os dons espirituais da melhor maneira possível na promoção do Reino de Deus. Ele fora nomeado arauto, e devia, portanto, fazer soar a Palavra: "Deste evangelho fui constituído arauto". E ao proclamá-lo devia estar seguro de conservar intacto o que lhe fora confiado. Devia defender a fé contra os ataques dos falsos mestres, bem como pregá-la positivamente.

Em nossa reação justificável a um fundamentalismo frio que tem traído a sua causa mediante ataques cáusticos às personalidades, é preciso que não nos tornemos tão tolerantes que deixemos de guardar o que nos foi confiado. É possível contender pela fé sem ter espírito contencioso.

Atuar sem parcialidade

"Conjuro-te perante Deus e Cristo Jesus e os anjos eleitos, que guardes estes conselhos, sem prevenção, nada fazendo com parcialidade" (1 Timóteo 5:21).

Teria, porventura surgido esta exortação do temor que tinha Paulo de que o jovem Timóteo fosse facilmente influenciado pela pressão de certos grupos — situação que não é desconhecida na obra cristã de nossos dias?

Todos nós estamos sujeitos a considerações subjetivas e necessitamos do enrijecimento provido por esta severa exortação. Na obra cristã são essenciais a imparcialidade absoluta, a honestidade e a integridade irrepreensíveis. Nossas próprias aversões ou afinidades devem ser postas de lado. A palavra "parcialidade" implica preconceito — que é prejulgamento. Até os homens do mundo esperam justiça e imparcialidade, e a Igreja deveria determinar o padrão, visto que o seu bem-estar depende de uma disciplina imparcial.

Guardar imaculados os princípios

"Exorto-te... que guardes o mandato imaculado, irrepreensível, até à manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo; a qual em suas épocas determinadas, há de ser revelada pelo bendito e único Soberano" (1 Timóteo 6:13-15).

Parece que Paulo estava exortando Timóteo a guardar a incumbência que lhe fora confiada, os princípios entesourados na Palavra de Deus, imaculados e sem defeitos

até à manifestação de Cristo. O líder é o guardador dos princípios da igreja, da missão ou da organização sob sua responsabilidade. Compete-lhe praticá-los, ensiná-los e prezá-los, e cuidar para que sejam conscienciosamente observados pelos que estão sob seus cuidados.

Conservar o senso de urgência

"Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino; prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta" (2 Timóteo 4:1, 2). Convém ter em mente que Paulo previa sua morte para breve e estava, portanto, mais do que o comum, sob a influência do mundo vindouro. Sua exortação seria especialmente solene para o jovem colega.

"Prega a palavra — proclama-a em toda a sua glória e perfeição", instava ele. "Esteja preparado, quer a oportunidade pareça favorável, quer desfavorável. Aproveita todas as oportunidades. Nunca perca seu senso de urgência. Tome a iniciativa e vá em frente com zelo infatigável."

O velho guerreiro adquirira o direito de transmitir essas exortações ao mais jovem, pois ele as havia demonstrado a um grau único em sua própria vida e ministério.

Palavras dignas

Nas cartas pastorais que Paulo escreveu para estimular e apoiar a Timóteo, ele pormenoriza cinco "palavras dignas", cada uma das quais apresenta aspectos importantes da vida e do serviço cristãos. Ao empregar a fórmula: "Fiel é a palavra e digna de toda aceitação", ele chamava a atenção para as palavras que evidentemente eram correntes nas igrejas da época, e nos dias de hoje também.

Salvação

"Fiel é a palavra e digna de toda aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (1 Timóteo 1:15).

Esta palavra que resume o evangelho é um epigrama surpreendente porém simples, que tem resistido ao teste severo do desafio e da experiência. Ele emergiu com brilho total do cadinho do ridículo e da perseguição, e deve, portanto, receber assentimento espontâneo e entusiasta.

Paulo emprega aqui a expressão "veio ao mundo", não meramente para exprimir troca de local, mas também mudança de estado e de meio ambiente. Está implícito o sacrifício supremo — "salvar os pecadores". Quanto mais ele compreendia a magnitu-

de do sacrifício de Cristo e da graça de Deus, tanto mais profunda era a consciência que tinha de sua própria desvalia — "dos quais eu sou o principal".

Liderança

"Fiel é a palavra: Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja" (1 Timóteo 3:1). Conviria notar que a excelência está na própria tarefa, e não no prestígio que ela possa conferir.

Seria de perguntar: "Não tende esta palavra a incentivar a ambição indigna ou pecaminosa?" Não deveria o ofício buscar o homem, em vez de o homem buscar o ofício?

Sim e não! Hoje o ofício de bispo ou supervisor é prestigioso, mas na época em que Paulo escreveu essas palavras, continha um grande grau de sacrifício e perigo. Assumir este ofício na igreja era um convite à perseguição, às dificuldades e até mesmo à morte — como ainda hoje acontece em algumas terras. Isto, certamente, tenderia a sufocar as ambições erradas.

Nas circunstâncias daqueles dias, necessitava-se de forte incentivo para levar o tipo certo de pessoa a aceitar o episcopado, e Paulo procurava proporcionar tal incentivo.

Santificação

Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna. Fiel é a palavra, e quero que, no tocante a estas coisas, faças afirmação (Tito 3:5-8).

Quais eram as coisas que o jovem líder devia afirmar? (a) A filantropia de Deus (v. 4) — sua infalível bondade e longanimidade. Isto se contrasta com a maldade humana do versículo 3, e realça as trevas do seu passado com a luz da presente experiência; (b) o poder regenerador e renovador do Espírito Santo (v. 5); (c) a graça de Cristo em tornar-nos seus herdeiros (v. 7). Como resultado desta ação da Trindade, temos a esperança da vida eterna; (d) o Espírito Santo não é dado parcimoniosamente, mas derramado "sobre nós ricamente" (v. 6). Tito deve proclamar essas verdades com absoluta certeza.

Sofrimento

"Fiel é a palavra: se já morremos com ele, também viveremos com ele; se perseveramos, também com ele reinaremos; se o negamos, ele por sua vez nos negará; se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo" (2 Timóteo 2:11-13).

Este é um dos hinos da igreja primitiva que realça o fato de que a Igreja é herdeira da Cruz. Nos dias perturbados em que vivemos, quando a violência e a revolução parecem endêmicas, nosso ensino deveria preparar as pessoas para tais situações como as que os cristãos enfrentam em muitos países. Lutero escreveu: "Se morrermos por lealdade a Cristo, também viveremos com ele na glória."

A lealdade a Cristo será recompensada, e a deslealdade trará sua própria retribuição. Se escolhemos morrer para as comodidades e vantagens terrenas por amor a Cristo, teremos compensações celestiais.

Como deveríamos alegrar-nos por haver algumas coisas que Deus não pode fazer — "de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo".

Autodisciplina

"Exercita-te pessoalmente na piedade. Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser. Fiel é a palavra e digna de inteira aceitação" (1 Timóteo 4:7-9).

O quadro apresentado nesses versículos é de uma praça de esportes onde a juventude atlética treinava para a arena. Paulo exorta Timóteo a não limitar-se meramente à meditação, mas a exercitar-se vigorosamente no viver piedoso. A passagem transmite energia e disciplina. O atleta não poupa esforço ou abnegação a fim de conquistar o prêmio. Assim como ele descarta tudo quanto impede o progresso, do mesmo modo deve proceder o cristão. A musculatura morai e os tendões espirituais desenvolvem-se mediante sério exercício no domínio do Espírito, e pagará belos dividendos na vida por vir.

A disciplina e o exercício físico são valiosos, mas quando comparados com a disciplina espiritual, seus benefícios são limitados. Aquela resulta em beleza física; esta, na vida eterna. Aquela concerne ao tempo presente; esta tem efeitos eternos. Não se deve, contudo, menosprezar o exercício físico, pois o corpo é templo do Espírito Santo.

Reavivar o Dom

Na ordenação de Timóteo, Paulo e os presbíteros impuseram as mãos sobre ele, e ele recebeu o dom da graça do Espírito que o prepararia como representante apostólico. Ciente da fraqueza do jovem, Paulo fez-lhe uma dupla exortação.

"Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério" (1 Timóteo 4:14). Não descuides o depósito sagrado! Tratava-se de um dom do Espírito concedido soberanamente — não uma operação externa, mas uma graça interior. Evidentemente, a eficácia do dom não era automática — ela podia declinar. "Não deixes que ele sofra por negligência", foi o conselho.

"...que reavives o dom de Deus, que há em ti pela imposição das minhas mãos. Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (2 Timóteo 1:6-7). Não era o caso de ele precisar de um novo dom. "Reaviva o fogo interior" é a tradução de J. B. Phillips. O fogo havia diminuído.

Percebia Paulo que o zelo de Timóteo começara a arrefecer? A chama não aumenta automaticamente; a tendência é sempre a abaixar. No caso de Timóteo havia muita coisa que podia extinguir a chama. "Mantenha a chama bem viva" ou "reacenda" o fogo se ele se apagou! Coloque novo combustível nas brasas que estão a apagar-se!

Paulo desafia a Timóteo e o incentiva, dirigindo-lhe a atenção para a natureza do dom divino. O dom, *charisma* do versículo 6, caminha ao lado do Espírito, *pneuma* do versículo 7.

Perguntemos a nós mesmos: temos negligenciado o dom? A chama de nossa vida precisa ser reavivada?

13

Esforçando-se Para Alcançar o Alvo

A despeito de todas as suas realizações e sucessos, de maneira alguma Paulo era autoconfiante. Ele não tinha dúvida quanto à sua salvação, mas estava dolorosamente cônscio da possibilidade de ser desclassificado na corrida e não atingir o ponto de chegada. Por isso, ele praticava constante domínio-próprio: "Esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado" (1 Coríntios 9:27).

Ele não desconhecia o interior de uma prisão. Sua visita a Jerusalém (Atos 21:7) por volta do ano 58 d. C. resultou num encarceramento de cinco anos — doloroso e cansativo para ele, mas muito frutífero para a Igreja. Era o caso de "Do comedor saiu comida, e do forte saiu doçura". Provou que não era perda de tempo, e resultou no enriquecimento da Igreja e do mundo pelos séculos seguintes.

A história revela que a maldade humana é controlada pela soberania divina. Os judeus desejavam que Paulo fosse transferido de Cesaréia para Jerusalém. Tivesse Festo atendido às exigências deles, talvez o Novo Testamento não contasse com Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom.

O apelo que Paulo fez para César (Atos 25:11) levou a dois anos de prisão em Roma onde ele gozou de certa liberdade. A este período é que devemos 1 e 2 Timóteo e Tito. O que na ocasião parece tragédia, com o tempo verifica-se que foi triunfo. Foi num campo de concentração que João escreveu o Apocalipse. Enquanto na prisão de Bedford, Bunyan escreveu sua obra imortal *O Peregrino*.

A maneira pela qual Paulo usou seus infortúnios deveria estimular os que estão "presos" em virtude de má saúde ou de outros motivos, a serem engenhosos na busca de meios pelos quais possam usar as circunstâncias limitadoras com vantagem.

Paulo está agora prestes a passar a tocha ao jovem Timóteo. "Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas", escreve ele; "suporta as aflições, faze o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério. Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a

carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia" (2 Timóteo 4:5-8).

Visto que o seu próprio ministério chegava ao fim, Paulo exortava Timóteo a cumprir cabalmente o dele, a qualquer custo. A palavra grega "partida" é a mesma usada com referência a soltar as amarras de um navio. O apóstolo estava zarpando da praia celestial, porém fazia-o com um senso de "missão cumprida". Que modelo para Timóteo — e para nós também! A tocha está agora em nossas mãos!

Missão cumprida

Diz a tradição que, como resultado de haver apelado para César, após dois julgamentos no ano 68 d. C., Paulo foi executado.

Relata-se que Nero saiu de viagem enquanto Paulo Esforçando-se Para Alcançar o Alvo 189 estava em Roma; entrementes, uma de suas concubinas foi ganha para o Senhor por intermédio do apóstolo. Quando Nero voltou para casa, ela havia-se juntado a um grupo cristão, abandonando o imperador. Nero ficou tão furioso que descarregou sua ira sobre Paulo, que foi levado para a Via Óstia onde o executaram.

Notas

Capítulo 1

[1] *Newsweek*, 21 abr. 1980, p. 4.

[2] Charles E. Jefferson, *The Character of Paul* (Mac-Millan, N.Y., 1924), p. 32.

Capítulo 2

[1] John Pollock, *The Man who Shook the World* (Wheaton, Victor Books, 1972), Prefácio.

[2] Robert E. Speer, *Paul, the All-round Man* (Nova York, Revell, 1909), p. 102.

[3] Frederick B. Meyer, *Paul* (Londres, Morgan & Scott, 1910), p. 34.

[4] *The Character of Paul*, p. 19.

[5] J. W. Oswald Sanders, *Bible Men of Faith* (Chicago, Moody, 1966), p. 200ss.

[6] *The Sunday School Times*, 30 set. 1928, p. 397.

[7] Clarence Macartney, *The Greatest Men of the Bible* (Nova York, Abindgdon, 1941), p. 14.

Capítulo 3

[1] John R. W. Stott, *God's Men* (Chicago, Inter-Varsity, s/d), p. 24.

[2] Robert E. Speer, *The Man Paul* (Londres, S. W., Partridge, s/d), p. 289.

[3] Reginald E. O. White, *Apostle Extraordinary* (Londres, Pickerings, 1962).

[4] James T. Dyet, *Man of Steel and Man of Velvet* (Denver, Accent Books, 1976), p. 55.

[5] Harrington C. Lees, *St. Paul and his Friends* (Londres, Robert Scott, s/d), p. 11.

[6] *Paul the All-Round Man*, p. 124.

[7] Phyllis Thompson, *D. E. Hoste* (Londres, Lutter-worth Press, s/d), p. 157.

[8] William Barclay, *Letters of Peter and Jude* (Edimburgo, St. Andrews Press), p. 258.

Capítulo 4

[1] Alden W. Tozer, *The Knowledge of the Holy* (Harrisburg, Christian Publications, 1961), p. 9.

[2] Frank Colquhoun, *Total Christianity* (Chicago, Moody, 1962), p. 60.

Capítulo 6

[1] Edward M. Bounds, *Prayer and Praying Men* (Londres, Hodder & Stoughton, 1921), p. 109.

[2] Handley C. G. Moule, *Secret Prayer* (Londres, Marshalls, s/d), p. I 13

Capítulo 7

[1] Kenneth Gangel, *So you want to be a Leader* (Harrisburg, Christian Publications, 1973), p. 14.

[2] Edward M. Blaiklock, *Bible Characters* (Londres, Scripture Union, 1974), p. 127.

Capítulo 8

[1] George W. Peters, *Biblical Theology of Missions* (Chicago, Moody, 1972), p. 165.

[2] J. Oswald Sanders, *Bible Men of Faith*, p. 219.

Capítulo 9

[1] A. T. Robertson, *The Glory of the Ministry* (Nova York, Revell, 1911), p. 59.

[2] Citado em *Master of the Heart*, de Robert E. Speer (Nova York, Revell, 1908), p. 39.

[3] *Paul the All-round Man*, p. 65.

[4] *Apostle Extraordinary*, p. 62.

[5] *The Man Paul*, p. 107.

[6] A. T. Robertson, *Word Pictures of New Testament* (Nova York, Harpers, 1930), p. 248.

[7] Henry F. Rali, *According to Paul* (Nova York, Scribers, 1944), p. 215.

[8] *The Greatest Men of the Bible*, p. 18.

Capítulo 10

[1] Don Williams, *Paul and Women in the Church* (Glendale, Gospel Light, 1977), p. II.

[2] *The Man Paul*, p. 104.

[3] *Evangelicals and the Ordination of Women* (Kent, Grove Books, 1973), p. 24.

[4] *Paul and Women in the Church*, p. 112.

[5] *Evangelicals and the Ordination of Women*, p. 21.

[6] Sanday and Headlam, *The Epistle to the Romans* (Edimburgo, T. & T. Clark, 1902), p. 423.

[7] *Evangelicals and the Ordination of Women*, p. 25.

Capítulo 11

[1] James S. Stewart, *Thine is the Kingdom* (Edimburgo, St. Andrews Press), p. 23.

[2] A. T. Robertson, *The Glory of the Ministry* (Nova York, Revell, 1911), p. 253.

[3] Ibid., p. 24.

[4] James Denney, *Expositors Bible: Corinthians* (Londres, Hodder & Stoughton), p. 160.